

A Casa de Além

Da Arquitectura Popular ao Projecto de Reabilitação

Dissertação de Mestrado Integrado

Catarina Carneiro Queirós

FAUP

2013/2014

A Casa de Além - Da Arquitectura Popular ao Projecto de Reabilitação
Catarina Carneiro Queirós
Dissertação de Mestrado Integrado
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Orientação do Professor Adalberto Dias
Porto, Setembro de 2014

Identificação

Agradecimentos à FAUP
ao arquitecto Adalberto Dias pelo acompanhamento
à minha família e amigos pelo apoio
Obrigada.

Por opção da autora, manteve-se nesta Dissertação de Mestrado o antigo Acordo Ortográfico.

As citações utilizadas encontram-se nas suas respectivas línguas originais para que se mantenha o rigor e sentido de cada expressão.

Algumas das imagens apresentadas foram recortadas e/ou sofreram alteração para cor monocromática relativamente às originais.

Resumo

Na presente Dissertação de Mestrado, “A Casa de Além – Da Arquitectura Popular ao Projecto de Reabilitação”, elabora-se um estudo de apoio a um projecto de intervenção num edifício existente. O projecto surge de uma proposta real para a reabilitação de um conjunto arquitectónico e paisagístico rural composto pela Casa de Além, um sequeiro, eira e espigueiro, bem como os campos adjacentes, localizado no concelho de Cabeceiras de Basto. Este exercício é acompanhado de uma reflexão teórica ao nível da contextualização e intervenção na pré-existência.

Desta forma, a dissertação divide-se em dois grandes capítulos definidos tomam-se como bases teóricas para o projecto de intervenção apresentado. Primeiramente desenvolve-se um enquadramento ao objecto de estudo focando os temas da paisagem ao construído. Através do reconhecimento do território, da história e memórias do lugar, consequentemente ligada ao vernáculo, estuda-se a arquitectura popular, incluindo a explicitação de conceitos, exemplificando com base nas mais significativas bibliografias os tipos de arquitectura e ainda recorrendo à análise de arquétipos de referência no concelho.

O segundo capítulo apresenta as bases documentais de referência para o projecto de intervenção. As teorias do restauro são guias orientadoras para qualquer projecto de reabilitação. Estas, associadas a referências de projectos de intervenção de outros arquitectos dão uma importante aprendizagem sobre como fazer. É através da análise de projectos de reabilitação feitos por arquitectos portugueses e estrangeiros que se procura compreender os diferentes processos de projecto e modos de operar. São assinaladas as opções tomadas ao nível da resolução de alguns detalhes de interesse para o estudo do projecto de tese, bem como a ideia base de toda a intervenção.

As duas fases de desenvolvimento desta tese culminam no projecto de intervenção, concluindo o processo. Este é reflexo de toda a compreensão e aprendizagem feita anteriormente, adoptando e referenciando as temáticas desenvolvidas. Apesar de uma abordagem mais académica e descomplexada, este projecto pretende servir de base para uma futura intervenção real.

Abstract

In this Master thesis “A Casa de Além – Da Arquitectura Popular ao Projecto de Reabilitação”, a study that supports the architectural intervention on an existing building is elaborated. The project is developed from a real proposal for a rehabilitation of a rural complex and landscape that is composed by a house, a cellar with an eira and a typical espigueiro, as well as the surrounding fields, located in Cabeceiras de Basto county, in northern Portugal. The rehabilitation of Casa de Além is an exercise followed by a theoretical essay focusing on the contextualization and intervention on the pre-existing elements.

The thesis divides itself in two large chapters defined as theoretical bases that support the presented intervention project. Initially is developed a contextual framing of the study piece, focusing the themes from landscape to the built components. Through the reconnaissance of the territory, its history and memories the landscape is characterized. The local vernacular architecture of Minho region is addressed, explaining concepts, illustrating existing building types, using the most significant written references on the subject as a base for the study. Recalling to the analysis of referential archetypes through the nearby villages helps the comprehension of the study.

The second chapter presents the theoretical basis for the intervention project, from theories to practical examples. The theories of rehabilitation are essential guides for any action on an existing object. When associated to project references of other architects these examples value the experience by defining useful guidelines on how to act more consciously. The analysis of these case study, by Portuguese and foreign architects is a fundamental practice to comprehend the different procedures and ways of working that invariably change according to each situation. The adopted logics are recognized as well as the conditions they were used as to signify a valid contribution to the study of the thesis project, from the basic idea to detail.

The two developing phases of this thesis culminate on the intervention project for Casa de Além. The project is a result of the assimilation of the theory studies, confronted by the unique specifications of the site and the pre-existing buildings. Even though this is an academic approach to a real situation, it intends to be a guide for a future real intervention.

Índice

Introdução	13
I ENQUADRAMENTO	15
. Paisagem	17
O Território	21
O granito	29
. Construído	33
Vernáculo/Popular	35
Estudos sobre Arquitectura Popular	39
Arquitectura Popular no Minho	47
Arquétipos no Concelho de Cabeceiras de Basto	65
II INTERVENÇÃO	71
. Referências	73
Teorias da Reabilitação	75
Referências de Projecto	83
. Pré-existência	103
O Lugar	105
História e Evolução Morfológica	107
A Casa Pátio Rural	111
Caracterização Construtiva	113
. Projecto	117
Encomenda e Programa	121
Memória Descritiva	123
Desenhos de Projecto	133
Anexos	
Bibliografia	
Índice de Imagens	

Introdução

(objecto, objectivo e método)

Nesta tese de dissertação de Mestrado procura-se documentar o estudo e o processo de intervenção num conjunto edificado – Casa de Além, em Chacim, concelho de Cabeceiras de Basto – exemplo de arquitectura popular do século XVIII.

O projecto de intervenção surge da vontade iniciativa dos proprietários recuperarem esta casa para segunda residência. Trata-se de um conjunto rural – casa de lavoura tradicional - composto por diversas construções, uma das quais de maiores dimensões correspondente à habitação. Por se estar perante um exemplar de arquitectura popular, que se manteve praticamente inalterado até aos dias de hoje, entendeu-se fundamental executar um levantamento e registo rigoroso para documentação de todos os elementos que o integram. Desde a primeira abordagem ao conjunto que surgiu a intenção da sua reabilitação, correspondendo também à pretensão manifestada pelos proprietários.

Para apresentação desta Tese, que respeita à explicitação de um processo, considerou-se conveniente dividi-la em duas partes: a primeira de contextualização e a segunda sobre o projecto intervenção. Atendendo à importância que o conhecimento e interpretação da pré-existência teve para o projecto, num primeiro momento procura-se fazer uma abordagem ao objecto de estudo, caracterizando o seu enquadramento territorial, histórico e arquitectónico, nomeadamente a arquitectura popular com especial relevância na percepção deste caso. Seguidamente, enunciam-se as referências teóricas e projectuais que estiveram na base das opções da intervenção, e expõem-se as conclusões retiradas do estudo através da documentação e registo das pré-existências para uma percepção do objecto bem como para aprofundar o seu conhecimento.

Durante todo este processo, desenvolvimento dos estudos e do projecto, ocorreram diversas visitas ao local e à casa, mas também se percorreu todo o concelho, para um melhor conhecimento do território em causa.

Por último, apresenta-se o projecto de reabilitação da Casa.

I

ENQUADRAMENTO

Paisagem

Construído



PAISAGEM



Figura 1
A Casa de Além
inserida na
paisagem

Numa abordagem inicial ao caso de estudo considerou-se importante fazer um enquadramento ao nível da paisagem que o contextualiza. Assim, este primeiro capítulo foca-se em duas vertentes do contexto territorial onde este se insere: a **paisagem** e o **construído**. Esta análise mostra-se essencial uma vez que “*conhecer uma terra é perceber a interação entre o meio e o homem*”¹, condicionantes que influenciam a cultura de um povo. É importante e necessário que se compreenda o lugar para uma intervenção coerente com a identidade local, permitindo perceber a origem e os princípios que condicionam a arquitectura autóctone.

Objecto de Estudo

O projecto de intervenção desta dissertação é uma casa situada no Norte de Portugal entre as regiões do Minho e Trás-os-Montes, denominada **Casa de Além**. A caracterização do território onde esta se insere é por vezes ambígua, pois possui atributos de ambas as regiões, tanto a nível paisagístico como arquitectónico: “*(...) não podemos considerar uma linha (ou uma zona) que estabeleça a nítida separação das terras de Entre Douro e Minho para as de Trás-os-Montes*”². Considerando-se que o **rio Tâmega** estabelece esta fronteira e atendendo ao facto que a Casa de Além se insere na paisagem da sua margem direita, mais próxima do território que habitualmente se associa ao **Minho**, desenvolveu-se uma abordagem e análise mais extensa desta região. O poeta Teixeira de Pascoaes³ descreve esta paisagem que se avista do Marão distinguindo estas duas regiões, “*para as bandas de nascente, o escuro e montanhoso Trás-os-Montes; e, para os lados de noroeste e nordeste, o Minho viridente. Depois, aproximando o olhar, descobre, nesta mesma direcção, as terras vizinhas do Tâmega que participam de Trás-os-Montes pelo acidentado do terreno e do Minho pelo verde e alegre colorido dos seus vales e pradarias. O doloroso drama transmontano e o bucólico idílio minhoto, fundem-se na região do Tâmega, numa paisagem original que é o próprio busto panteísta do génio dos lusíadas*”⁴.

1 FERNANDES, Isabel M., in AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 13

2 AA.VV., *Arquitectura Popular Em Portugal*, 2ª ed., Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 115

3 Teixeira de Pascoaes (1877 - 1952) foi um poeta e escritor português de Amarante, principal representante da corrente Saudosista em Portugal.

4 PASCOAES, Teixeira in *Cabeceiras de Basto: História e Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 32



Figura 2
Paisagem do
Minho

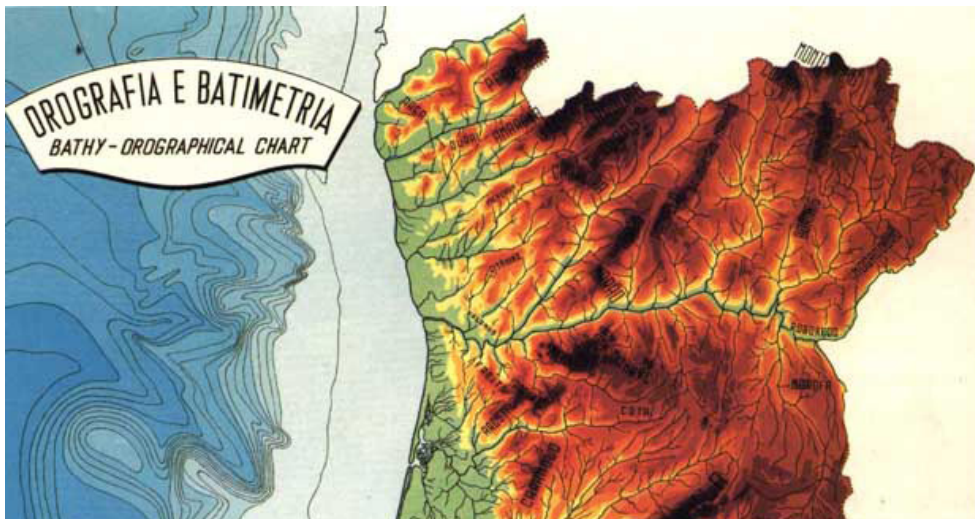


Figura 3
Mapa Orográfico
de Portugal

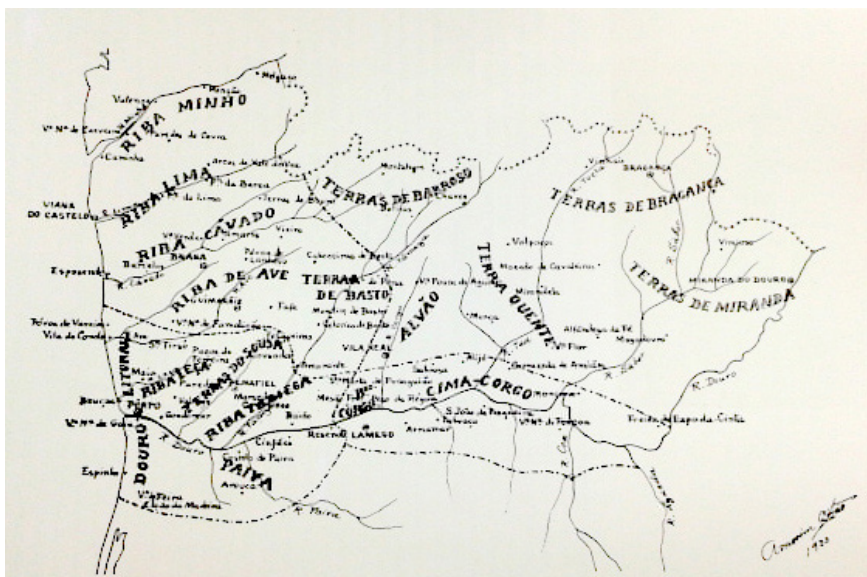


Figura 4
Mapa das regiões
e sub-regiões do
Norte de Portugal

O Território

A relação de Portugal com o oceano Atlântico é muito franca, principalmente em todo o litoral, embora no interior as influências mediterrânicas também se façam sentir. Tal como Pequito Rebelo refere *“Portugal é mediterrâneo por natureza, atlântico por posição”*⁵.

Minho A região do Minho é particularmente caracterizada pela grande diferença de cotas entre a planície litoral e as montanhas que se erguem no interior, dando origem a climas distintos. Enquanto no litoral se sentem as influências Atlânticas, sendo por isso mais fresco e bastante chuvoso, o interior atinge grandes amplitudes térmicas. Esta região é sobretudo húmida, com pluviosidade generosa, o que faz com que os solos sejam muito ricos em água, fundamentalmente nos vales, dando origem a uma extensa rede hidrográfica.

Terras de Basto Inseridas na região do Minho, na fronteira com Trás-os-Montes, encontram-se as denominadas **Terras de Basto**, consideradas uma sub-região, encaixada entre a serra da Cabreira e do Alvão. A **Serra da Cabreira** é uma serra granítica com influência predominante na cultura e paisagem da região. José Saramago que por estas terras andou ao realizar uma viagem por Portugal, refere-se ao nome destas terras como de grande preceito *“pois só Basto há três, duas são as Cabeceiras, e ainda temos o Mondim e Celorico, Canedo e Refojos, tudo de Basto, com muita honra.”*⁶. As Terras de Basto compreendem três concelhos: Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Mondim de Basto. Constitui um sistema de vales orientados a Sul que se estendem na bacia hidrográfica do **Tâmega**, caracterizado por uma geografia acidentada, cujos solos, de constituição predominantemente granítica, formam vastas áreas montanhosas, recortadas pontualmente pelos muitos afluentes deste rio. Embora seja a linha de água dominante nesta área, nem sempre se impõe visualmente, em virtude do seu percurso se fazer num vale encaixado. A zona é muito rica em flora, albergando uma grande diversidade de espécies arbóreas nas áreas montanhosas, sendo as mais comuns os pinheiros bravos, os castanheiros, os carvalhos e os sobreiros. As culturas agrícolas desta região são o milho, batata, feijão, o vinho verde, através da tradicional vinha de enforcado, olival e árvores de fruto, conjugadas com zonas de pastoreio, nomeadamente do gado bovino, ovino e caprino.

5 REBELO, Pequito, *A Terra portuguesa*, Lisboa: Ottostráfica, 1929, p.55

6 SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Lisboa: Editorial Caminho, 1992, p. 34



Figura 5
As antigas freguesias de Cabeceiras de Basto

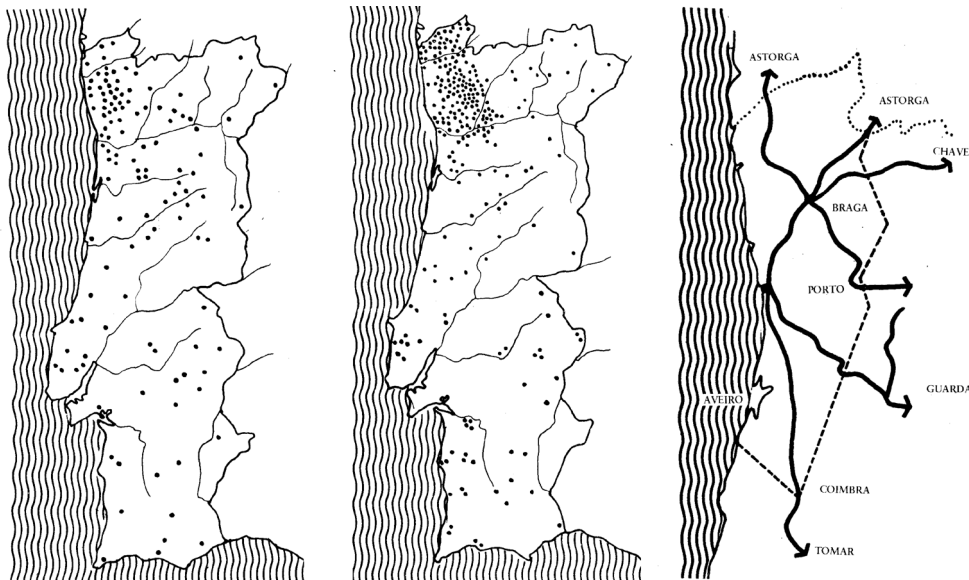


Figura 6
Carta pré-histórica. Dólmenes (seg. Amorim Girão)

Figura 7
Carta pré-histórica. Posições Castrejas (seg. Amorim Girão)

Figura 8
Esquema das Estradas Romanas (Itinerário de Antonino Pio)



Figura 9
Paisagem do Minho marcado pela dispersão das povoações

Cabeceiras de Basto

A Casa de Além localiza-se no concelho de **Cabeceiras de Basto** que pertence ao distrito de Braga. O concelho divide-se em 8 freguesias e 4 uniões de freguesias, que se estendem por uma área total de 241km², e tem uma população de 16.710 habitantes⁷.

História

Segundo o arqueólogo Francisco Reimão Queiroga⁸, não se consegue definir com exactidão a data dos primeiros vestígios de ocupação nesta região, sabendo-se apenas que se iniciou na época da **Pré-História**. Recorrendo aos vestígios arqueológicos encontrados na região, como por exemplo *mamoas*⁹ conseguiu-se determinar que “*os vestígios mais antigos de ocupação nesta área datam dos primórdios da agricultura*”¹⁰. A Idade do Ferro ficou marcada neste território pelo aparecimento de castros¹¹. Existem indícios deste tipo de assentamento nas freguesias de Cavez (Castro de Moimenta), Pedraça (Castro de Outeiro dos Mouros) e Refojos (Castro de Chamoim, o de Santa Comba e a Cividade de Chacim). Atentando aos **vestígios romanos** encontrados no Castro de Santa Comba, que “*podem apoiar a convicção de este local ter sido capital de civitas*”¹², há referências que este povo também ocupou este território.

Com o aparecimento destes aglomerados populacionais dispersos pela paisagem, surgem necessidades provocadas por um modo de vida mais sedentário. Nasce pequenas **aldeias** que passam a ter outro significado quando a elas se associa a ocupação dos terrenos para agricultura, gerando um “*ecossistema produtivo*”¹³. Estas desenvolvem-se na extensão do território multiplicando-se com alguma intensidade e constituindo-se como **paróquias** ao longo da afirmação do Cristianismo. Posteriormente intensifica-se a dispersão destes aglomerados num processo de *ruralização*. Investigadores sublinham que o perfil demográfico da região se mantém praticamente constante desde os tempos pré-romanos; “*a composição alargada do agregado familiar, que se manteve viva até à época moderna, e a sua adequação a um espaço permanente na arquitectura da casa rural do Norte.*”¹⁴.

7 Dados de acordo com os Censos de 2011 e retirados do site: <http://cabeceirasdebasto.pt/>.

8 Francisco Reimão Queiroga é um arqueólogo português, doutorado em Arqueologia pela Universidade de Oxford.

9 *Mamoas* é um monumento megalítico do período Neolítico. O megalitismo é considerado a fase mais revolucionária e marcante da história da humanidade porque define os primórdios da agricultura e sedentarização.

10 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 18

11 *Castros, cidades ou citânias* são nomes que designam os primeiros assentamentos fixos das povoações existentes no Noroeste Peninsular no período pré-romano, entre os séculos IX e I a.C.. Alguns resistiram à conquista romana do território, até ao século III. Situavam-se normalmente em colinas por questões de defesa. Eram constituídos por um aglomerado de casas de planta circular ou quadrangular circundados por uma muralha.

12 ALARCÃO, Jorge, in AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História e Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 23

13 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013., p. 26

14 SILVA, Armando C. Ferreira da, in *Cabeceiras de Basto: História e Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabe-



Figura 10
Estátua
“O Basto”



Figura 11
O Mosteiro de S.
Miguel de Refojos



Figura 12
Postal de 1942
onde se percebe
a integração da
vila no vale e a
imponência do
Mosteiro



Figura 13
Casa do Barão
(Refojos de Basto)



Figura 14
Casa da Torre
(Torre, Alvite)

Um dos símbolos deste concelho é a famosa estátua “**O Basto**”, que é um exemplar de um guerreiro galaico, estátuas que se pensa terão sido lavradas já no período da romanização¹⁵. A estátua em causa foi encontrada sem cabeça e mais tarde em 1892 foi substituída por uma representação em jeito de imitação do soldado napoleónico. Tornou-se um elemento icónico desta região, fomentando lendas e histórias.

O Mosteiro de S. Miguel de Refojos

Pensa-se que em 670 terá sido fundado no concelho o mosteiro Beneditino, em torno do qual ainda hoje se desenvolve a vila de Cabeceiras de Basto, não sendo exactas as informações de quem terá decretado a sua fundação. Este foi um importante centro de peregrinação na Idade Média. O actual edifício do **Mosteiro de S. Miguel de Refojos** foi construído no século XVIII com um traçado barroco, tendo a construção sido iniciada em 1756, durando apenas meia dúzia de anos. Nela trabalharam alguns dos melhores pedreiros de Braga e Vila Real. Mais tarde, com a extinção das ordens religiosas, o convento abandonou as suas funções e passou a albergar algumas instituições acolhendo actualmente os Paços do Concelho e o Externato S. Miguel de Refojos. Este mosteiro de grandes dimensões, implantado na proximidade de um ribeiro, estrutura a praça central da vila e constitui uma importante referência na paisagem deste vale. Saramago recorda, “*esta região está bem guardada por S. Miguel*”¹⁶, santo padroeiro do mosteiro e denominador das festas tradicionais que aqui se realizam na época das vindimas.

Desde há muito que Cabeceiras de Basto é considerada “*terra antiga de monges, abades e fidalgos, mas também a de gente pobre e esforçada, cultivadores de terra, pastores e criados de lavoura.*”¹⁷. Possui um património rico e diversificado que abrange desde referências arquitectónicas a estatuária bem como tradições e costumes do povo. Ao nível do património arquitectónico destaca-se não só o Mosteiro de S. Miguel de Refojos como vários pelourinhos, igrejas e capelas. Além destes, evidenciam-se ainda os inúmeros solares e casas senhoriais na maioria do século XVII, XVIII e XIX, tais como a setecentista casa da Raposeira, a casa do Barão, a casa da Quinta da Carvalhosa, a Casa de Pielas e a Casa da Torre entre outras. Estes exemplos de arquitectura habitacional, comum por estas Terras, revelam-nos uma importantes características no estudo da história deste povo.

ceiras de Basto, 2013, p. 34

15 LOURIDO, Calo, in AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História e Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 24

16 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 35

17 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 115



Figura 15
Fotografia
aerea que mostra
a relação da aldeia
de Chacim com
Cabeceiras de
Basto

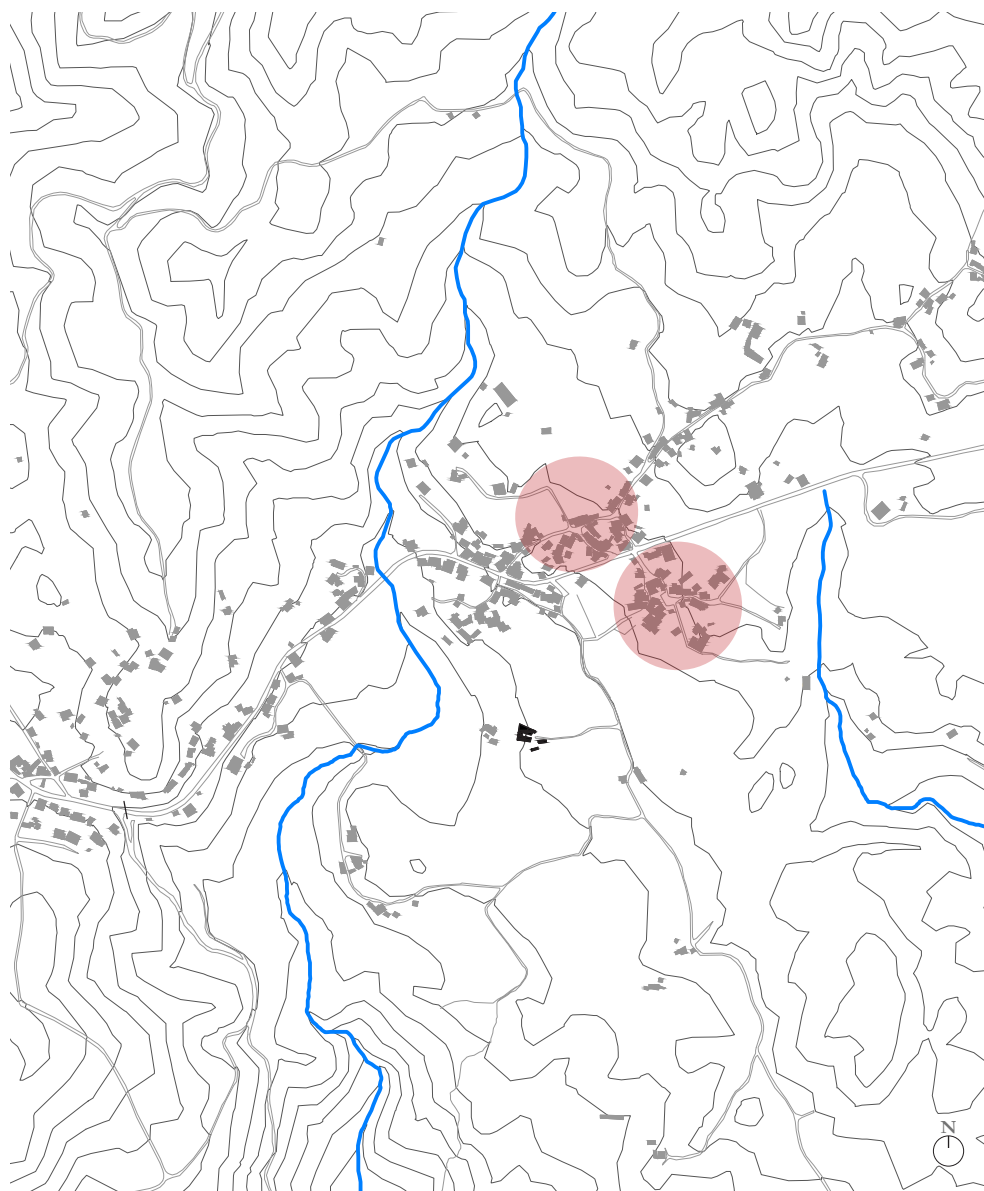


Figura 16
Planta de Implan-
tação da aldeia de
Chacim. Salienda-
se a Casa de Além
Figura 17
Planta da aldeia
Escala: 1:10000

Actualmente o concelho estrutura-se em torno da vila de Cabeceiras de Basto, localizada num vale aberto, em volta do qual se dispersam aldeias de dimensão reduzida. A sede de concelho possui uma zona mais antiga correspondente aos edifícios que rodeiam a praça principal, antigo terreiro dos frades. O crescimento da vila e enriquecimento da população fez com surgissem novas edificações habitacionais e infra-estruturais.

Chacim A casa que é alvo deste estudo encontra-se na aldeia de **Chacim**, freguesia de Refojos de Basto, à qual também pertence a sede de concelho. Chacim é uma aldeia relativamente pequena, com apenas 194 habitantes e com origens bastante antigas. A *Cividade de Chacim*, referida anteriormente, localiza-se nas proximidades e terá sido muito provavelmente a origem deste aglomerado. Embora implantada numa zona de vale, já apresenta uma morfologia um pouco acidentada característica de meia encosta, situada nas faldas da serra da Cabreira. Trata-se de um aglomerado que originalmente possuía vários núcleos edificados desenvolvidos em torno de um caminho que ligava a vila a outras aldeias serranas e que também lhe servia de acesso. Estes núcleos ainda hoje se mantêm e formam pequenas praças e caminhos, à volta das quais as casas se organizam. Como é o caso do lugar designado como *cimadevila*, onde se encontram algumas das melhores casas constituindo bons exemplos de arquitectura popular. Em seu redor distribuíam-se os terrenos agrícolas de melhor qualidade, organicamente estruturados.

Com a alteração dos usos da população e a evolução dos meios de transporte, houve necessidade de criar um novo eixo de ligação viária, cujo traçado provocou profundas alterações no desenvolvimento da aldeia. A nova estrada não só dividiu os núcleos edificados pré-existentes, como se afirmou como o novo eixo de desenvolvimento de Chacim, impulsionando um forte crescimento da aldeia em direcção à vila. De tal forma que actualmente se observa, dada a proximidade a que a vila se encontra, uma faixa quase contínua construída ao longo da estrada que as liga. Decorrente desta evolução, encontra-se hoje uma dualidade entre os edifícios dos núcleos originais, quase todos devolutos e em ruínas, e as novas habitações na margem da estrada com uma tipologia totalmente distinta vulgarmente designadas como as – casas de emigrante.

A partir do aglomerado ramificam-se caminhos de serventia e quintas e aos terrenos agrícolas que ainda hoje constituem a fonte de rendimento da grande parte dos habitantes deste lugar. Na parte superior da aldeia, percorrendo um destes caminhos encontra-se a **Casa de Além**.



Figura 17 e 18
Muros de caminhos feitos em granito



Figura 19 e 20
Diferentes alvenaria de granito no lugar de Juguelhe

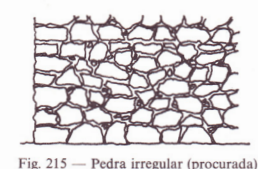
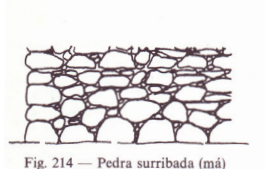
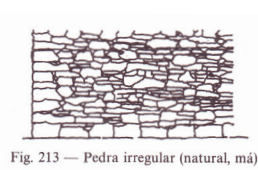
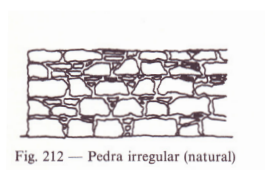


Figura 21
Tipos de alvenarias

O Granito

“Um muro em senso comum, é um conjunto de pedras em altura. (...)”

Os muros são quase toda a história da Arquitectura. Hoje é impossível usá-los (desenhá-los) na sua plena função (estática). Os muros hoje são aquilo que não podem ser, por isso são revestimentos, peles, texturas. (...)

Os muros hoje estão a desaparecer, são uma espécie mineral em vias de extinção. Devemos estudá-los, classifica-los, trata-los para os devolver de novo à sua geografia.”

A pedra como principal material construtivo já é utilizada há milhares de anos por todo o mundo. Existem vários exemplos na história que provam a mestria do homem no domínio deste recurso. No Minho o granito é a pedra dominante, que desde muito cedo foi o recurso utilizado na execução das antas ou castros presentes na região, e ainda actualmente continua a ter um papel de referência na arquitectura contemporânea.

O granito distingue a arquitectura minhota já que este *“foi o principal material de construção das casas populares do Minho até ao final da primeira metade do século XX”* constituindo uma marca da paisagem desta terra. Surge quer em estado bruto em afloramentos rochosos nas zonas de montanha, mas também transformado pelo homem e utilizado como material de construção. Nas palavras do geógrafo Orlando Ribeiro: *“Um dos traços mais impressionantes da civilização do Norte de Portugal é certamente a mestria na construção do granito. Nas casas, nos muros, nos suportes, nos monumentos, a pedra constituiu sempre o principal material de construção”*. Um sinal da versatilidade deste material é a sua utilização quer em construções populares quer em arquitectura mais erudita.

Este recurso condicionou o modo de vida da população local, como se verifica através de uma leitura atenta das suas habitações, feitas de *“aspirações, desejos e sonhos íntimos, perdidos, esquecidos – passados e presentes – de homens laboriosos que assim buscam na apropriação do espaço a perpetuação da sua própria eternidade transformada em escrita da paisagem”*. Foi esta realidade onde a Casa de Além se insere, que se considerou fundamental estudar. O granito foi e ainda é utilizado tanto a nível estrutural como decorativo. Sendo um material natural, adaptado à exposição ao clima, quando trabalhado e mantido nesse ambiente segue o ciclo geológico natural, conservando-se durante séculos apenas com os sinais naturais de degradação à superfície.



Figura 22
Alvenaria de pedra ordinária com “junta seca” (não utiliza argamassa)



Figura 23
Alvenaria de pedra aparelhada com “junta seca” (não utiliza argamassa)



Figura 24
Alvenaria de pedra aparelhada assente com recurso à argamassa)

Composição e qualidades construtivas

Apesar da composição física do granito ser sempre idêntica ele surge na natureza com diferentes aparências. Consoante a presença de alguns dos seus componentes é mais abundante, como é exemplo o granito designado como “*dente de cavalo*”, comum na zona de Guimarães, onde o quartzo se evidencia. O grão da pedra e a maior presença de algum material como a “*mica*” pelo seu brilho e/ou as sílicas, também são aspectos importantes na sua caracterização, que levavam à escolha dos canteiros conforme a sua apropriação ao trabalho a executar. O granito também varia na cor, atingindo diferentes tonalidades, sugerindo aplicações diversas adaptadas ao efeito e à função desejada. Habitualmente, por exemplo o granito azul pela sua extrema dureza é mais utilizado em esteios, lancis, paralelos ou cubos para a pavimentação das estradas, enquanto o granito amarelo é mais macio e aparece frequentemente em alvenarias. Atendendo a estes factores, é frequente encontrar edifícios com mais do que um tipo de granito, embora na arquitectura popular estas particularidades não sejam relevantes, dado que se recorria ao granito disponível nas proximidades. As características duradouras, de resistência e de modelação do granito, levaram a que se encontre frequentemente aplicado na execução de paredes e muros sendo, com excepção da madeira, o único material registado na região, na construção até aos finais do século XX.

Alvenarias

Existem dois tipos principais de sistemas de alvenaria: a *alvenaria de pedra aparelhada*, definida pelo assentamento de pedras regulares e a *alvenaria de pedra ordinária*, constituída por pedra irregular, sendo que ambas podem ser assentes com ou sem recurso à argamassa. Outros elementos presentes nas construções, também são quase sempre executados em granito, vulgarmente trabalhados sobre a forma de cantaria, aparecendo em elementos isolados, estruturais como pilares e vigas, em pavimentos sob a forma de calçadas ou lajeados, em escadas e também em elementos de remate, normalmente mais trabalhados, como pilastras ou cornijas. O granito, com mais ou menos desenho, aparece em elementos apenas decorativos como nichos, pedras brasonadas, cachorros ou mesmo na decoração dos espigueiros. As características da alvenaria presente nas paredes de uma habitação, nomeadamente a forma, o tamanho e o trabalho do granito demonstravam as maiores ou menores possibilidades monetárias (estatuto social) do dono da casa. Normalmente a pedra é mais irregular nas casas de moradores com poucas posses, enquanto a presença de cantaria representa mais riqueza.

Julga-se ainda de salientar que os edifícios em alvenaria de pedra, nomeadamente em granito, revelam uma grande inércia térmica dado que possuem paredes de grande espessura.



O CONSTRUÍDO

“Uma arquitectura feita com materiais locais, trabalhados com uma grande economia de meios e colocados em obra com técnicas que foram sendo aperfeiçoadas e utilizadas ao longo de gerações. Para além disso, a arquitectura popular caracteriza-se por ser eminentemente funcional, integrada no meio, com uma relação estreita com a civilização material e simultaneamente expressão da cultura local, com raízes históricas profundas.”¹

Manuel C. Teixeira

¹ TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 8



Figura 25
Pequeno abrigo
rupestre utilizado
na Pré-História
Recente (Serra da
Penouta, Fojos,
Outeiro)



Figura 26
Abrigo semi-
natural na Serra da
Amarela



Figura 27
Conjunto de três
sepulturas rup-
estres escava-
das na rocha (Pinho,
Outeiro)

Vernáculo/Popular

“VERNÁCULO, *adj.* (*lat. vernaculu-nascido no próprio lugar*)”¹⁸ _

Conceito O termo **vernáculo** pode definir-se como algo que é próprio de um local, “*genuíno, puro, sem contaminação de estrangeirismos*”¹⁹. Por *arquitectura vernácula* entende-se a arquitectura “*que representa com pureza a tradição de um país*”²⁰. Pode ser entendida como uma *arte empírica de construir*. É uma forma de construir sincera, espontânea e ao mesmo tempo delicada e simples, experimentada e amadurecida pelas populações ao longo dos tempos. É de todo o interesse “*promover um reconhecimento e um desvendar da nossa herança popular que diz respeito ao ambiente construído e às artes tradicionais*”²¹. No seguinte texto destacar-se-á a **arquitectura vernácula ou popular** praticada em solo minhoto, e consequentemente o papel da utilização da pedra granítica na sua construção.

As primeiras construções

As construções megalíticas “*estão entre as primeiras transformações da natureza através da arquitectura*”²², apesar de que ainda com um intuito sagrado e simbólico. Desde a Pré-história que a noção de **abrigo** surge pela necessidade do Homem se proteger do clima e das intempéries, e se defender contra os animais ferozes ou os eventuais povos inimigos. Estes refúgios apresentam-se sobre diversas formas e tipos consoante o ambiente onde se inserem. Existem várias categorias desta tipologia que podem ser consideradas consoante a sua profundidade de trabalho com o material. Assim definem-se três espécies de abrigos: *naturais, seminaturais ou artificiais*²³, construídos inteiramente pelo Homem. Os primeiros, surgem do que a Natureza nos oferece, sem quaisquer modificações como uma gruta, caverna ou lapa (abrigo debaixo de uma enorme rocha, laje ou avanço sobre o solo). Mais tarde estes abrigos naturais vão sendo melhorados pelo Homem e a estes chama-se *abrigos seminaturais*. Os abrigos artificiais revelam-se como construções primitivas e definem um tipo de construção mais desenvolvido, com um carácter

18 RODRIGUES, Maria João M., SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel P., *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra: Químera Editores, 1990, p. 275

19 RODRIGUES, Maria João M., SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel P., *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra: Químera Editores, 1990, p. 275

20 RODRIGUES, Maria João M., SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel P., *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra: Químera Editores, 1990, p. 275

21 CASELLA, Gabriella, *Gramáticas de Pedra - Levantamento de Tipologias de Construção Murária*. Porto, Portugal: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003, p. 11

22 TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas Do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 24

23 VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 11



Figura 28
Vista de um
pequeno povoado
fortificado a partir
da encosta da
Senhora da Orada
(Castro, Alvite)



Figura 29
Implantação do
Castro de Monte
Mozinho, Penafiel



Figura 30
Aparelho helicoidal
de edifício na
citânia de Santa
Luzia, Viana do
Castelo

fixo e de utilização permanente. Adoptam sistemas construtivos tradicionais que revelam a sua traça regional.

Os castros

No Minho, a abundância de granito levou a que a pedra se transformasse num recurso natural fácil de utilizar para a execução de abrigos, assinalando os primeiros sinais da necessidade de fixação dos povos sedentários como o exemplo dos *castros*, já referidos anteriormente. Estes são construções pequenas e simples, de carácter primitivo, que ainda não revelam um conhecimento e domínio dos materiais, visível na sobreposição arbitrária do material que encontravam na envolvente do local. Apresentam formas variáveis, sendo as mais comuns de forma circular ou quadrangular com paredes construídas em aparelho helicoidal. As divisões interiores surgem mais tarde numa tentativa de definir os diferentes programas da casa, embora inicialmente apenas existisse um espaço onde aconteciam as funções quotidianas primárias como dormir e cozinhar.

Foi ao longo de séculos que se foi fazendo lentamente o aperfeiçoamento das técnicas de construção, sempre com recurso aos materiais disponíveis na natureza, resultando naquilo que hoje consideramos arquitectura popular que se pode considerar como *“um produto imediato das relações entre o Homem e o meio natural que o rodeia”*²⁴. O conhecimento apreendido ia sendo transmitido lentamente de geração em geração e as técnicas evoluíam muito lentamente sempre resultando da necessidade de superar os problemas que surgiam diariamente.

A forma da casa varia consoante o sítio e as necessidades do agregado familiar mas os materiais e as técnicas mantinham-se, pois constituíam a melhor resposta às condições ambientais e construtivas do local; *“a arquitectura popular caracteriza-se por ser eminentemente funcional, integrada no meio, com uma relação estreita com a civilização material e simultaneamente expressão da cultura local, com raízes históricas profundas.”*²⁵.

A história da evolução do Homem tem como base a relação deste com o ambiente onde vive, os materiais que encontra e técnicas que domina. Estas garantem a sua sobrevivência e melhorias das condições de viver e trabalhar. A evolução do abrigo foi crescendo a par da experiência e conhecimento adquirido pelo Homem até ao que hoje podemos chamar de casa.

24 VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto in TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 7

25 TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 8

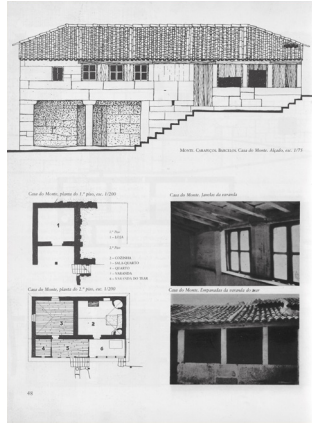
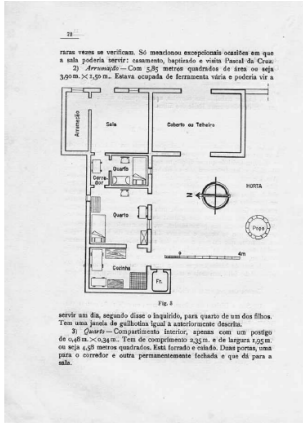


Figura 31, 32 e 33
Página do “Inquérito à Habitação Rural”, do livro “Arquitectura Popular em Portugal” e do livro “Arquitectura Tradicional Portuguesa” com estudos de Fernando Galhano e Ernesto Veiga de Oliveira, respectivamente

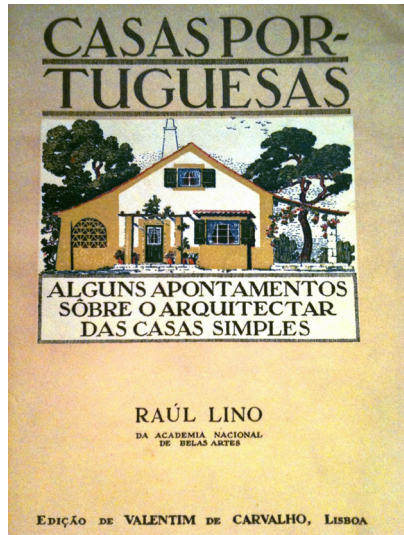


Figura 34 e 35
Capa e ilustração do livro “Casas Portuguesas” do arquitecto Raul Lino

Estudo da Arquitectura Popular em Portugal

Em Portugal, até ao século XX, a arquitectura popular evolui lentamente até que a partir daí se gera uma consciencialização pela salvaguarda e estudo desta, surgindo várias investigações, que até hoje são documentos essenciais para o reconhecimento da arquitectura portuguesa, bem como serviram de base a alguns conceitos de arquitectura contemporânea, nomeadamente o chamado Regionalismo Crítico.

Bibliografia de apoio

No estudo da arquitectura popular destacam-se alguns autores e documentos da maior importância para a definição de conceitos, descrição e documentação fiel de casos de estudo. Das referências bibliográficas mais consistentes e importantes no domínio do tema feitas em Portugal, destacam-se o *Inquérito à Habitação Rural* de 1943 coordenado por Lima Bastos e Afonso de Barros, o *Inquérito à Arquitectura Portuguesa* do Sindicato Nacional dos Arquitectos de 1960 e também os estudos de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano realizados a partir dos anos 50, que se estendem por inúmeras publicações. Apresenta-se de seguida, de forma sucinta, a sucessão de acontecimentos de maior importância em Portugal, que contextualizam o estudo da arquitectura popular/vernácula.

Raul Lino

Após a **Revolução Industrial** no final do século XIX, surge o **movimento nacionalista** em Portugal, como oposição às influências modernistas internacionais que passavam a fronteira. Esta vontade surge como tentativa de preservação da cultura do país, perante a fervorosa erupção de transformações que aconteciam lá fora. Este movimento promove o estudo das formas existentes na arquitectura portuguesa, procurando um modelo para a tipificação da casa portuguesa. No início do século XX destaca-se o arquitecto **Raul Lino**²⁶, como fomentador desta vontade. Raul Lino desenvolve estudos com base neste conceito, expostos em várias publicações, entre elas o livro “*A Casa Portuguesa*” (1929), onde explora uma arquitectura pitoresca como definição da casa típica portuguesa.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o desenvolvimento industrial acelera, alterando as condições socioeconómicas na Europa. A industrialização estimulava a população rural e as cidades desenvolviam-se a um bom ritmo. Em Portugal a indústria teve pouco desenvolvimento, sendo que as transforma-

²⁶ Raul Lino (1879-1974) é autor de várias publicações sobre o tema como *A Casa Portuguesa* (1929), *Casas Portuguesas* (1933) e *L'évolution de l'architecture domestique au Portugal* (1937).



Figura 36
Modelos de arquitectura de feição regional-tradicional do Estado Novo

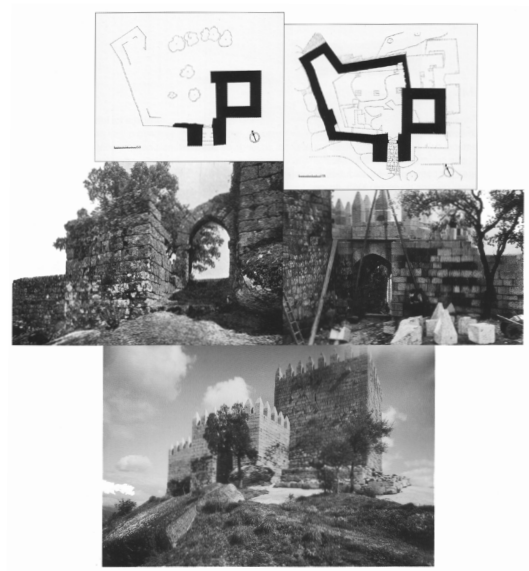


Figura 37
Obras de restauro da D.G.E.M.N. no Castelo da Póvoa de Lanhoso

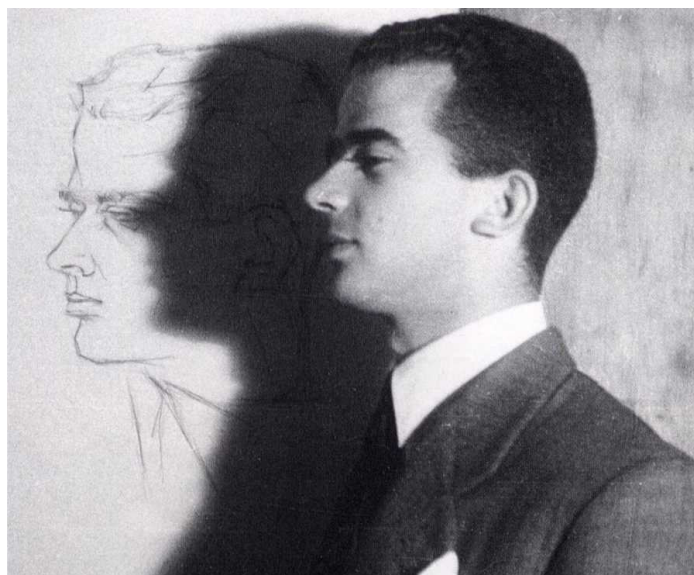


Figura 38
Fernando Távora e auto-retrato

ções deram-se fundamentalmente em zonas urbanas do litoral, não afectando as zonas rurais onde a agricultura continuava a ser a única actividade laboral e por isso os aglomerados e construções mantiveram-se praticamente inalterados dada a grande emigração que se fazia sentir.

No final da primeira metade do século XX, Portugal encontra-se em plena ditadura, comandada pelo **Estado Novo**. O regime salazarista impôs na arquitectura as características tradicionais da casa portuguesa, com o objectivo de criar uma uniformidade em todo o país.

Fernando Távora

Portugal estava longe do progresso que se dava com o avanço da indústria internacional nos países mais desenvolvidos, por isso havia quem entendesse que as problemáticas portuguesas não se identificavam com as destes mesmos países, preferindo preservar os valores tradicionais. Ainda assim, o Estilo Internacional ganha força em Portugal entre os arquitectos mais revolucionários, abrindo portas à Arquitectura Moderna. Alguns destes arquitectos, entre eles **Fernando Távora**, defendiam uma arquitectura moderna adaptada ao local, que conciliava ao mesmo tempo “(...) *os avanços da tendência plasticista e abstracta presente nas correntes avançadas da arquitectura ocidental, com o saber estabilizado da prática popular nos domínios da edificação com materiais pobres e locais que ainda se podiam identificar nos recônditos lugares onde não chegara o progresso.*”²⁷. Procura-se então uma arquitectura que represente um cruzamento de culturas e interpretações de modelos exteriores adaptados à realidade portuguesa.

Em 1943 realiza-se o **Inquérito à Habitação Rural** que foi determinante como primeiro registo da situação rural no país, e permitiu perceber em que contexto se encontravam as habitações das famílias portuguesas e as condições em que viviam. Na mesma década o Sindicato Nacional dos Arquitectos promove a realização do primeiro *Congresso Nacional de Arquitectura em Portugal*²⁸ em Lisboa. Neste congresso, Fernando Távora e outros arquitectos portuenses criticam a arquitectura promovida pelo regime e reivindicam mudanças profundas, demonstrando uma crescente preocupação em contextualizar a arquitectura no presente, com base num estudo cuidado do território e da cultura do lugar.

27 MENÉRES, António, *Dos Anos Do Inquérito À Arquitectura Regional Portuguesa*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006, p. V

28 O primeiro *Congresso Nacional de Arquitectura* em Portugal acontece em 1947 e é organizado por duas novas instituições no país que surgem um ano antes: o ICAT7 (Iniciativas Culturais Arte Técnica), que surge em Lisboa, dinamizada por Francisco Keil do Amaral e a organização ODAM8 (Organização Dos Arquitectos Modernos) no Porto.

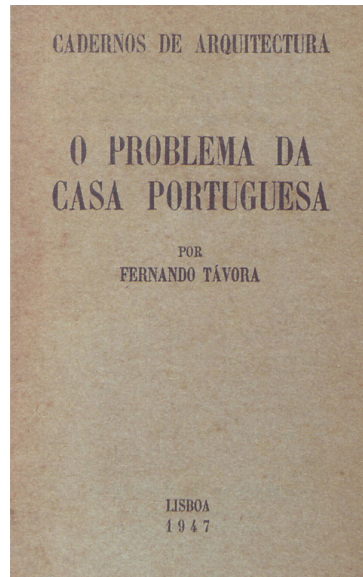


Figura 39
Capa da
publicação
“*O Problema da
Casa Portuguesa*”



Figura 40
Capa da
publicação
“*Arquitectura Popular
em Portugal*”



Figura 41
Fernando Távora
na apresentação
dos resultados do
Inquérito ao
Presidente do
Conselho de
Ministros Dr.
António Oliveira
Salazar

É neste contexto que Fernando Távora escreve o manifesto “O Problema da Casa Portuguesa”, que tem como objectivo contrariar a ideia de regionalismo associado ao pitoresco em busca de um verdadeiro regionalismo português, tal como o arquitecto Nuno Portas refere: “*Nessa pequena publicação abordar-se-ão as questões da caracterização, da continuidade e do enraizamento da nossa arquitectura, defendendo-se a sua necessária modernidade, considerada condição necessária para que fosse validamente portuguesa, o que pressupunha a aplicação, no seu desenho, dos princípios do Movimento Moderno como garantia da síntese desejada*”²⁹. Távora demonstra ainda que a percepção da casa vernacular deve servir-nos como **modelo**, compreendendo a sua essência e origens e além disso, defende que deve ser tomado o sentido da **evolução da arquitectura moderna com a capacidade de saber atentar às raízes tradicionais**. Nas suas palavras: “*A casa popular fornecer-nos-á grandes lições, quando devidamente estudada, pois ela é a mais funcional e a menos fantasiosa, numa palavra, aquela que está mais de acordo com as novas intenções.*”³⁰.

Inquérito

Em 1961 é publicado o livro “Arquitectura Popular em Portugal”, que apresenta os resultados do *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, o qual teve, e ainda tem, um papel fundamental na definição e estudo da arquitectura popular portuguesa, sendo mesmo dos únicos documentos e o estudo mais completo sobre esta matéria. Neste livro foi feita uma compilação por zonas, dos tipos de arquitectura popular encontrados de Norte a Sul do país registados no inquérito. Este surgiu por motivação do arquitecto lisboeta Francisco Keil do Amaral também evocado como o “pai do inquérito”³¹. A Keil do Amaral juntaram-se outros arquitectos de várias gerações, quase todos recém-formados e membros do Sindicato Nacional dos Arquitectos. Um trabalho de análise e recolha exaustiva da arquitectura popular existente no país tornava-se essencial dada a despreocupação com a preservação destes exemplares levando mesmo à sua destruição. Este estudo pode hoje ser considerado uma última memória da identidade de um lugar.

O *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* desenvolveu-se entre os anos 1955 e 1960. Durante três meses diversas equipas percorreram as zonas definidas, passando por povoados e documentando toda a viagem com fotografias, desenhos, levantamentos e notas escritas. Esta análise, além de arquitectónica, recorreu

29 PORTAS, Nuno in TRIGUEIROS, Luiz, Fernando Távora, Lisboa: Editorial Blau, Lda., 1993, p. 24

30 TÁVORA, Fernando, *O Problema Da Casa Portuguesa*, Vol. Serie I, Cadernos de Arquitectura I, Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1947.

31 referência a António Menéres, arquitecto integrante da equipa da Zona 1 do Inquérito, no seu livro *Dos anos do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*



Figura 42
Exemplos de intervenções feitas em edifícios populares, Cabceiras de Basto



Figura 43
Casa de emigrante



Figura 44
Exemplos de intervenções feitas em edifícios populares

a outras disciplinas para clarificação de algumas das temáticas desenvolvidas. Ciências como a história, a geografia e a antropologia tiveram um papel essencial neste processo. O período em que decorreu o Inquérito foi de reflexão sobre o tema da tradição vernácula, dentro de várias áreas como a música, o teatro ou costumes e a própria forma de vida do povo.

Foi também através deste estudo que se destruiu a ideia da existência de um estilo nacional, enfatizando uma arquitectura regional, que varia consoante as relações entre o homem e o seu meio. Portugal não é um país geograficamente uniforme e isso reflecte-se na sua arquitectura: *“Portugal, por exemplo, carece de unidade em matéria de Arquitectura. Não existe, de todo, uma «Arquitectura portuguesa» ou uma «casa portuguesa». Entre uma aldeia minhoto e um «monte» alentejano, há diferenças mais profundas do que entre certas construções portuguesas e gregas.”*³²

Até à segunda metade do século XX as mutações a nível social e urbano não são muito relevantes, mas é a partir desta altura que se dão transformações na vida rural, com repercussões irreversíveis, afectando a arquitectura popular local. O regresso dos emigrantes, levou à adopção de **novos modelos arquitectónicos**, importados do estrangeiro que associados ao aparecimento de **novos materiais** como o betão, o tijolo ou o cimento, conduziram ao abandono e descaracterização da arquitectura popular. As intervenções feitas em edifícios pré-existentes revelam-se pouco cuidadas e sem respeito pelo traçado original. O retorno dos emigrantes com necessidade de afirmar o seu sucesso e os novos modos de vida apreendidos lá fora, conduziram a uma procura de locais mais visíveis para implantação das suas novas casas, abandonando quer as casas em que viviam, quer todos os materiais e técnicas de construção artesanais a que estavam associadas. As novas construções, procuram propositadamente um contraste com a arquitectura popular, associada à pobreza e a modos de vida mais precários.

À medida que a vida humana se desenvolve, evoluímos na forma de construir explorando materiais e técnicas construtivas. A arquitectura popular deve ser entendida como uma base preciosa para o estudo da génese arquitectónica. Absorver estas qualidades só aumentará a consciência sobre as mesmas e fomentará a aprendizagem.

32 *Arquitectura Popular Em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. XX

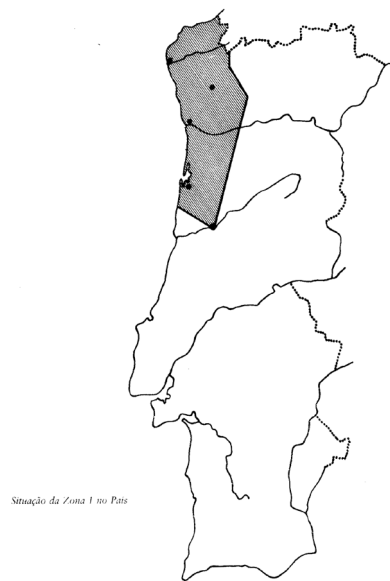


Figura 45
 Marcação dos limites da Zona 1 segundo o Inquérito



Figura 46
 A aldeia de
 Teixugueiras
 sobre o vale do rio



Figura 47
 Panorâmica sobre
 o vale de Balazar,
 Guimarães

Arquitectura Popular no Minho

*For Siza the sense of belonging to northern Portugal is paramount: stony and bright, poor and full of intimacy, where the light of the Atlantic is slow and long, illuminating poverty in an abstract way, revealing all surface irregularities, high-lightening every change of path around the houses, where every discrepancy is shown up in a manner that is both grand and dry, full of sweetness and melancholia.*³³

Depois de feita a contextualização territorial e breve síntese dos acontecimentos que mais marcaram o estudo da arquitectura popular em Portugal, parece importante fazer uma contextualização e descrição da arquitectura popular existente +no território onde se insere a Casa de Além, pelo que se utilizou como base referencial a delimitação e estudos correspondentes, expostos no *Inquérito à Arquitectura Popular* na designada **Zona 1**.

Granito

A *Zona 1* é definida pela região do Minho e Litoral correspondente ao território Noroeste de Portugal, que já foi descrita anteriormente. No Inquérito o estudo desta zona foi dirigido pelos arquitectos Fernando Távora, Rui Pimentel e António Menéres. Destaca-se pelo seu posicionamento territorial e pelo número de rios e afluentes que a atravessam transversalmente, como é o caso do rio Tâmega, afluente do rio Douro, que limita a Zona 1 a Nascente.

Caracterização dos povoados

O Inquérito define dois principais tipos de povoados distintos característicos desta zona: *povoados de montanha*, concentrados e localizados nas serras e *povoados de vale*, dispersos pelo território. Entre os dois tipos não é fácil definir fronteiras porque a tipologia destes aglomerados se vai adaptando gradualmente às condicionantes do terreno, existindo algumas aldeias que agregam situações de ambos os modelos.

A habitação constituiu desde sempre o elemento fundamental da organização do território, uma vez que as infra-estruturas e os equipamentos colectivos eram praticamente inexistentes. É a sua disposição e implantação na paisagem que gera a designação de concentrado ou disperso, existindo contudo elementos comuns a todos os povoados como uma igreja, por vezes um forno ou um moinho comunitário e mais tarde surge a escola.

33 Vittorio Gregotti in Álvaro Siza 1954-1988, Tokyo: Architecture and Urbanism, 1989 June Extra Edition, p. 175



Figura 48
Esquema de um povoado de montanha

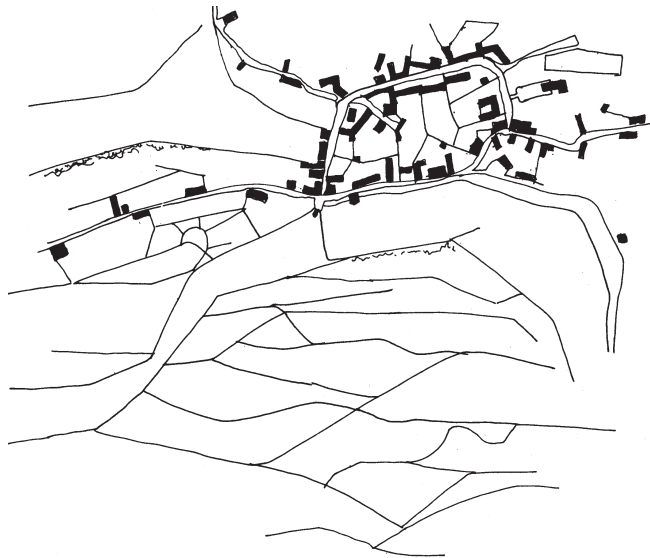


Figura 49
Esquema de um povoado concentrado

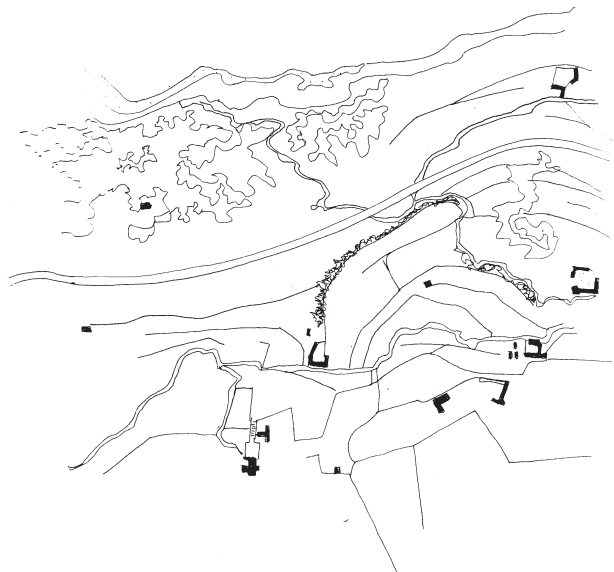


Figura 50
Esquema de um povoado disseminado, típico na região do Minho

Povoados de montanha

Os **povoados de montanha** localizam-se a cotas mais elevadas, desenvolvem-se normalmente a meia encosta, organizando-se sempre de forma concentrada com as habitações em torno da capela/igreja. Dada a agressividade das condições naturais procuram moldar-se ao relevo existente e os terrenos para cultivo dos seus habitantes dispõem-se na proximidade da aldeia, organizados em socolcos (designados leiras) mais ou menos amplos consoante a inclinação das terras. Por vezes a população, muda temporariamente de residência e desce para o vale em épocas de maior rigidez climática.

Povoados de vale

Os segundos, os **povoados de vale**, normalmente estão localizados a cota mais baixa, entre montanhas. Estas aldeias estão dispersas pelo território, sempre na proximidade dos terrenos de cultivo, mais abundantes nestes casos. São constituídos por casas de habitação, que se estendem a longo de caminhos estruturados a partir da igreja e seu adro, e as ruas e os alargamentos são definidos pelas construções. As casas dispõem-se de frente para a rua com acesso directo para o espaço público, e por vezes recuam fazendo um pequeno terreiro de entrada.

Povoados de vale

O traço dominante dos povoados da região do Minho caracteriza-se pela sua dispersão no terreno e designa-se por **povoamento disseminado**. As habitações dispõem-se dispersas pelas terras em certos lugares esparsos ou junto às estradas e caminhos, e o que distingue as aldeias na paisagem é normalmente a igreja, destacando-se em cada uma. As propriedades são de pequena dimensão, muito parceladas em campos e matas normalmente delimitadas por muros de granito e obrigando a uma rede de caminhos vicinais abundante. Em consequência este tipo de povoamento surge da vontade do agricultor construir a sua habitação junto à sua propriedade, constituindo-se numa unidade auto-suficiente.

Existe também uma enorme e engenhosa rede de construções que marcamos sítios, relacionadas com o transporte, circulação e uso da água, bem essencial para a vida quotidiana e desenvolvimento das culturas existentes. É frequente encontrarem-se tanques, minas de água, poços, levadas, fontes e fontenários, bebedouros, etc., dispersos por todos os lugares. A construção das levadas é um dos muitos exemplos de engenho existentes. Permitem encaminhar e direccionar a água proveniente ribeiras ou nascentes (minas), através de canais construídos e longo de muitos quilómetros, por vezes todos em pedra e aproveitando a pendente natural dos terrenos. Interessante é observar mesmo as relações destes elementos com a toponímia local.



Figura 51
Casa de lavoura
no Souto de
Santa Maria em
Guimarães



Figura 52
Casa implantada
sobre afloramento
rochoso na aldeia
de Juguelhe

Caracterização das habitações

No Norte as casas são de pedra, **granito ou xisto**, que são os recursos dominantes de origem na região. Por isso as construções neste local reflectem a utilização deste mesmo material com um estilo robusto, sem riqueza de formas ou ornamentação, pode-se considerar que o *“estilo da casa popular do norte é pobre”*³⁴. As formas arquitectónicas resultam das condições impostas ao material pela função que é obrigado a desempenhar e de um certo cunho pessoal imposto por aquele que o trabalha. É uma arquitectura de carácter maioritariamente funcional e económico, feita com os poucos recursos disponíveis e de acordo com as necessidades: espaço de trabalho e espaço para o lar. O passar do tempo está bem visível nestas construções, nas paredes das casas em alvenaria de granito, onde muitas vezes se encontram remendos como o encerramento de um vão ou a continuação de um corpo já existente. Tal como o arquitecto Fernando Távora descreve em *O Problema da Casa Portuguesa*, esta inter-relação entre local – material – homem, faz de cada edificado um *“corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias”*³⁵. Podem considerar-se tipos distintos de habitação consoante a sua localização e o tipo de povoado. Assim distinguem-se dois tipos de casa principais: as *casas de zona de vale* e as *casas de zona serrana*.

Casas de vale As **casas de vale** pertencem a um tipo de povoado caracterizado pela sua dispersão no terreno, embora possam estar associadas a uma rede de estradas e caminhos que convergem para um núcleo principal da aldeia, onde está a igreja, ou também mais isoladas e associadas aos terrenos, designadas como quintas ou lugares.

Implantação O local de **implantação** da casa surge de uma criteriosa selecção feita a sugestão do mestre-de-obras (pedreiro) ou do lavrador, o próprio dono da casa. Procuravam um local com boa exposição solar, protegido dos ventos dominantes e evitavam-se os solos húmidos, embora a proximidade com água potável fosse favorecida, tal como é descrito no Inquérito: *“Protegem-se das chuvas de Sudoeste e oferecem ao sol as faces mais vivas e abertas, deixando para o caminho público a ilharga do coberto, ou a fachada da casa devastada pelas intempéries, onde se destacam as minúsculas janelas dos quartos e o largo portão de acesso ao quinteiro”*³⁶. A acessibilidade era importante procurando implantar-se junto a caminhos ou estradas e próximo dos

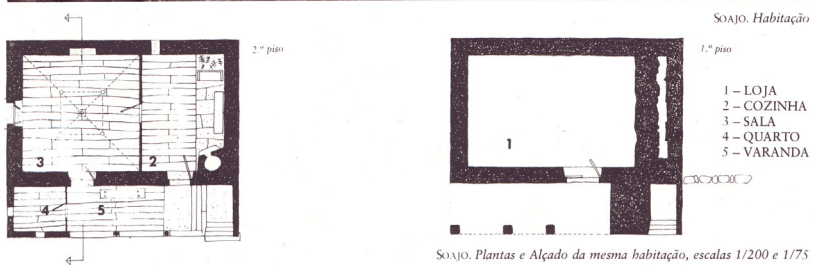
34 AA.VV., *Arquitectura Popular Em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 30

35 Távora, Fernando, *O Problema Da Casa Portuguesa*, Vol. Serie I. Cadernos de Arquitectura I. Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1947, p. 8

36 AA.VV., *Arquitectura Popular Em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 38



Figura 53
Casa elementar
minhota



SOAJO. Plantas e Alçado da mesma habitação, escalas 1/200 e 1/75

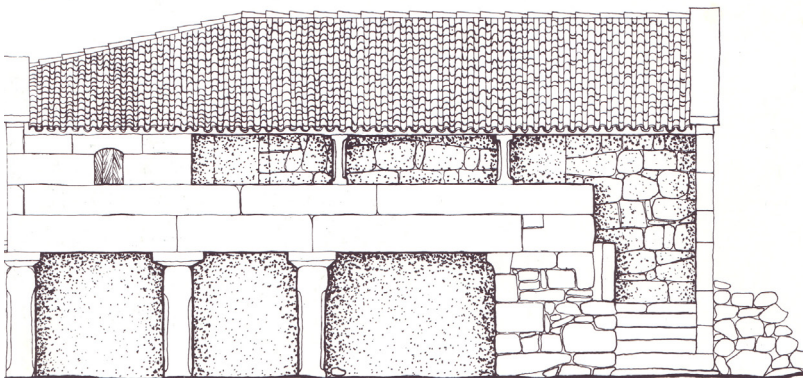


Figura 54
Fotografia e
desenhos de planta
e alçado de uma
casa de forma
elementar

campos de cultivo. Um local onde se pudesse extrair directamente o material resultava numa importante diminuição de custos, tanto no material como no transporte. Normalmente as casas aproveitam os desníveis naturais do terreno ou assentam sobre os afloramentos rochosos existentes, que garantem estabilidade estrutural e impermeabilização dos solos. A busca pela situação ideal era de extrema importância e condicionada pelas situações climáticas da região. As casas orientavam-se e abriam-se habitualmente para Poente ou Sul enquanto a fachada sujeita às intempéries, era normalmente robusta e sem aberturas ou com vãos reduzidos.

A forma como se constroem estes edifícios tem tanto de empírico como de apoiado no saber adquirido ao longo dos tempos com a evolução dos povos. A composição das habitações do Norte de Portugal segue alguns princípios comuns, mas acima de tudo, são objectos de extrema perícia no que toca ao manuseamento dos materiais em função de uma procura pela harmonia da forma. São dotados de uma unidade volumétrica criada pelo conjunto de paredes, varanda e cobertura.

Forma elementar

Genericamente, a **forma** elementar das casas é de raiz rectangular com apenas duas divisões: a cozinha, para onde se entrava e onde existia a lareira, e a sala. O quarto é apenas uma pequena alcova normalmente colocado no exterior, adjacente à varanda.

Normalmente possuem dois pisos, onde no piso inferior se localiza as lojas térreas destinadas às cortes dos animais, à adega, ao lagar, às tulhas, ao palheiro e guarda das alfaias e produtos agrícolas. Enquanto no piso sobrado se desenvolve a vida familiar quotidiana e se localizam o quarto, a sala e a cozinha. Estes dois andares, embora sobrepostos, funcionam de forma independente. Para além da divisão por funções distintas, a divisão dos pisos sobrepostos resulta da necessidade de afastamento da habitação da humidade do solo e também do facto de aproveitar o calor dos animais como aquecimento. A entrada para o sobrado faz-se normalmente por uma escada exterior de pedra, paralela ou perpendicular à fachada, com patamar em frente à porta principal. O patamar é muitas vezes provido de alpendre e a fachada principal de uma varanda corrida, de madeira, coberta pelo mesmo telhado.

Forma evolutiva

A partir deste tipo e consoante a necessidade e capacidades da família que a habita, a casa vai evoluindo para formas mais complexas, embora seguindo sempre a mesma lógica de organização. Por vezes tomam a forma de L ou U, conse-

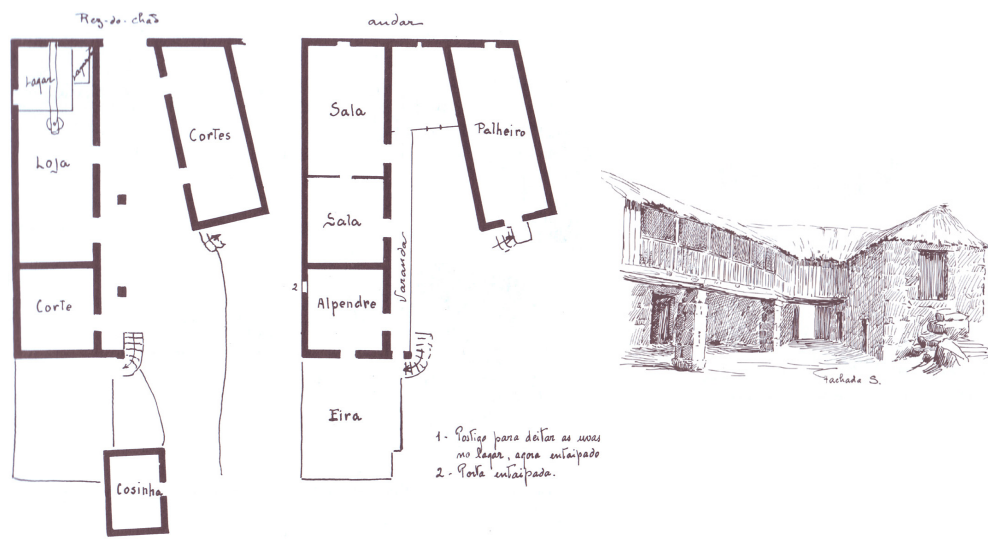


Figura 55 e 56
Plantas e desenho de uma casa com quinteiro em Celorico de Basto

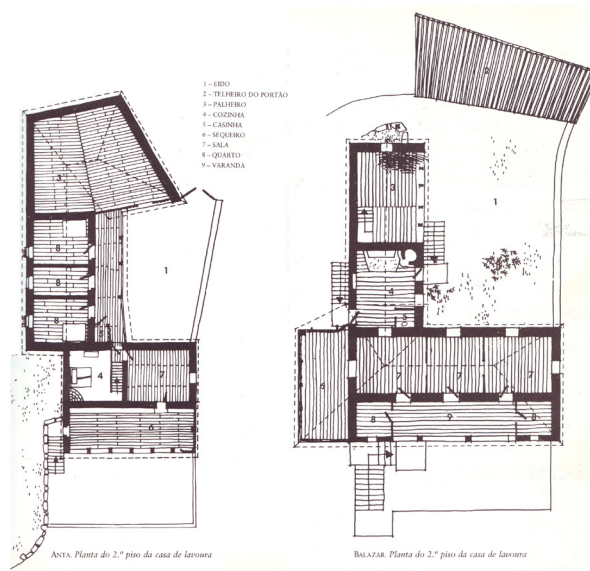


Figura 57
Exemplos de pisos sobrados de casas de lavoura

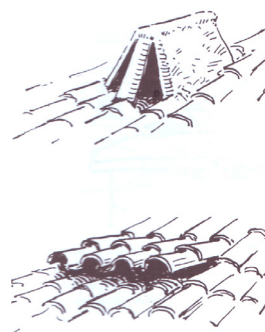
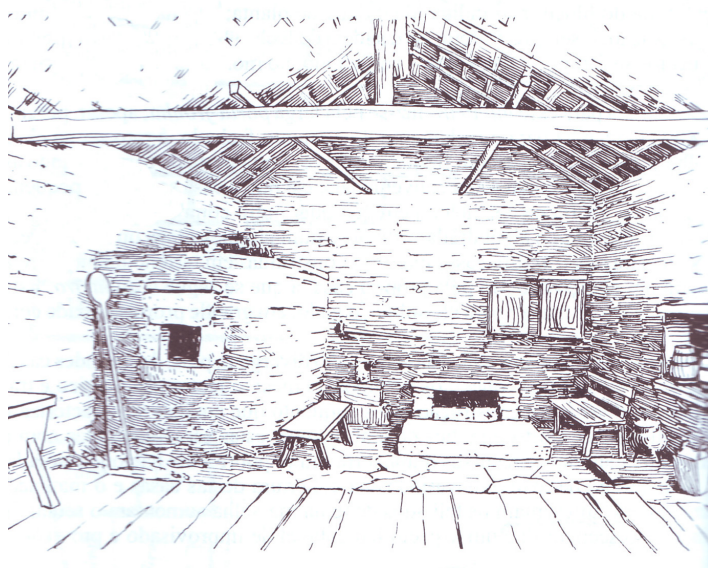


Figura 59
Desenho do sistema de levantamento de telhas por onde se escoava o fumo das cozinhas

quência dos aumentos que vão sendo feitos à casa original. Estas casas nunca se poderiam considerar finalizadas pois continuavam a crescer consoante a necessidade dos seus utilizadores.

No Minho **as casas maiores**, à medida que vão crescendo, dispõem-se com os anexos em volta de um pátio aberto chamado de **quinteiro**. É para o quinteiro que se orientam todas as dependências agrícolas do piso inferior. À frente da casa existe com frequência um *eido*, rodeado de um muro de pedra, que funciona como primeiro momento de chegada à casa. Daqui acede-se à casa através de um portal alto e largo de dois batentes denominado de *porta carral*, que se abre para o quinteiro. É a partir deste que parte a escada de acesso ao piso sobrado, encostada à fachada e normalmente de um único lance.

Piso sobrado No **piso superior** localizavam-se as dependências que permitem a vida familiar como os quartos e a cozinha, e nas casas maiores existiam salas. Não existem corredores até finais do século XVIII³⁷, passando-se de sala para sala sucessivamente, ou utilizando a varanda. Existia uma grande proximidade e partilha de intimidade entre os membros da família pois não havia noção de privacidade. Os quartos eram apenas pequenas alcovas onde cabia pouco mais do que a cama. Quando existiam salas estas eram espaços nobres da casa, apenas utilizados em dias solenes, que por vezes tinham tectos em masseira enobrecendo o espaço.

A cozinha A **cozinha** era o centro da casa, e reconhecida como peça fundamental. Nela se preparam as refeições, se conservavam os alimentos, sendo a fonte de aquecimento e onde por vezes até se dormia. Normalmente tinha uma laje de pedra onde se fazia o fogo, que estava ao nível do chão. Existem exemplos onde a cozinha se situa rebaixada, formando um degrau que serve como banco, ou também acima, quando o pavimento é soalhado. Por vezes também existia um forno situado no canto, feito de pedra e revestido com barro. O mobiliário ajuda a definir os diferentes espaços por vezes todos dentro da mesma sala, como é o caso das cozinhas. Não existia chaminé e por isso o escoamento do fumo é feito “(...) *pelas fendas naturais ou praticadas intencionalmente no telhado, ou telhas levantadas, ou pelas portas e janelas abertas.*”³⁸. O telhado é normalmente em telha vã, sem qualquer forro.

37 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 148. “O surgimento de de corredores de distribuição entre os vários espaços da casa marca o momento em que a intimidade dentro do lar, mesmo que entre os membros de família, começa a ser algo mais consciente.” in AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 420

38 Veiga de Oliveira, Ernesto, and Fernando Galhano. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1992, p. 34.



Figura 60
Varanda em
madeira na Casa
do Carvalho em
Chacim

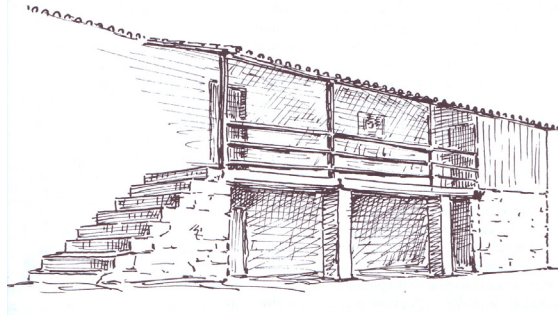


Figura 61
Desenho de casa
com varanda em
madeira no Lugar
de Venda da Cruz,
Braga

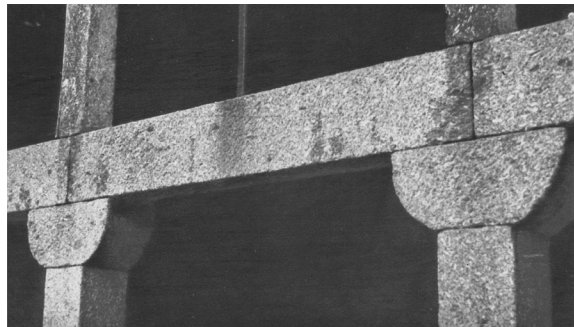


Figura 62 e 63
Pormenores



Figura 64
Estrutura de
cobertura em
madeira

A varanda A **varanda** é uma peça fundamental na organização da casa pois muitas vezes une todos os espaços. Para além de local para o desempenho de diversas funções diárias são também espaços de ligação, funcionam como corredores que ligam a entrada da casa com os quartos ou sala, desenvolvendo-se a todo o comprimento da casa. As varandas situam-se ao longo da fachada cobertas pela continuação do telhado “*apoiadas em pilares isolados; retraídas ou projectadas suspensas, de traves lançadas desde o interior e de lajes de pedra engastadas na parede; abertas ou entaipadas, recolhem-se exemplos interessantíssimos que nos mostram a relativa semelhança de soluções dispersas*”³⁹. Podem aparecer à face da fachada, apoiada em colunas ou usualmente em pilares de pedra encimados por uma espécie de capitel de cantos redondos. O piso térreo por baixo da varanda fica aberto e é utilizado para armazenamento de alfaias.

Materiais As varandas são normalmente executadas em madeira, podendo ser ao nível térreo estruturadas com pilares de granito. O **pinho, o carvalho e o castanho** são as madeiras mais comuns na região. A sua utilização exterior é apenas pontual e com grandes condicionantes. A duração da madeira é muitas vezes condicionada pela fraca resistência às humidades e sendo esta região afectada por um elevado índice de pluviosidade e humidade nos solos, a madeira é só utilizada no nível superior e pontualmente. Por estas mesmas razões, além de afastadas do chão, por vezes surgem exemplos de paredes localizadas no exterior em tabique ou taipa, onde a madeira surge revestida com argamassa, embora esta técnica seja mais frequentemente utilizada nas divisórias interiores.

Construção As **estruturas interiores** de apoio à cobertura, soalhos e caixilharias também são feitas em madeira. A cobertura das casas é normalmente de quatro águas com beirais corridos, assentes em singelas cornijas. Quando a forma da casa é rectangular, as coberturas são de duas águas, originalmente feitas em colmo com beirado ou guarda-vento em granito ou por vezes com um sistema de alambres e pedras para fixar o colmo. Também existem alguns exemplos de coberturas em lajes de granito ou em xisto. Actualmente já se encontram poucos exemplos de coberturas nestes materiais, tendo estas sido adaptadas aos novos materiais cerâmicos como a telha de canudo, telha lusa ou telha marselha. A cobertura em telha tem como característica as águas pouco inclinadas, em que o encontro com o beirado se faz de forma suave e continua, por vezes continuando sobre a varanda. Além das utilizações já referidas, a madeira é ainda utilizada com frequência nas paredes dos espigueiros e nos vãos dos sequeiros.

39 *Arquitectura Popular Em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 82



Figura 65
Janela em parede
de alvenaria de
granito em S. João
de Tarouca



Figura 66 e 67
Pilares em granito
e em madeira

Figura 68
Cunhal sem
tratamento



Figura 69
Vão em alvenaria
de granito

Figura 70
Fecho de porta de
madeira

As paredes

Os edifícios na área em estudo utilizam o **granito** como principal material de construção porque para além de ser o recurso mais abundante na região, oferece características estruturais, de protecção e conforto, pelas quais se distingue. Estruturalmente o granito é muito resistente, permitindo o assentamento das pedras sobre si mesmas sem a necessidade de qualquer outro material acessório como argamassas. As **paredes** geralmente têm entre sessenta a oitenta centímetros de espessura. No caso de uma habitação com dois pisos, habitualmente a parede inferior é mais espessa que a superior para garantir ainda mais estabilidade e ajudar no assentamento das vigas do pavimento. Estas podem ser paredes duplas (aparelho interior e exterior independentes, ligado por peças que vão de face a face denominadas por *juntouros* (deixando um vazio entre si que funciona como isolamento). São peças lavradas que ressaltam e se destacam em contraste com as paredes lisas e podem ser adornadas por motivos decorativos.

O estilo da casa popular do Norte pode definir-se como *“um neoclassicismo rústico cuja sobriedade rude vai a par com uma beleza de linhas que realça a nobreza severa da pedra.”*⁴⁰. As fachadas são lineares e desvendam a construção, mais ou menos regular, sem argamassa, reboco ou caiação. São raros os ornatos: apenas nos beirais das telhas, nos lintéis sobre portas e janelas, normalmente simples, na escada de pedra e no seu patamar alpendrado ou ainda nas varandas. Por vezes surgem varandas com algum ornamento no tratamento dos pilares e colunas de apoio ao alpendre ou nos elementos de madeira. As escadas também são uma das peças com mais adorno pela sua relevância, existindo muitas vezes guardas e remates em granito muito interessantes, mas não é tão frequente o tratamento dos cunhais.

Os vãos

Os **vãos** são normalmente de tamanho reduzido, muito raramente têm molduras, resultando da execução de um aparelho mais cuidado nas ombreiras e padieiras por razões estruturais. Inicialmente não se utilizava o vidro, existindo apenas um sistema de portadas de madeira. Mais tarde, começaram a aparecer caixilharias envidraçadas com sistema de guilhotina. As portas eram em madeira, de uma ou duas folhas com fechos e trancas também em madeira.

Nas zonas de povoamento disperso as casas de lavoura faziam-se acompanhar de uma série de instalações de apoio à actividade agrícola como *“(...)o espigueiro ou canastro para guardar o milho, no oeste até à altura do Buçaco, a eira de lajes de granito ou xisto, onde se levantam, na área montanhosa e transmontana, enormes medas de palha e cen-*

40 VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 35



Figura 71
Povoado de mon-
tanha em Alto de
Quintela



Figura 72
Aldeia de Bucos,
Cabeceiras de
Basto



Figura 73
Casa pátio em
Chacim

*teio; o lagar, o moinho de água; palheiros, currais e fornos de cozer o pão, cobertos muitas vezes pelo mesmo tecto que abriga os homens.*⁴¹. Estes anexos garantiam a auto-suficiência da família que habitava a casa e cultivava os campos.

A casa serrana

A **casa serrana** é semelhante à casa de vale. As diferenças advêm principalmente da sua localização na montanha, conseqüentemente inseridas num povoado concentrado, distinguindo-se também pela qualidade construtiva que se traduz em diferentes soluções formais.

A organização e tipo de construção das casas serranas são idênticos ao das casas de vale, mantendo-se a organização em dois pisos distintos por funcionalidades e a construção em aparelho de granito. Ainda assim, as casas serranas são maioritariamente mais pobres que as de vale, demonstrando por isso um aparelho mais rude e são toscamente construídas, reflectindo noções mais arcaicas. Pelas características do terreno onde se implantam as casas não aparentam uma forma tão regular como as anteriores, variando consoante a adaptação a este. Além disto, encontram-se agrupadas entre outras casas, o que não permite o seu crescimento ou o aparecimento dos quinteiros. A relação com o espaço público faz-se de forma distinta, a casa serrana tem acesso directo do caminho ou rua, embora por vezes através de uma escada que liga à varanda que se mantém como elemento fundamental na distribuição e organização da casa, sendo habitualmente em granito com uma guarda mais alta.

Casas pátio

Entre as casas serranas e as de vale encontra-se um modelo comum: as **casas pátio**. Nas serras, estas casas, embora semelhantes ao exemplo com quinteiro descrito anteriormente associado às casas de vale, distinguem-se deste pela sua qualidade arquitectónica mais rica: *“os pátios (habituais na conformação da casa) funcionam como prolongamentos das áreas de estar, mas ao ar livre, permitindo um acesso imediato a todos os espaços da habitação. Serve, assim, de área de distribuição, aproximando funcionalmente as várias áreas interiores”*⁴². Pode-se encontrar esta tipologia tanto em casas de lavoura como em solares. Normalmente a escada de acesso à casa é de maiores dimensões e centralizada no pátio, na casa nobre. Pensa-se que *“a origem deste modelo pode encontrar-se nas vilas romanas”*⁴³, enquanto o modelo de casa com quinteiro aproxima-se dos *“espaços cercados que reuniam edificações castrejas com diferen-*

41 VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 31

42 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 147

43 TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas Do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 51



Figura 74
 Contraste entre um sequeiro em arquitectura popular e uma capela erudita na Casa da Breia de Baixo, S. Nicolau



Figura 75
 Pedra de armas da casa da Breia de Cima, S. Nicolau, Cabeceiras de Basto

Figura 76
 Remate de escadaria numa casa em Alvite, Cabeceiras de Basto



Figura 77
 Casa em Pedraça, Cabeceiras de Basto

tes funções ou pertencentes a uma mesma família”⁴⁴. O que distingue estes dois tipos será a sua relação com o espaço público, sendo a casa pátio fechada para o exterior e constituída por diversos volumes coesos, enquanto a casa com quinteiro resulta de acrescentos que vão sendo feitos sem grande integração arquitectónica.

Entre a Arquitectura Popular e a Erudita

“É uma questão em aberto se é a arquitectura popular que reflecte os modelos desta arquitectura vulgarmente chamada de culta ou de erudita ou se, pelo contrário, é esta que resulta de uma elaboração da arquitectura popular.”⁴⁵

Entre as grandes casas de lavoura e os solares rurais existe uma grande proximidade, distinguida pelos artifícios que escondem os elementos essenciais. É nestes artifícios que se reconhecem estas duas arquitecturas: popular e erudita, embora entre os dois tipos não existam fronteiras bem definidas.

O facto da **arquitectura erudita** ter por base um maior investimento ao nível do trabalho do material, distingue-a de outras manifestações mais populares embora possa resultar do trabalho do mesmo mestre pedreiro. Na expressão erudita o pedreiro recorre a um vocabulário mais evoluído, que tem por base normalmente modelos com origem noutros locais. Muitos dos solares rurais que aparecem no Minho têm origem em modelos de casas rurais de arquitectura popular, como a casa com quinteiro ou a casa pátio. Assim a **arquitectura popular** não é uma tentativa de imitação mais pobre dos modelos eruditos, mas antes será a origem dos modelos e formas que mais tarde são repetidos e desenvolvidos na arquitectura erudita. *“se por um lado as famílias de estatuto mais elevado são as que mais potenciaram o desenvolvimento da região (com criação de riqueza e de uma estrutura político-cultural), é o povo que mais marcas deixou na paisagem, quanto mais não seja, pelo número de casas que construíram.*”⁴⁶

A diferença entre popular e erudito não se encontra no vocabulário estético das formas mas sim na maneira como os recursos disponíveis foram utilizados na construção.

44 TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas Do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 51

45 TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas Do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013, p. 9

46 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 143

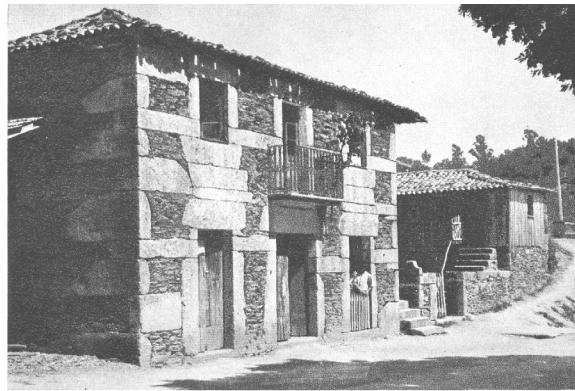
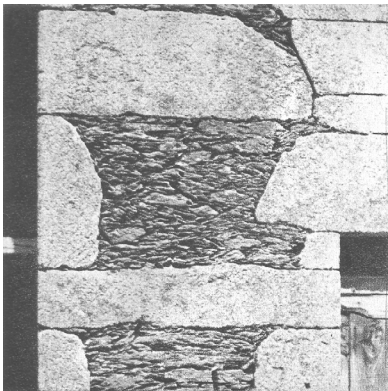


Figura 78
Registo fotográ-
fico de uma casa
em Olela, Sta.
Senhorinha de
Basto do Inquérito
(1961)



Figura 79
Fotografia actual
da mesma casa em
Olela (2014)

Arquétipos no concelho de Cabeceiras de Basto

No decorrer do desenvolvimento da dissertação de Mestrado e do projecto de intervenção foram feitas várias visitas à Casa de Além, bem como a aldeias vizinhas. Ao percorrer alguns destes lugares, observaram-se edifícios com características idênticas ao caso de estudo, decidindo-se por isso que faria sentido registar, documentar e apresentar este material, pela importância que este reconhecimento teve no entendimento e desenvolvimento do projecto. Permitiu estabelecer comparações e analisar casos já intervencionados que serviram de referência para o projecto.

Do património histórico-arquitectónico do concelho de Cabeceiras de Basto fazem parte inúmeros exemplos de arquitectura popular, existindo inventariados cerca de duas centenas e meia de casos de habitação vernacular pelo Inventário do Plano Estratégico de Desenvolvimento Integrado do Espaço Rural e Florestal do Concelho de Cabeceiras de Basto⁴⁷. Este é um dos concelhos do Norte de Portugal onde, por existirem povoações em lugares que até há poucos anos mantinham uma acessibilidade reduzida, e porque as construções em granito possuem grande robustez, se conseguem encontrar vestígios de edifícios de arquitectura popular bem conservada.

A freguesia de Riodouro é onde existem os mais antigos e a maior quantidade de exemplares deste tipo de arquitectura, mas também nas freguesias de Bucos, Alvite, S. Nicolau, entre outras. Ainda resistem algumas habitações datadas do século XVII, muito embora a escassa documentação existente dificulte a sua datação exacta. É através das datas inscritas nos lintéis ou da comparação das tipologias que se torna possível fazer uma datação de construção.

Na aldeia de Olela, em Santa Senhorinha de Basto, encontra-se uma habitação⁴⁸ que aparece documentada no Inquérito à Arquitectura Portuguesa, onde as transformações ocorridas desde aí até aos dias de hoje são muito significativas. Além de ter existido uma alteração no programa, o edifício sofreu modificações na fachada e remodelações interiores, permitindo contudo a sua identificação, situação que se crê não ser tão comum noutros casos presentes no Inquérito.

47 AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p.

48 *Arquitectura Popular Em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 79



Figura 80 e 81
O alçado e o pátio interior da Casa do Carvalho em *cimadevila* na aldeia de Chacim



Figura 83 e 84
Vista exterior e varanda interior da Casa do Jorge em *cimadevila* na aldeia de Chacim

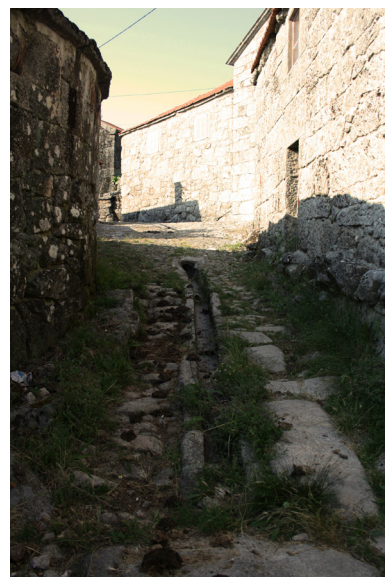


Figura 85
A aldeia de Juguelhe com a paisagem em fundo

Figura 86
Levada em granito nos caminhos da aldeia de Juguelhe

A grande parte dos edifícios que encontramos nos locais visitados inserem-se no tipo de arquitectura popular já descrita anteriormente - zona do Minho - pelo que se destacam apenas pormenores de maior relevância e/ou que possuem relações com o objecto de estudo.

Chacim A aldeia de **Chacim** tem alguns exemplos de arquitectura popular nos seus núcleos mais antigos, que pela sua proximidade com a Casa de Além, consideraram-se particularmente interessantes para o estudo. Em *cimadevila* encontra-se a **Casa do Carvalho**, que apesar de já intervencionada, ainda mantém o seu traçado original. O portão carral e a forma da casa permitem adivinhar o pátio existente. No seu interior, percebe-se que a construção acompanha o vertiginoso declive do rochedo onde se implanta e que está saliente no pátio. As escadas em granito que partem deste espaço dão acesso à varanda de madeira, preservam o seu carácter autêntico, onde ainda se pode ver o desenho de detalhe dos capitéis em madeira com alguma erudição, que sustentam o alpendre.

Próxima desta casa, encontra-se um outro exemplar interessante pela sua grande autenticidade - a **Casa do Jorge**. Insere-se na tipologia de **casa com pátio**, que ainda hoje é utilizado como quinteiro. Situa-se no núcleo mais antigo da aldeia em torno de um conjunto de pequenos edifícios que se foram aglutinando ao longo dos anos. O espigueiro, que atravessa o caminho adjacente à casa, demonstra a imprevisibilidade desta arquitectura, e reforça os seus princípios. Na casa os elementos escada/varanda repetem-se, mas desta vez atingem maiores proporções, permitindo-lhe assumir outros usos para além de funcionarem simplesmente como espaço de ligação. Esta varanda é toda em madeira e ainda conserva muitos dos pormenores. Dá acesso à cozinha que mantém o lajeado tradicional, embora agora possua uma lareira nova, e o tecto bem como algum mobiliário.

Juguelhe Em **Juguelhe**, pequena aldeia da freguesia de Riodouro, localizada a grande altitude em zona serrana, também existem ainda muitos exemplos de arquitectura popular, bastante bem conservada (à excepção de algumas situações como podemos ver na imagem...). Aqui ainda se preservam algumas infra-estruturas que servem o aglomerado como a levada, que atravessa a aldeia, conduzindo a água proveniente de uma nascente para os campos da aldeia, mas que serve o tanque de dar de beber ao gado.

A **Casa de Baixo** é uma casa pátio, embora com algumas aproximações à tipo-



Figura 85 e 86
A Casa de Baixo em Juguelhe com um traço mais erudito



Figura 87
Casa em Riodouro destaca-se pela sua composição formal



Figura 88 e 89
Quinteiros em utilização nos dias de hoje na aldeia de Teixeira de Alcanhões



Figura 90
Anexo agrícola construído sobre um grande rochedo na aldeia de Teixeira de Alcanhões

Figura 91
Interior de uma casa na aldeia de Teixeira de Alcanhões

logia das casas senhoriais, perceptível no nível de trabalho e desenho da cantaria das suas paredes, dos ornamentos das escadas, das molduras das janelas e cornijas ou o tratamento dos cunhais do edifício. Refira-se que estamos perante um caso de excepção nesta aldeia, contudo interessou-nos pela sua curiosa aproximação funcional ao caso de estudo.

Todas as restantes habitações que encontramos neste lugar são de uma arquitectura muito mais pobre, pois este trata-se de um povoamento de montanha. Em muitas delas visualizamos transformações sucessivas de que foram alvo ao longo dos anos, numa demonstração da grande versatilidade que esta arquitectura dispunha. O aparelho de pedra das paredes, como um puzzle permitia o preenchimento de vãos, a continuação de paredes, a introdução de remates, etc.. Na aldeia encontra-se também uma magnífica eira, de grandes dimensões associada a um sequeiro e espigueiro conservados na sua traça original, bem representativos da importância que a cultura de sequeiro atinge nestes povoados.

Riodouro

À descida para **Riodouro**, em lugar incerto, encontra-se um edifício que se destaca pela sua composição formal. A base, de grandes dimensões, é de um aparelho irregular e robusto onde se abre apenas um vão para o exterior. Nela assenta um corpo mais baixo, de aparelho de pedra lavrado encimado por uma cornija de desenho simples e junto a este surge uma parede em ripado de madeira.

Teixugueiras

Na aldeia de **Teixugueiras**, pertencente à mesma freguesia, situada numa cota intermédia entre Chacim e Juguelhe, encontram-se bons exemplares de traçado popular, maioritariamente devolutos e talvez por isso preservam ainda a sua autenticidade. No miolo da aldeia, surgem alguns exemplos curiosos de quinteiros, que actualmente ainda mantêm a sua função, apesar da evolução das técnicas e equipamentos agrícolas. Servem para armazenamento, para a guarda de gado ou das maquinarias e equipamentos agrícolas dos nossos tempos.

Numa das casas vê-se o tradicional sistema de alvenaria de aparelho irregular, tosco e robusto enquanto o interior é mais delicado, predominando a madeira. Encontram-se alguns pormenores com desenho interessante como uma guarda-trabalhada azul ou as portas e paredes divisórias em madeira. Associado à habitação existe um pequeno edifício destinado às cortes, que integra na construção o próprio rochedo onde está implantado, em harmonia perfeita com a natureza envolvente.

II
INTERVENÇÃO

Referências

Pré-Existência

Projecto



REFERÊNCIAS

*Gendi arum restrum acientus aut quibusamus nis qui ut quis ad quiatque pos
voloribus qui sent laut ad quis assinciet doluptius es eriasu mendit doluptiaest
aut laborer natiam nobitate none doloren imendae et
Catarina Queirós*



Figura 1
Alçado principal
do Templo
Malatestiano

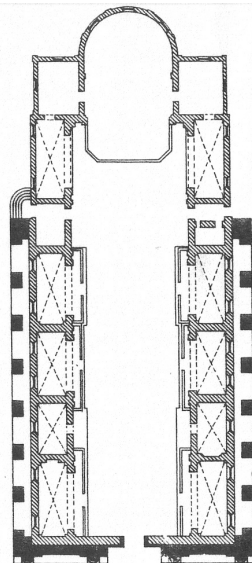
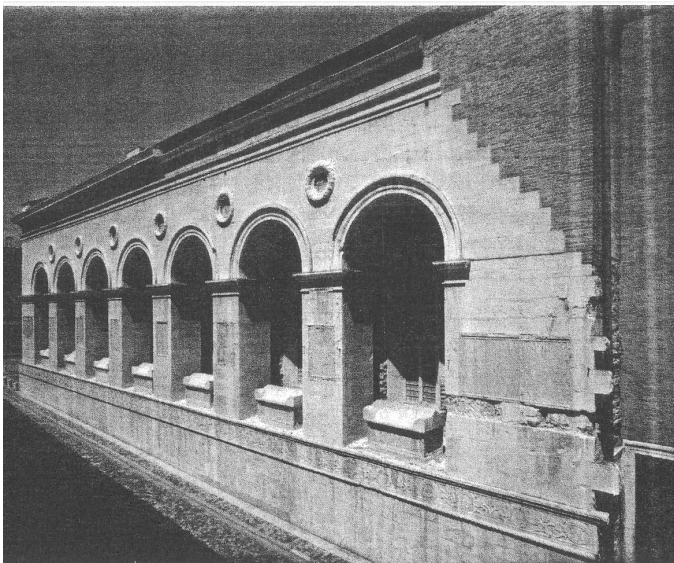


Figura 2 e 3
Alçado e planta do
Templo
Malatestiano em
Rimini, Itália,
obra do arquitecto
renascentista Leon
Battista Alberti

Teorias da Reabilitação

“Património não pode ser apenas aquilo que os nossos antepassados (...) nos deixaram. O património resulta duma criação permanente e colectiva e o próprio acto de recuperação do património tem de ser um acto de criação e não um acto de rotina burocrática ou de capricho pessoal.”⁴⁹

Conceito de património

A noção de **património** é um conceito bastante recente, cujo termo significa herança em latim. Define-se como um conjunto de heranças, materiais ou imateriais que pelo seu valor e pela sua relevância na identidade de uma cultura ou de um povo devem ser consideradas de interesse público. Actualmente a noção de património cultural encontra-se consideravelmente alargada não só ao património material como arquitectura e objectos, paisagens e lugares, mas também ao património imaterial onde se inserem as festas, ditados e dizeres populares, ou a gastronomia, e tantas outras manifestações. Além disto, património é sinónimo de um gesto que merece ser recordado e imortalizado. Para além de um material ou objecto é uma maneira de fazer e o *know-how* que importa transmitir de geração em geração, de maneira a que não se percam. Assim poderemos *“inventar um amanhã coerente, digno – ao menos – do que exista de melhor nas tradições culturais que recebemos por herança”*⁵⁰. O património é por isso, uma herança do passado que se afirma no presente.

Cartas e Convenções

O surgimento da preocupação com a conservação do património arquitectónico e arqueológico existe há alguns séculos. A arquitectura grega e romana, bem como as anteriores, não tinham consideração pelo que já existia, tomavam o edificado existente como uma base material sobre a qual construiriam o novo edifício, sem consciência do seu valor histórico.

Foi no **Renascimento** que a consciência da diferença entre o passado e o presente começou a surgir. É na arquitectura do Classicismo que passa a existir uma leitura crítica do edifício existente previamente à intervenção no mesmo. O arquitecto italiano desta época Leon Battista Alberti (1404-1472) revela num dos

49 TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial Blau, 1993, p. 40

50 PACHECO, Hélder, Portugal. Património Cultural Popular 1 - O Ambiente Dos Homens. 1a ed. Porto: Areal Editores, n.d, p. 15

seus primeiros projectos para o templo da família Malatesta⁵¹, uma enorme preocupação com o existente, intervindo sobre a igreja de São Francisco em Rímini. Este projecto revela respeito pela estrutura existente, embora introduzindo um novo sentido ao espaço através do desenho.

É também nesta época que surgem as primeiras medidas legisladoras para a preservação de monumentos. Mais tarde no século XVIII, surgem as primeiras intenções de restauro com base científica na cidade de Roma e na Suécia é aplicada a primeira lei de protecção de monumentos. Estes acontecimentos demonstram uma evolução na consciencialização sobre o património arquitectónico embora focado apenas ainda sobre os monumentos históricos.

A partir do século XIX o conceito de património afirma-se cada vez mais, através da classificação dos edifícios considerados monumentos de interesse histórico, negligenciando tudo o resto. Aos monumentos, por vezes abandonados, era atribuído um novo uso numa tentativa de preservação destes.

É também neste século que surgem algumas figuras importantes no desenvolvimento do conceito de património e da sua conservação como **Eugène Viollet-le-Duc**⁵² ou **John Ruskin**⁵³, que defendem duas teorias antagónicas no restauro e conservação dos edifícios.

Viollet Le-Duc

O *restauro estilístico*⁵⁴ de Le-Duc defendia que deveria ser devolvido o carácter formal que o edifício teve no momento áureo da sua história, adoptando uma visão purista e redutora, sustentando uma arquitectura revivalista. Por vezes esta atitude levava ao depuramento da arquitectura na procura pelo traçado original, mesmo que isso implicasse a destruição de elementos actualmente considerados de valor patrimonial quer no edifício como na sua envolvente. Exemplo disso foi a intervenção do plano de Haussmann⁵⁵ que destrói todo o edificado envolvente na *Île de la Cité*, enquanto Le-Duc estava a cargo do restauro da Catedral de Notre-Dame em Paris.

51 baseado em SOLÀ-MORALES, Ignacio de, *Intervenciones*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2006, p. 18

52 Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (1814-1879) foi um arquitecto francês ligado à arquitectura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico.

53 John Ruskin (1819-1900) foi um escritor influente na era Vitoriana, marcado pelos seus ensaios sobre arte e arquitectura.

54 Termo utilizado por Juan Rivera Blanco (1997) in LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito, *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações E Conveções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. Pg. 15

55 Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), foi o grande remodelador de Paris. Entre 1853 e 1870 foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III.



Figura 7
Aguarela da
Igreja de Cristo
em Oxford feita
por John Ruskin
(1819-1900)

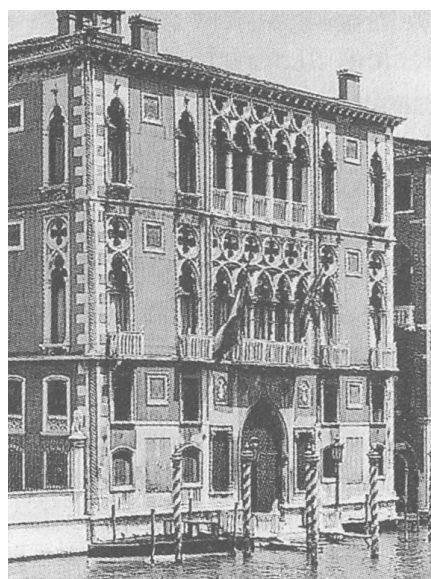
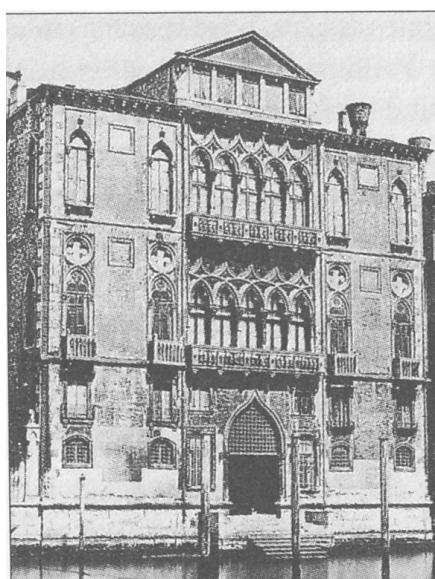


Figura 8
Palácio Cavalli
Franchetti em
Veneza antes e
depois do restauro
feito pro Camillo
Boito em 1890

John Ruskin

John Ruskin pelo contrário, defendia uma intervenção minimalista, através da conservação da ruína tal como ela se encontra, evocando o passado e um *romanticismo arqueológico*, argumentando que uma intervenção de restauro se entendia como um falso historicismo. O historiador Juan Rivera Blanco categoriza esta atitude como *movimento anti-restauro*⁵⁶.

Camilo Boito

É a partir destas teorias que **Camilo Boito**⁵⁷, contemporâneo de Le-Duc e Ruskin, no final do século XIX, define três critérios essenciais para o restauro de edifícios:

- Deve preferir-se sempre a conservação. Todas as operações de melhoramento devem ser apenas de intervenção mínima.

- Além de conservar a matriz essencial do edifício, devem considerar-se todas as contribuições existentes que fazem parte da história do edifício.

- Se existir uma intervenção, esta deve ser diferenciada do edifício para que se destaque, através da utilização de materiais e texturas diferentes.

É essencialmente após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) que se gera uma consciência mais abrangente, para a preservação e protecção dos monumentos, museus e obras de arte, numa tentativa de salvaguarda contra os perigos de destruição inusitados pela guerra, promovendo as primeiras normas internacionais para a conservação do património. Esta preocupação aparece principalmente na Europa, tendo-se mais tarde alastrado a outros países no mundo.

Carta de Atenas

Um dos documentos mais importantes na história da conservação e restauro do património edificado é a “Carta de Atenas do Restauro”, lançada em 1931 como resultado da conferência promovida pelo Conselho Internacional de Museus. Trata-se do primeiro documento internacional de referência sobre processos de conservação e defesa do património edificado. As medidas mais relevantes apresentadas nesta carta são: “(i) a manifestação da clara necessidade de uma conservação e manutenção regulares de monumentos;

(ii) a defesa do respeito pela obra histórica e artística do passado, sem banir ou seleccionar

56 LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel Brito, *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações E Conveções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p.

57 Camillo Boito (1836-1914) foi um arquitecto e engenheiro italiano, autor do texto *Os Restauradores*, apresentado na Conferência feita na Exposição de Turim, em 1884.

diferentes “estilos” das diferentes épocas representadas, quando do restauro do monumento;

(iii) a proposta de reutilização do monumento, com actividades funcionalmente adequadas, como garante fundamental da sua utilidade às diferentes gerações e como garantia importante para a sua continuidade futura;

(iv) a chamada de atenção para a importância das envolventes:

(v) a afirmação da necessidade de um rigoroso trabalho prévio de análise e documentação que fundamente as intervenções e que possa fornecer um diagnóstico correcto das causas patológicas detectadas.⁵⁸

Em consequência, surgiram novas teorias que vieram a ser implementadas pelos países aderentes e começa-se a falar pela primeira vez em património da humanidade, criando-se em 1933 a Comissão Internacional dos Monumentos Históricos. No Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) de 1933 publicou-se uma nova Carta de Atenas desta vez focada no tema do urbanismo moderno, onde também se refere o património histórico das cidades.

A organização da **UNESCO** (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) surge em 1945, após a 2ª Guerra Mundial, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU), tendo um papel fulcral na protecção do património cultural a nível mundial. Além de ser activa na defesa do património e promover a elaboração de documentos e recomendações, também encorajou uma série de organizações não-governamentais especializadas em matérias diversas dentro do que define o património mundial. A UNESCO desenvolve também uma *Lista do Património Mundial* onde estão inscritos os monumentos e sítios considerados de valor excepcional para a comunidade mundial. A *Convenção do Património Mundial* é um documento, que já conta com mais de 175 Estados inscritos e 750 sítios classificados⁵⁹.

UNESCO

Em 1962 é emitido em Paris o documento *Recomendação sobre a Salvaguarda da Beleza e do carácter das Paisagens e dos Sítios* onde é aconselhada a preservação das paisagens e sítios naturais, rurais ou urbanos da melhor forma possível classificando-os como património e incentivando o seu restauro. Embora o tema da preservação

58 AGUIAR, José; CABRITA, A.M. Reis; APPLETON, João, Guião de Apoio À Reabilitação de Edifícios Habitacionais, Vol. 1., Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2005, p. 7

59 LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel B., *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p. ????

do património histórico das cidades já tivesse sido abordado, é neste último documento que se reforça esta ideia, acrescentando outras definições do âmbito rural.

No fim da década de 60 e início de 70, surge a necessidade de reabilitação urbana, gerando um interesse na defesa do património e no retorno aos centros das cidades, onde várias intervenções foram feitas por toda a Europa no restauro e conservação de cidades históricas. Alguns dos primeiros exemplos em Portugal de intervenções em pequenas cidades históricas são Monsanto, Óbidos ou Monsaraz⁶⁰.

ICOMOS

Uma das organizações internacionais mais relevantes na definição dos princípios de intervenção em património é o Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios também conhecido como **ICOMOS**, criada em 1965 com sede em Paris e tem como objectivo “*promover a conservação, a protecção, a utilização e a valorização dos monumentos, conjuntos e sítios*”⁶¹. As normas do trabalho desta organização baseiam-se na *Carta Internacional sobre a Conservação de Monumentos e Sítios*, documento resultante do 2º Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos realizado em 1964, mais conhecida por Carta de Veneza. Esta é um documento de referência no âmbito da salvaguarda do património arquitectónico mantendo-se actual até aos dias de hoje; nela define-se a classificação de património arquitectónico e reafirma-se a importância do projecto de intervenção e restauro. Além da ampliação do conceito de património, reconhece-se a importância não só na conservação de monumentos históricos, mas também na conservação de áreas edificadas urbanas e rurais. Com base nas cartas e recomendações escritas até então, esta vem acrescentar algumas medidas e conceitos que importa destacar:

Carta de Veneza

- (i) Consideração dos monumentos como um património comum, assinalando a responsabilidade colectiva na sua salvaguarda para as gerações futuras, nomeando cada nação responsável pela aplicação destes princípios.
- (ii) Definição da noção de monumento histórico como: “*criação arquitectónica isolada, bem como o sítio rural ou urbano que constitua testemunho de*

60 AGUIAR, José; CABRITA, A.M. Reis; APPLETON, João, *Guião de Apoio À Reabilitação de Edifícios Habitacionais*, Vol. 1., Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2005, p. 10

61 LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel B., *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p. 24

*uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico*⁶²

- (iii) O restauro do monumento deve ser elaborado com a participação de todas as ciências e técnicas e deve ser feito o esforço de salvaguardar quer a obra de arte quer o seu testemunho histórico.

Dado o seu valor histórico, esta carta não foi modificada, sendo antes complementada com outras cartas anexas que foram sendo elaboradas.

A Carta de Cracóvia lançada em 2000, vem acrescentar às *Carta de Atenas do Restauro* e à *Carta de Veneza*, uma proposta de renovação de atitude face ao tema da conservação de património. Se inicialmente apenas eram considerados património arquitectónico os edifícios de carácter público e com valor histórico como os monumentos, actualmente também outros edifícios, habitacionais, industriais e comerciais estão incluídos, sendo certo que este património é igualmente importante na história do povo, através da sua representação, materialidade e mesmo na forma como foi feito, reflectindo um carácter pontual e individualizado de acordo com a época onde se insere.

Carta de Cracóvia

Portugal aderiu à UNESCO em 1965, onde começou a fazer parte das nações integrantes e por isso a aplicar as regras estabelecidas pelas organizações competentes. Na *Lista do Património Mundial, Cultural e Natural* já se contam exemplos portugueses como o Convento de Cristo em Tomar, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém e a sua envolvente, que foram dos primeiros a serem classificados (1983); ou o Centro Histórico do Porto (1996), o Centro Histórico de Guimarães (2001), a Região Vinhateira do Alto Douro (2001) ou mais recentemente a Universidade de Coimbra (2013).

62 LOPES, Flávio, CORREIA, Miguel B., *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Lisboa: Livros Horizonte, 2004, p. 104

Referências de Projecto

Granito

*“La arquitectura es un problema creciente de utilización y referencias a modelos [...] los arquitectos no inventan nada. Trabajan continuamente con modelos que transforman como respuesta a los problemas con los que se encuentran.”*⁶³

O recurso a referências na concretização de um projecto é um trabalho constante em todos os processos de criação. *“Conservar e construir são momentos de um mesmo método na transformação dos edifícios”*⁶⁴, que deve fazer parte da base teórica de qualquer projecto de intervenção numa pré-existência. O tema da reabilitação tem vindo a afirmar-se em Portugal, sendo esta uma prática cada vez mais comum em todo o mundo, pelo que se entendeu pertinente a análise de algumas obras já realizadas em Portugal, bem como no estrangeiro.

Na reabilitação existem dois tempos referenciais: o passado – onde a pré-existência se insere – e o presente – que é marcada pela nova intervenção. Os métodos e técnicas construtivas da arquitectura popular bem como os documentos de ordem histórica para a preservação do património servem como primeiras referências na abordagem ao projecto. Considerando a análise a referências do passado foi feita anteriormente no texto, referimo-nos agora a referências do presente, actos no contemporâneo que actuam sobre casos pré-existentes.

63 in Álvaro Siza, “Interview”, Plan Construction, 11ª sessão, Maio 1980) – Revista En Blanco nº1 2008, p. 7

64 PORTAS, Nuno in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial Blau, 1993, p. 44

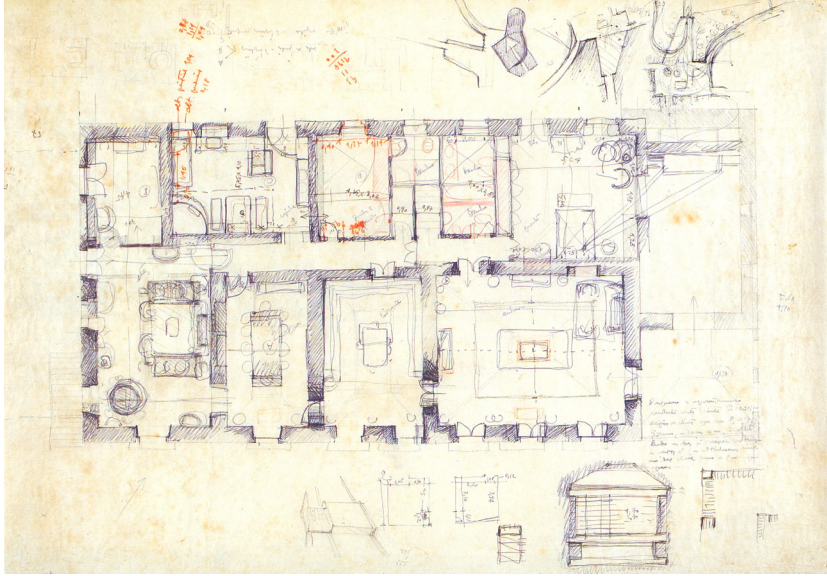


Figura 9
 Planta da Casa da
 Covilhã,
 Guimarães (1973)

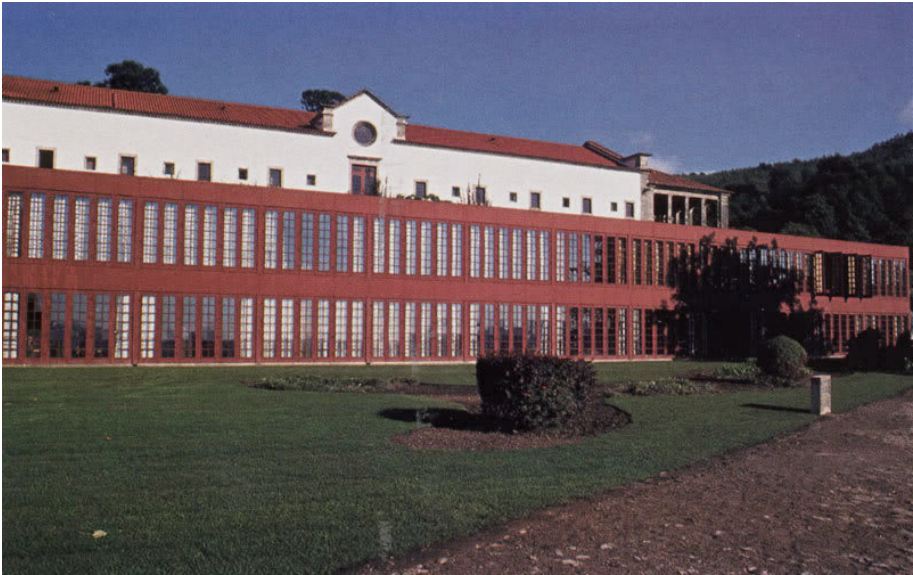


Figura 10
 Convento de Santa
 Marinha,
 Guimarães (1975)

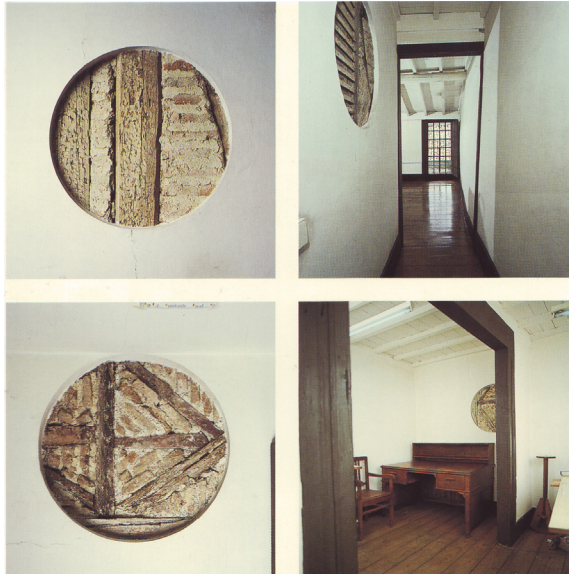


Figura 11
 Casa da Rua Nova,
 Guimarães, 1985

Como introdução ao tema, destaca-se o papel do arquitecto Fernando Távora no desenvolvimento da reabilitação em Portugal. Távora é uma figura marcante na arquitectura portuguesa e destaca-se nesta temática defendendo uma arquitectura dialogante com as formas do passado em busca de uma continuidade arquitectónica. A sua sensibilidade perante o antigo e enraizamento com a arquitectura tradicional portuguesa, faz com que tenha sido um dos protagonistas no debate nacional acerca da preservação do património arquitectónico. As palavras do arquitecto Alexandre Alves Costa revelam a sensibilidade com que Távora encarava a intervenção num objecto existente: *“Távora trabalha e molda a preexistência, usa-a como matéria de projecto. Relê nela o fluir da história e, aceitando sobreposições ou aposições estilísticas ou de linguagem, usa todos os meios para o clarificar. Não prescindindo da investigação histórica e arqueológica, anota fases de desenvolvimento dando-lhes, sem moralismo, uma nova dignidade. A intervenção actual é mais uma, desenhada com regras claras que resultam da interpretação da história, incluindo a contemporânea.”*⁶⁵. Salientam-se como obras de referência neste tema exemplos como a Casa da Covilhã (1973-1976), Convento de Santa Marinha (1975-1984) ou a Casa da Rua Nova (1985-1987) obras que influenciaram muitos arquitectos portugueses.

Granito

A escolha das obras a analisar teve como base o tema da reabilitação. Tendo em consideração as intervenções realizadas, podem dividir-se os exemplos em três tipos, embora entre cada um deles não existam limites bem definidos: nos primeiros salientamos a *reabilitação* como integração entre intervenção e pré-existência; os segundos focam o tema da *interpretação da ruína*, enquanto os terceiros abordam o processo de *reprogramação* da pré-existência. Preferencialmente escolheram-se edifícios inseridos num ambiente rural e casos que tratam a temática da habitação, numa procura de analogias com a problemática do projecto de intervenção para a Casa de Além.

Na abordagem dos casos de estudo, o objectivo não foi elaborar uma análise extensa de cada projecto mas antes destacar as referências que mais influenciaram o projecto de tese.

65 ALVES COSTA, Alexandre in AA.VV., *Fernando Távora*, Corunha: COAG, 2002, p. 60

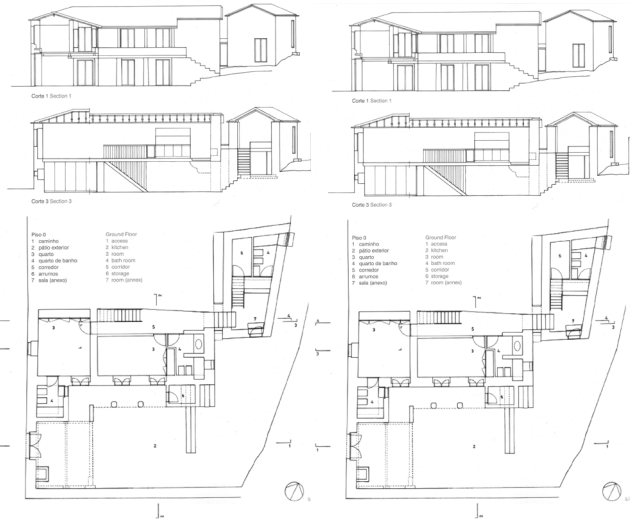


Figura 12, 13 e 14
 Desenhos de projecto da Casa de Pardelhas. Planta de implantação, planta do piso 0 e piso 1, respectivamente, e cortes



Figura 15
 Vista do pátio para a Casa de Pardelhas



Figura 16
 Vista da varanda exterior



Figura 17
 Vista do interior da casa

Fernando Távora- Casa em Paredelhas, Vila Nova de Cerveira (1994-1999)

A Casa em Paredelhas é um projecto de intervenção no existente realizado pelo arquitecto Fernando Távora na década de 90. Trata-se de um conjunto agrícola rural situado no Norte de Portugal, mais propriamente em lugar de Paredelhas, concelho de Vila Nova de Cerveira. Insere-se num povoamento do tipo de montanha⁶⁶ e a casa de arquitectura popular, assemelha-se às características das casas desta região, à semelhança do projecto desta tese.

A organização da casa é igual a muitas outras casas minhotas: cortes no rés-do-chão e espaços habitacionais no piso sobrado.

A entrada no terreno adivinha-se numa quebra entre o muro contínuo de granito, que também é fachada cega da casa. Atravessa-se o portão e a calçada desenha o percurso até ao pátio. Por entre alçados desalinhados que vão criando recantos e alguns degraus que pontuam o percurso, assemelha-se a uma rua de qualquer aldeia do Norte de Portugal. O pátio é desenhado pela própria casa, edifícios anexos e muros. É no pátio que se distribuem vários percursos de acesso à casa, ao jardim superior ou à eira. A entrada principal da casa é feita no piso superior com acesso pelas escadas adjacentes à fachada da casa. Os quartos no piso inferior, também têm acesso pelo pátio. A casa principal desenvolve-se em forma de L, criando uma ponte sobre o pátio que permite uma passagem através de um portão para o jardim a Poente.

A organização programática da casa parte do seu funcionamento original. Os espaços mais nobres, amplos e com mais luz localizam-se no piso superior, enquanto os espaços de utilização mais íntima e pontual se localizam no piso inferior.

66 COTTER, Ana Berkeley, *Casa em Paredelhas: O Desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular*, 2013, p.86

4. Planta baja (1:500)
 1. Sala / 2. Baño / 3. Cocina / 4. Dormitorio /
 5. Pórtico / 6. Piscina
 (Fuente: Archivo Álvaro Siza, octubre de 1971,
 escala original 1:100)

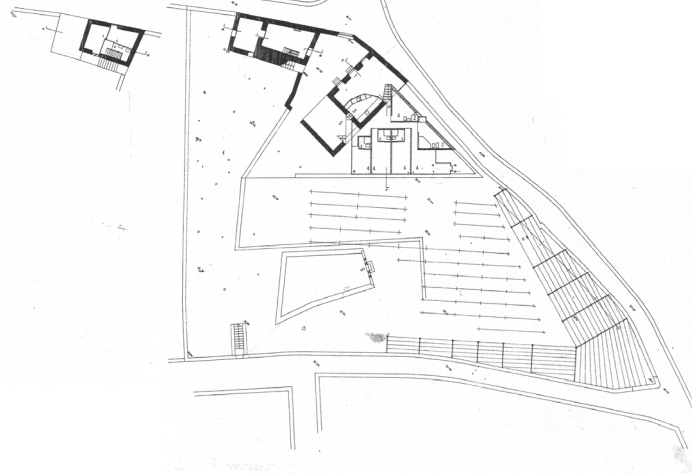


Figura 18
 Planta de im-
 plantação onde
 se pode ver a
 pré-existência, o
 novo edifício e a
 piscina

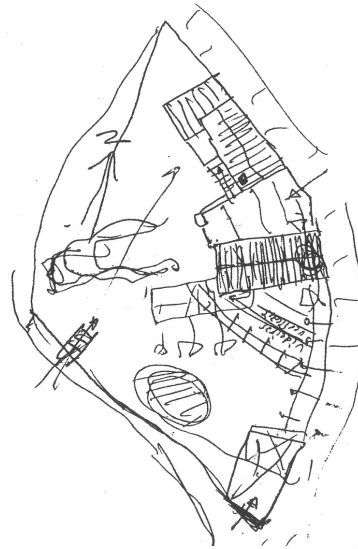


Figura 19
 Vista do exterior
 onde se vê o novo
 edifício assente
 sobre o muro de
 granito

Figura 20
 Esqueto onde
 se percebe a
 orientação de todo
 o complexo



Figura 21
 Ambiente interior.
 No canto vê-se o
 móvel curvo, tema
 que Siza repete em
 toda a intervenção

Figura 22
 Ponto de inter-
 secção entre o
 novo edifício e a
 pré-existência

Álvaro Siza – Casa Alcino Cardoso, Moledo do Minho, 1971

A **Casa Alcino Cardoso** abrange duas propriedades contíguas: uma quinta vinhateira e um terreno adquirido mais tarde com edificações rurais da mesma espécie, e desenvolve-se em duas fases ao longo de 20 anos. Este projecto torna-se especialmente interessante pela abordagem que faz ao tema da relação entre o pré-existente e o novo edificado. Na primeira fase (1971), reabilitou-se uma das casas, construiu-se um novo edifício e uma piscina, enquanto na segunda intervenção (1988-1991) deu-se continuidade ao processo de reabilitação das restantes edificações do terreno, para utilização como turismo rural.

Na reabilitação dos edifícios existentes assume-se o trabalho dos materiais e na readaptação da casa agrícola procura-se o habitar contemporâneo. O novo corpo, que corresponde a uma nova ala de quartos, intersecta a pré-existência e destaca-se pela sua forma de polígono triangular, pelos materiais utilizados (vidro e madeira). Afasta-se do desenho da pré-existência e procura relacionar-se com a paisagem envolvente, funcionando como charneira. A intersecção entre o edifício novo e o antigo faz-se de forma contrastante, através de uma escada com orientação complexa. A utilização de painéis modulares como paredes divisórias entre quartos e casas de banho, ou os móveis da cozinha, acentuam a ideia de acrescento, quase provisório. A utilização da curva está presente como princípio geométrico que Siza repete para resolver várias questões no projecto, na procura de diferenciar as intervenções novas das pré-existências.

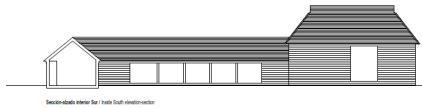
A piscina, opera como se fosse uma “*(im)possível síntese*”⁶⁷ do conjunto. Está orientada segundo a trajectória do sol, reforçando o movimento dos próprios edifícios. É projectada como um tanque de rega arcaico, que surge da memória da paisagem minhota e evoca as qualidades formais da Piscina das Marés em Leça da Palmeira (1961-1966).

Neste projecto de Álvaro Siza verifica-se uma intenção de experimentação em volta do tema de interacção entre o velho e o novo, procurando uma continuidade entre estes dois tempos enquanto se afirmam claramente as suas diferenças. Os princípios desenvolvidos neste projecto surgem mais tarde noutras obras, como é o caso da reconstrução do Chiado em 1991.

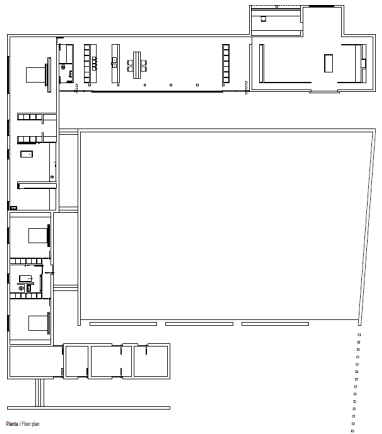
⁶⁷ Memória descritiva de SIZA, Álvaro (1979) in CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, Álvaro Siza: Casas 1954-2004, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004, p.



Figura 22
Vista exterior
da casa antes da
reabilitação



Secção elevação Sul - Fachada sudoeste



Plano 1º andar

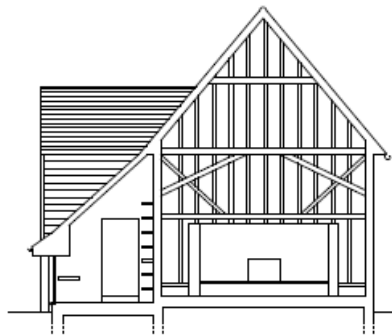


Figura 23 e 24
Planta e corte do
celeiro



Figura 25 e 26
Interiores da casa

John Pawson – Tilty Barn, Essex, Reino Unido, 1994-1995

O *Tilty Barn* está situado na vila de *Tilty*, local ambíguo entre o urbano, o suburbano e o ambiente rural, caracterizado tanto por indústrias gigantes como por pequenas quintas. Este projecto de reabilitação do arquitecto inglês John Pawson é para uma dessas quintas que ficou ao abandono. Trata-se da reconversão de um antigo celeiro da quinta e outras construções anexas em habitação.

Uma das problemáticas do projecto foi a adaptação do complexo agrícola ao novo programa habitacional. Aproveitar a qualidade espacial da pré-existência, composta por espaços amplos e livres que serviam para armazenamento de produtos agrícolas, foi uma das premissas da intervenção. Não se adoptou uma definição dos espaços convencional através de paredes e portas mas antes utilizam-se os próprios espaços como divisórias: é uma casa de banho que divide os quartos, ou é um volume com arrumos e casa de banho que separa os quartos da cozinha.

O elemento de destaque do conjunto é o antigo celeiro, que pelo seu carácter histórico torna-se o “*dominant element*”⁶⁸. Pretende-se que seja um espaço de uso colectivo, para que não perca o seu significado mas também que não se imponha em demasia. Pawson refere mesmo que “*the solution was to make the heart of the house an L-shaped range of accommodation*”⁶⁹.

O projecto reforça a relação da casa com a paisagem diminuindo a sua conexão com a vila vizinha. John Pawson orienta os espaços colectivos para o terraço central, enquanto os quartos, se orientam para a paisagem, adoptando-se uma linguagem moderna com vãos amplos rasgados de laje a laje. A organização do espaço do celeiro é feita através de paredes baixas que cercam uma lareira, criando um novo espaço dentro deste, mais intimista.

O pavimento da casa é todo em betão o que reforça a ideia de uma base onde tudo pausa e flui e onde o novo mobiliário se torna no principal interveniente no desenho dos espaços. A estrutura do celeiro é mantida quase como relíquia, tendo sido criada uma caixa de gesso em volta dos barrotes e traves de madeira. Existe uma preocupação para que a nova intervenção interfira o menos possível com o existente.

68 SUDJIC, Deyan, *John Pawson: Works*, London: Phaidon Press Limited, 2000, p.177

69 SUDJIC, Deyan, *John Pawson: Works*, London: Phaidon Press Limited, 2000, p.177

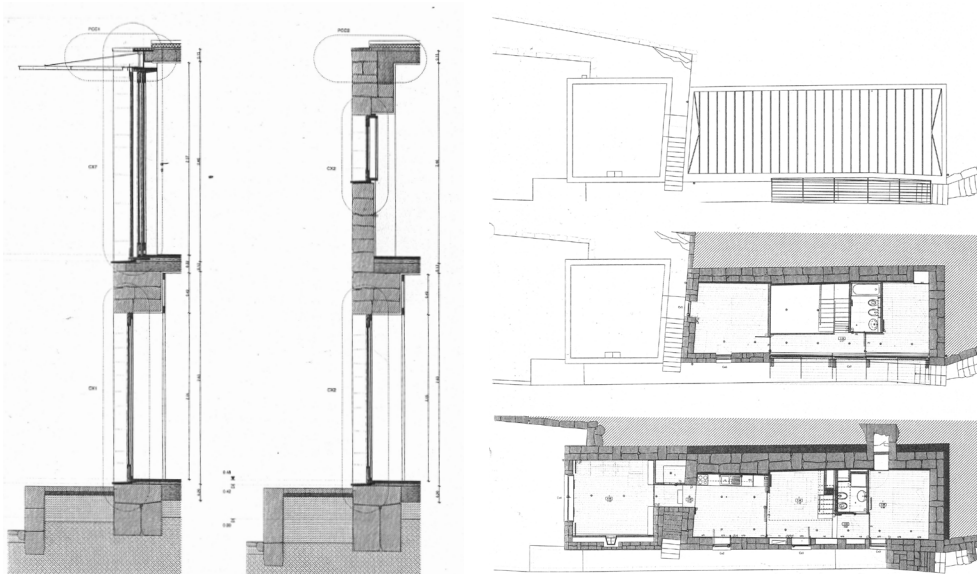


Figura 26
Cortes
Construtivos pela
fachada

Figura 27
Plantas do piso de
cobertura, primei-
ro piso e entrada,
respectivamente



Figura 28
Vista exterior da
Casa da Penha
Longa



Figura 29
Vista da interacção
entre o volume
original em granito
e o volume novo
rebocado

Figura 30
Interior da Casa da
Penha Longa

Adalberto Dias – Casa Penha Longa, Marco de Canavezes 1994-2000

A Casa da Penha Longa é um projecto de reabilitação e transformação de uma casa em ruínas, situada no Marco de Canavezes, na margem direita do rio Douro, da autoria do arquitecto Adalberto Dias.

A pré-existencia correspondente à tipologia de uma casa rural de dois pisos em granito, comum na região. O edifício já tinha sido alvo de transformações, encontrava-se devoluta e em ruínas, restando apenas as paredes de granito, sem cobertura quando o arquitecto Adalberto Dias a encontrou.

Neste projecto, o arquitecto não faz a reconstrução da casa mas antes aproveita a ruína tal como esta se encontra, adoptando-a às novas necessidades. Através da natural destruição das paredes em ruína, surge um rasgo aproveitado como grande envidraçado que ilumina o seu interior. É colocado um perfil metálico estrutural, à mesma altura das paredes de alvenaria existentes, marcando a intervenção. Um sistema de portadas de madeira faz com que este plano possa ser transparente ou opaco, mas se distinga sempre do granito das paredes.

O projecto de recuperação teve de responder, por questões programáticas, a uma nova ampliação, seguindo o mesmo sentido e orientação do anterior crescimento. É assim que *“outro espaço renasce desta preexistência, mantendo a sua nova forma – a de ruína, último estado de construção original”*⁷⁰. O novo corpo surge associado à segunda eira, dando continuidade ao movimento e à forma da ampliação inicial embora se destacando pelo material e técnicas utilizadas, bem como pelo facto de ter só um piso. Além disso, abre-se para o jardim a Poente e encerra-se para a paisagem a Sul, ao contrário do resto da casa.

70 NEVES, José Manuel das, *Adalberto Dias, Arquitecturas*, Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA, 2005, p.

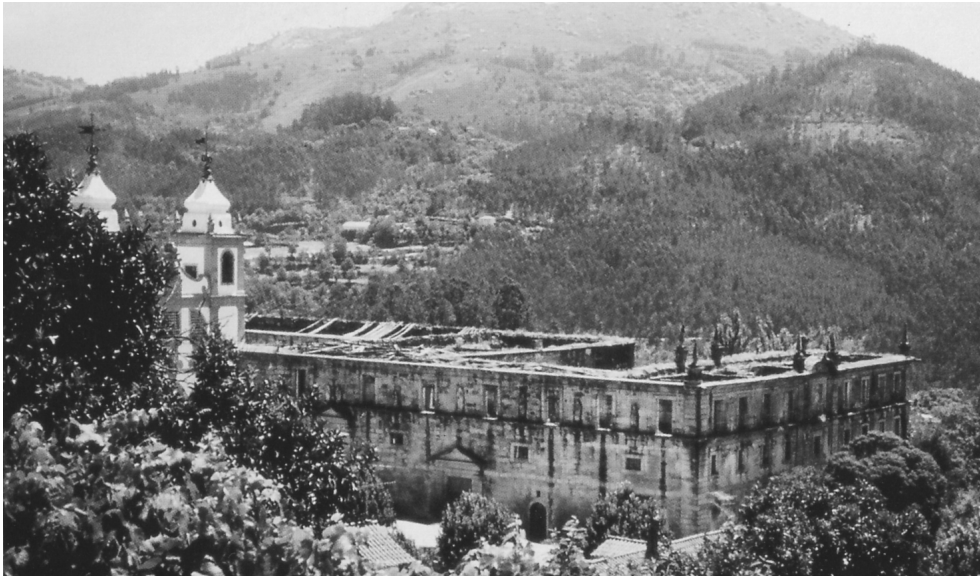


Figura 31
O Mosteiro em
ruínas



Figura 32
O pátio das
laranjeiras



Figura 33
Vista do claustro

Eduardo Souto de Moura – Mosteiro de Santa Maria do Bouro, Braga, 1997-2001

A reconversão do Mosteiro de Santa Maria do Bouro em pousada foi levada a cabo pelo arquitecto Eduardo Souto de Moura e fez parte de uma encomenda feita pelo Ministério da Cultura em 1989. O processo entre projecto, construção e concretização, estendeu-se ao longo de uma década. Neste projecto de reabilitação Souto de Moura pretende *dar uma imagem* de contemporaneidade ao edifício.

O mosteiro, de ordem cisterciense, foi fundado no século XII, tendo sofrido alterações ao longo do tempo até cair em ruína total após a saída das ordens religiosas. O arquitecto encontrou um conjunto de paredes em granito já sem coberturas, pelo que resolve manter a pré-existência como uma ruína. A intervenção faz a adaptação do novo programa da pousada ao edifício, de forma pragmática.

Souto de Moura reconhece a ruína como natureza abstracta e desenvolve um projecto não de reabilitação do edifício mas como se tratasse de uma nova construção: “*não estou a restaurar um mosteiro. Estou a construir uma pousada com as pedras de um mosteiro*”⁷¹. Toma os muros e pedras existentes como material de construção, “*já que são material disponível, aberto, manipulável tal como o edifício foi durante a história*”⁷², através da reordenação das peças de cantaria. Trata-se de um novo edifício com vários intervenientes, alguns deles com séculos de existência, num contínuo entre a ruína e o novo harmonioso, ambos coexistindo como se de um novo edifício se tratasse, “*a ruína ainda lá está mas não é romântica. É apenas a recordatória de uma forma de passagem.*”⁷³

No **claustro** Souto de Moura reconhece a componente plástica das suas paredes e sobrepõe-na à sua função como elemento de ligação e passagem, através da abstracção do objecto para que este se torne mais uma peça de contemplação. Ao deparar-se com este espaço parece que se está de novo entre as ruínas do mosteiro.

71 AA.VV., *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 44

72 AA.VV., *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 5

73 AA.VV., *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 61



Figura 34 e 35
Pormenores de intervenção

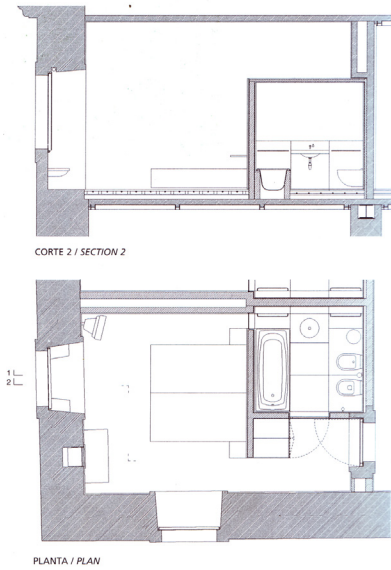


Figura 36
Corte e planta de um módulo dos quartos



Figura 37
O interior do quarto onde se pode ver o o volume da casa de banho

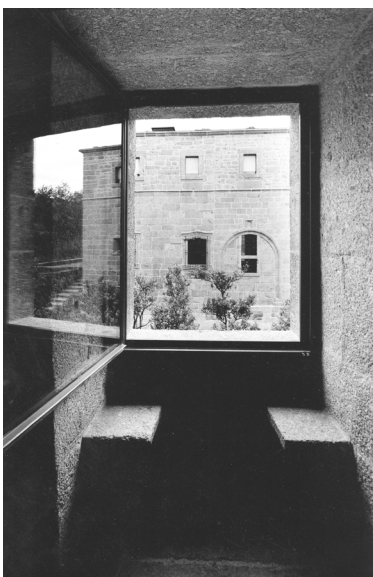


Figura 38 e 39
A expressão leve do caixilho em ferro

No **pátio das laranjeiras** o pavimento em saibro ou um varandim em aço que se solta, avançando sobre a parede de granito, acabam por reflectir toda a estratégia do projecto, que traduz a autonomia dos elementos, pela utilização de materiais novos e contemporâneos. É na solução que adopta para resolver a diferença de cotas entre dois pisos através de um enorme bloco monolítico de mármore esculpido em degraus, na fragilidade do encontro, entre um e outro elemento que reside a transparência: *“para mostrar que os actuais não eram os níveis originais, concebi os pequenos degraus de ligação em mármore e não em pedra. Tinha vergonha de não dizer a verdade.”*⁷⁴.

Nos **quartos**, Souto de Moura propõe-se manter o traçado original das celas do mosteiro, que proporcionam uma intimidade que se assemelha ao pretendido num quarto de uma pousada. É introduzido um módulo de casa de banho no seu interior, como se de um armário se tratasse, com um pé direito mínimo, camuflada pelos painéis de madeira que a revestem e contrastam com o reboco das paredes. Salienta-se a atitude de autonomizar este espaço infra-estrutural, soltando-o do restante espaço através da sua altura bem como pelo facto de se desligar das paredes, de um lado permite a passagem, do outro possibilita a entrada de luz através de um pequeno rasgo. As portas evocam simbolicamente a função anterior, pelo seu carácter robusto e encerrado.

Granito

Nas janelas o arquitecto utiliza uma linguagem comum entre a sua arquitectura ao fazer a interpretação: *“uma janela é um buraco numa parede”*. Assim as caixilharias das janelas, são metálicas com uma expressão mínima, quase imperceptíveis do lado exterior. Para acentuar ainda mais esta linguagem sob a ideia de buraco é utilizado vidro anti-reflexo.

Eduardo Souto de Moura desenvolve em toda a sua obra uma aproximação com a tectónica. Nos projectos de reabilitação, apesar de aparentemente mais delicados, transparece essa mesma sensibilidade e apreço pelos materiais contemporâneos. O processo de trabalho assemelha-se a Távora ou a Siza, mas a sua interpretação do edifício tende a ser diferenciada.

74 AA.VV., *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 50



Figura 40
Pátio da Inquisição



Figura 41
Pormenor do interior

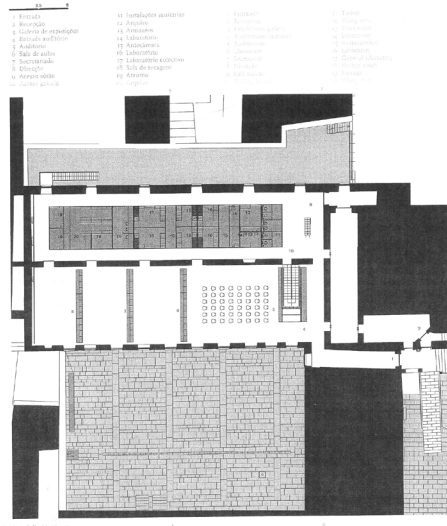
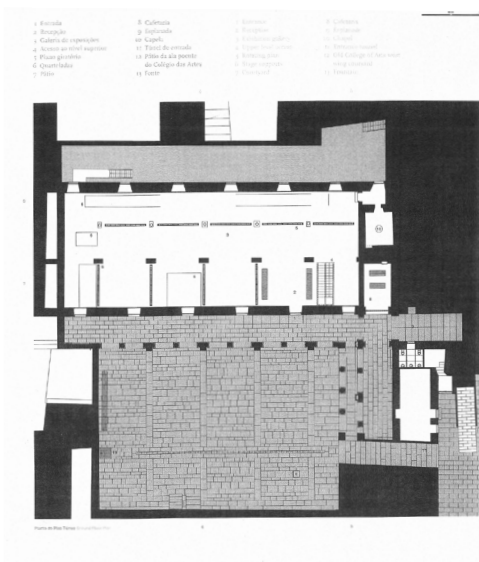


Figura 42 e 43
Planta de entrada e do primeiro piso

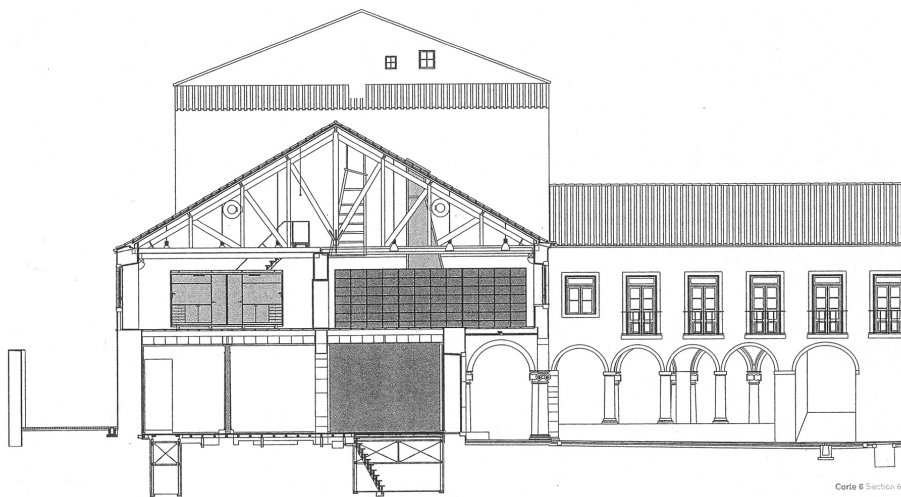


Figura 44
Corte transversal onde se distinguem as quatro camadas: piso arqueológico, o de exposição, o de trabalho e a zona técnica

João Mendes Ribeiro – Centro de Artes Visuais, Coimbra, 1997-2003

O Centro de Artes Visuais faz parte de um projecto de intervenção no Antigo Colégio das Artes em Coimbra. O edifício encontrava-se abandonado entre quarteirões antigos da cidade, desde os anos 90 quando o IPPAR⁷⁵ fez escavações arqueológicas no interior e exterior do edifício e se descobriram as celas. O arquitecto João Mendes Ribeiro ficou a cargo da intervenção de recuperação e reconversão da ala poente do antigo Colégio para albergar o Centro de Artes Visuais e reconversão do Pátio da Inquisição. O novo programa para o edifício deverá acolher exposições, espaços para o desenvolvimento de actividade fotográfica e para outros serviços como a biblioteca, área de formação e administração.

A reconversão deste edifício para a adopção de um novo programa pôs várias questões sobre como intervir sobre um edifício histórico que já foi alvo de várias transformações ao longo dos tempos. João Mendes Ribeiro refere que a proposta procura uma solução “*mais neutra*”⁷⁶ pela necessidade de responder ao programa e permitindo a coexistência com os achados arqueológicos. Assim a solução “*centrou-se na limpeza do que estava a mais, deixando visíveis as transformações que foram feitas ao longo dos tempos no edifício e em aberto a possibilidade de estudar melhor o edifício.*”⁷⁷.

A intervenção tem com base uma arquitectura de linguagem clara e objectiva, que procura uma certa autonomia em relação ao que existe, sem anular ou se sobrepor ao edifício existente. Adopta uma linguagem claramente contemporânea que define a diferença entre o velho e o novo, pretendendo “*tornar claro o que existe, com o alcance de rigor máximo que a interpretação da história permite. (...) esse é o melhor vestígio que a nossa contemporaneidade pode deixar*”⁷⁸. A dicotomia entre o passado e o presente está bem vincada através da manutenção e recuperação do que já existe, ao mesmo tempo que o que é feito de novo é tratado como um acrescento e não uma interferência. A intervenção procura a transparência na leitura do espaço total, conseguindo-o através da autonomia dada à nova organização do espaço. Através da utilização de recursos formais e novos materiais, como a madeira aplicada em painéis amovíveis ou o pavimento pensado como removível para permitir a visita aos vestígios arqueológicos nas alas subterrâneas, transmite-se

75 Instituto Português do Património Arquitectónico, agora conhecido como DRC – Direcção Regional da Cultural

76 Conversa com João Mendes Ribeiro in FERREIRA, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efêmero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003, Pg. 75

77 Conversa com João Mendes Ribeiro in FERREIRA, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efêmero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003, Pg. 77

78 Conversa com João Mendes Ribeiro in FERREIRA, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efêmero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003, Pg. 77



Figura 45
Sistemas de caixas
no primeiro piso



Figura 46
No piso livre e
amplo as caixas
aparecem soltas



Figura 47
Sistemas de
clarabóias original
e re-invenção

uma linguagem de carácter efémero, que demonstra a flexibilidade para com os vários tempos de intervenção no edifício.

É utilizada uma linguagem “*de caixa dentro de caixa*”⁷⁹, que já tinha sido utilizada por Mendes Ribeiro noutros projectos e serviu como solução para um programa que não necessita de luz natural (oficinas de fotografia ou arquivos) e requere uma temperatura ambiental para a prática da fotografia. Estes módulos afastam-se das paredes do edifício, actuando sobre o espaço amplo, como que flutuando.

O sistema da cobertura tradicional em asnas, madres e barrotes de madeira é deixado descoberto garantido mais amplitude ao espaço. Um dos elementos mais curiosos do projecto são os lanternins, que o arquitecto optou por conservar e repetir com uma linguagem contemporânea, como recurso para a iluminação dos espaços interiores.

O trabalho de João Mendes Ribeiro revela uma grande preocupação com o trabalho da luz, natural e artificial, tanto em projectos arquitectónicos como nos cenográficos. Na obra de João Mendes Ribeiro o trabalho de cenografia é muitas vezes transposto para a arquitectura e vice-versa. Comum a estas duas vertentes há sempre um sentido de abstracção e uma procura de “*economia de meios*”⁸⁰ numa tentativa de “*fazer muito com muito pouco, numa procura insistente do essencial*”⁸¹.

79 “Eu diria que trabalho muito com uma espécie de “caixa dentro de uma caixa”. A caixa palco já permite essa surpresa, seguindo-se outra caixa a uma escala mais reduzida – à escala de um objecto – (...) na cenografia vou buscar outras áreas disciplinares – a dança, o teatro e as artes plásticas – e que, de alguma forma, também transporto, talvez inconscientemente, para a arquitectura.” Conversa com João Mendes Ribeiro. Ferreira, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efémero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003. Pg. 73-75

80 Conversa com João Mendes Ribeiro in FERREIRA, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efémero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003. Pg. 79

81 Conversa com João Mendes Ribeiro in FERREIRA, Nelson. *João Mendes Ribeiro. Entre o efémero e o perene*. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. FAUP. 2002/2003, Pg. 79



PRÉ-EXISTÊNCIA



Figura 48
Os campos
envolventes como
vinha de
enforcado, as
oliveiras e o feno



Figura 49
Vista da cozinha
a Norte para a
aldeia.
Consegue-se ver a
torre da igreja



Figura 50
Vista superior da
Casa de Além

Seguidamente será feita uma abordagem descritiva e explicativa do objecto de estudo dada a sua importância na elaboração do projecto de intervenção. Começando pela análise do lugar onde este se insere até à génese da sua construção.

O Lugar

O lugar⁸² onde um objecto arquitectónico se insere, revela muito sobre si mesmo, principalmente tratando-se de arquitectura popular, onde os edifícios são reflexo directo do que existe em seu redor. O *genius loci*⁸³ é o espírito do lugar. “o sítio é um instrumento”⁸⁴

A **Casa de Além** localiza-se na aldeia de Chacim, freguesia de Refojos de Basto. Fazem parte do que se designa por Casa de Além, um conjunto de edifícios a saber: **uma habitação, um sequeiro com respectiva eira e espigueiro e um tanque**. Este conjunto localiza-se em lugar relativamente próximo da aldeia embora isolado, envolvido por campos.

Apesar de afastada, a casa estabelece uma relação visual com a aldeia e principalmente, com a igreja localizada no seu ponto mais alto. Os acessos ao local são feitos através de um caminho público que parte da estrada principal e faz serventia aos campos agrícolas, matas e outras casas. Trata-se de um percurso calçadado e enquadrado por muros de granito, limites das propriedades contíguas, cultivados ainda com culturas tradicionais como a vinha de enforcado, milho, prado para pastagem de gado, hortas e pomares.

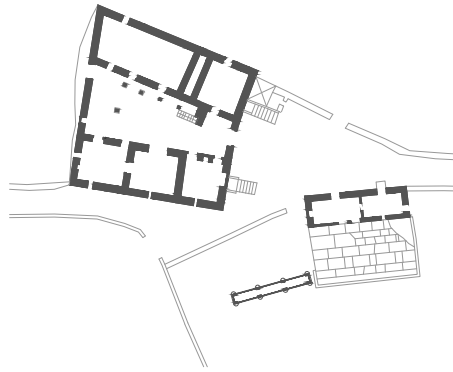
Durante as muitas visitas ao terreno ao longo do ano conseguiu-se perceber que esta paisagem está em constante mutação consoante as estações do ano. Quando as folhas das árvores caem a relação visual da casa com a paisagem alarga-se, enquanto que na Primavera e Verão a casa fica mais isolada, ganhando uma intimidade própria.

Percorrendo o caminho de acesso à casa começa por visualizar-se um volume maciço granítico entre a vegetação. Já na proximidade da casa propriamente dita, surge um pequeno edifício a Sul – sequeiro – e um alargamento do caminho

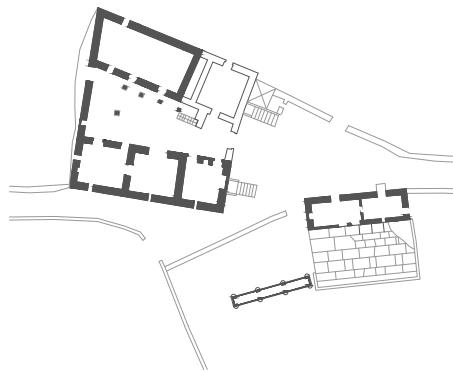
82 Genius loci – norberg Schulz? Verificar!

83 Christian Norberg Schulz

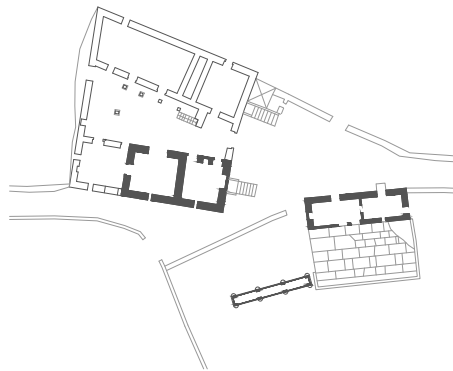
84 Conversa com Eduardo Souto de Moura in TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto de Moura*, Lisboa: Editorial Blau, 1994, p. 28



1882



1833



1770

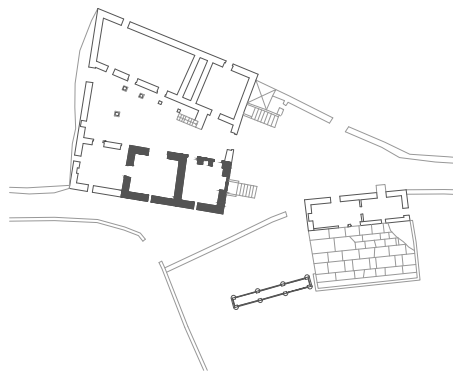


Figura 51
Evolução
mofológica do
conjunto da Casa
de Além

permite a visualização da fachada principal da Casa de Além. O largo abrange toda a largura da casa, e embora se trate de um espaço público, encontra-se todo coberto por uma ramada, que o torna acolhedor. Este é o primeiro momento da casa, que determina a chegada e que ao mesmo tempo é o espaço que agrega todas as construções e campos. A **implantação** da casa faz-se sob um enorme afloramento rochoso granítico que serve de fundação ao edifício.

História e Evolução Morfológica

História É praticamente inexistente a documentação sobre a Casa de Além, razão pela qual o estudo e análise da casa foram feitos com base na informação recolhida sobre o tipo de casa do Minho, através de comparações e paralelismos com os exemplos estudados.

Através de relatos dos antigos proprietários ou moradores da casa, obtivemos informação sobre a sua ocupação na última metade do século XX, período em que teve vários inquilinos, todos caseiros, que trabalhavam as terras para os donos da casa em troca de habitação e de algum do proveito do cultivo. Sabe-se que durante este período, terão lá vivido duas famílias simultaneamente (2 caseiros distintos) razão pela qual encontramos na casa duas cozinhas. A cozinha original, no corpo Norte, e uma cozinha improvisada no corpo a Sul, dado que surge com a colocação de lajes de granito (o designado lar) sobre um soalho pré-existente, situação pouco comum, já que representava algum perigo do ponto de vista de segurança estrutural e também de incêndio.

Os últimos inquilinos, que habitaram a casa até aos dias de hoje, eram também caseiros com muito poucos recursos e viviam em más condições dado que a casa não possuía quarto de banho nem sistema de saneamento. Utilizavam toda a casa embora apenas alguns espaços tenham sido objecto de melhorias para tornar possível a sua habitabilidade.

Morfologia e evolução

A **forma da casa** foi evoluindo ao longo dos tempos tal como é habitual neste tipo de habitações. A alteração do agregado familiar, a melhoria das condições económicas dos seus proprietários ou o aumento da área de terras na dependência da casa e conseqüentemente a necessidade de mais espaço para as alfaías e produtos agrícolas, levaram a sucessivas transformações do edifício original.



Figura 52, 53, 54 e 55
Pormenores das datas cravadas nos linteis e tipo de aparelho



Figura 56 e 57
Vista e pormenor da zona alpendrada onde existia a parede em taipa

Figura 58
Pormenor da pedra mais ornamentada da casa

Da interpretação das estruturas pré-existentes supomos que terão existido pelo menos duas grandes campanhas de obras, durante as quais se procedeu a ampliações à forma original da casa. As datas que aparecem inscritas no lintel da porta esquerda no alçado Nascente “1770” e no lintel sob a janela no alçado Poente “ANNO D 1882”, ajudam a interpretação sobre como se terá dado a evolução do edifício. Com estas datas e através do aparelho de pedra e de uma leitura atenta da estereotomia, é possível apontar algumas conclusões.

Pensa-se que o primeiro corpo da Casa de Além, datado do século XVIII de planta quadrangular, será o que se dispõe mais a Sul, ao longo do caminho. Pressupõe-se que um século mais tarde (1882) se terá prolongado esta habitação com um novo corpo a Poente, formando um L. Pela diferença no tipo e expressão do aparelho de pedra, que possui um traçado mais regular e vãos com padieiras arqueadas, pensa-se que o corpo a Norte terá sido o último a ser construído, embora sem se poder precisar uma data específica. O portão carral faz o encerramento do pátio nesta terceira fase.

A ligação entre o corpo Norte e Sul é executada no piso superior com base num sistema construtivo bastante distinto do que predomina na restante casa. Possui dois pequenos espaços com paredes em taipa, únicas em toda a casa. Atendendo a que estas divisórias de carácter precário correspondem à fachada do edifício que possui uma varanda de sacada, com laje suportada por cachorro em cantaria com voluta, elemento com mais erudição de todo o edifício, apontamos para que possa tratar-se de uma fase de construção iniciada com base num determinado projecto, mas posteriormente interrompida.

Durante as últimas décadas a casa manteve-se praticamente sem alterações, sendo apenas realizadas obras de conservação – substituição do telhado da casa (década de 90) ou melhorias pontuais em alguns espaços.



Figura 59
Vista para o pátio



Figura 60 e 61
Vista dos interiores do piso térreo onde eram a adega e as cortes



Figura 62 e 63
Interior da cozinha (corpo A) e da sala (corpo B) com tecto de masseira

A Casa Pátio Rural

A Casa de Além é explicitamente um bom exemplo de arquitectura popular e pode integrar-se, de acordo com os modelos descritos anteriormente na **casa rural com pátio ou quinteiro**.

Organização

A **organização da casa** cumpre a tipologia tradicional, com algumas alterações pontuais, resultantes das adaptações que foi sofrendo ao longo dos anos. A casa tem dois pisos, onde o **andar térreo** servia para as cortes dos animais, para as alfaias e produtos agrícolas, existindo ainda, no corpo Sul um lagar e uma adega com pipos para a confecção e armazenamento de vinho. Cada espaço tem aspectos e pormenores adaptados às funções que desempenham. Na adega há uma janela, que se distingue pela sua largura e também pela relação que estabelece com a cota do pátio, por onde se fazia os descarregamentos das uvas directamente para o lagar. As cortes possuíam o pavimento todo na rocha natural, tendo em alguns locais sido escavada, mas podendo-se observar a irregularidade do afloramento. Num dos espaços possui até uma pia esculpida no afloramento rochoso para manjedoura do gado. Neste piso todas as divisões possuem acesso autónomo através do pátio, enquanto para o exterior apenas tem pequenos postigos para arejamento.

No **piso sobrado** localizam-se os espaços para a vida quotidiana da família. A sala, os quartos, as cozinhas e a latrina (com escoamento para o quinteiro). No corpo Norte existe uma varanda orientada a Sul, que se desenvolve ao longo da fachada, estabelecendo a ligação entre os diferentes espaços, pois não existe comunicação interior entre eles. O espaço que estabelece a ligação entre o corpo Norte e o corpo Sul, possui dois pequenos quartos. No corpo Sul existe outro quarto, um compartimento onde ainda se reconhece a estrutura de um tecto em masseira embora muito degradada e que possui vestígios do funcionamento de uma cozinha (improvisada), e a sala, com um tecto em masseira, que se apresenta como o espaço mais nobre da casa. Nesta ala da casa as circulações já se estabelecem no interior, existindo uma sucessão de portas alinhadas.

O **sequeiro** tem a data 1833, pelo que se aponta para que a sua edificação coincida com a segunda campanha de obras desta habitação. Para além da eira a que se associa possui no seu interior um espaço destinado ao alambique.



Figura 64
Escada assente
no afloramento
rochoso



Figura 65
Cornija



Figura 66
Vãos



Figura 67
Fresta



Figura 68 e 69
Aspectos deco-
rativos: Cachorro,
merlões e nicho

Caracterização Construtiva

O **granito** é o material predominante em todas as construções deste conjunto. Aparece quer na execução das paredes e muros, em pavimentos e em muitos dos elementos acessórios, sejam lagares, espigueiro, eira, escadas, tanques, pias, etc.

O edifício da casa possui paredes exteriores e interiores em **alvenaria de granito**, executada com blocos paralelepípedicos, trabalhados de média e grande dimensão. Alguns panos de parede são mesmo construídos com cantaria assente com junta seca, apoiados directamente sobre o afloramento rochoso cuidadosamente talhado para servir de fundação. Alguns panos são em alvenaria irregular. As paredes exteriores com altura equivalente aos dois pisos, são executadas com pano duplo no piso térreo, onde atingem uma largura próxima dos 80 cm e no piso superior algumas em pano simples com menor espessura. Estas paredes exteriores numa parte do edifício, são rematadas por uma cornija lavrada em cantaria, com desenho simples.

Vãos Todos os **vãos**, independentemente da sua dimensão são realizados com recurso a lintéis executados num único bloco de granito, que por vezes atinge um comprimento de 2 metros. Algumas janelas e porta possuem um lintel com face arqueada, revelando já desenho mais elaborado e algumas frestas no piso térreo resultam da inserção pontual no pano de alvenaria de dois blocos de cantaria sobrepostos, que formam um rasgo horizontal de pequenas dimensões para arejamento.

Também os pilares que suportam a varanda são executados em cantaria de secção quadrangular com cantos facetados e por vezes apoiados em bases com maior dimensão. Estes pilares suportam as vigas de grandes dimensões em granito e em madeira que estruturam a varanda. Todas as escadas exteriores são em granito, sendo as duas escadas da fachada principal da casa, executadas com degraus, patamar e guardas em cantaria lisa e simples, enquanto a escada do interior do pátio é muito tosca.

Pormenores decorativos Alguns **pormenores** da casa apontam para preocupações estéticas com carácter apenas decorativo, como é o caso dos merlões e do pequeno nicho introduzidos sobre o portal, ou da pedra da única sacada voltada a poente, suportada por cachorro com voluta com desenho e expressão totalmente distinta da restante casa.



Figura 70 e 71
Interiores



Figura 72
Janela com
caixilharia

Figura 72
Laje aligeirada da
cozinha



Figura 73
Sequeiro, eira e
espgueiro

O segundo material mais presente na edificação é a **madeira**, logo seguido pelo barro utilizado nas coberturas em telha cerâmica.

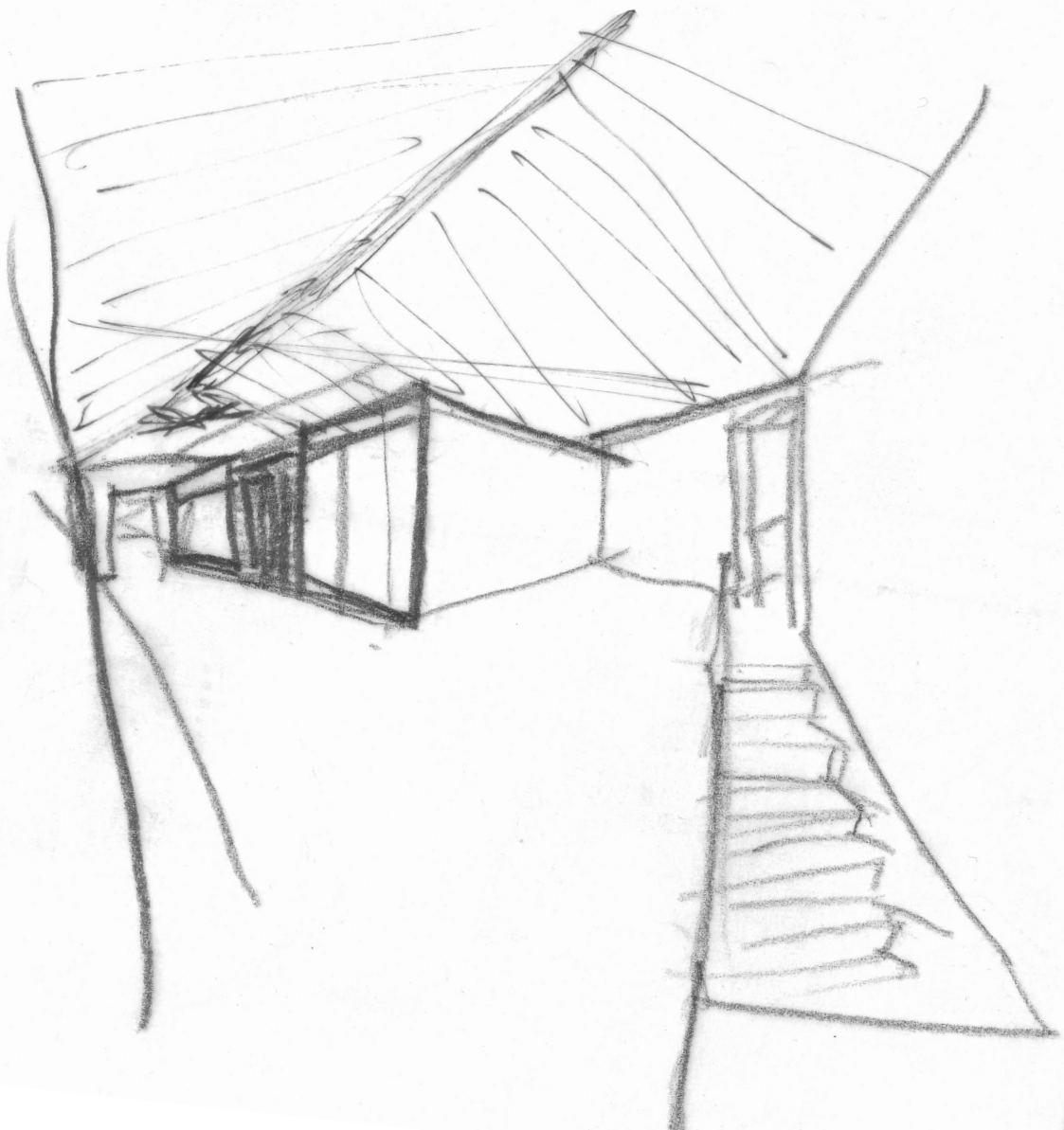
A estrutura dos pavimentos do piso superior e da cobertura são executadas com traves roliças de madeira de castanho no caso do pavimento, e traves aparelhadas de pinho e eucalipto, no caso da cobertura, decorrente da intervenção recente. Os pavimentos são em tábua corrida de dimensão e madeiras variáveis e no corpo a Sul já apresentam um soalho introduzido quando da execução da cobertura. As caixilharias também são todas executadas em madeira.

Existem ainda pontualmente num dos corpos da casa dois pequenos compartimentos divididos com paredes de taipa e com tectos em fasquio. Noutros espaços da casa aparecem ainda divisórias executadas simplesmente com tábuas de madeira, num sistema *de saia e camisa*.

Salienta-se a existência na sala principal da casa de um único tecto em masseira, de madeira. Pela armação visível no desvão, parece ter existido mais um tecto deste tipo no espaço contíguo a esta sala. Os restantes espaços não possuem tectos.

Refere-se, que na última e recente intervenção na casa foi introduzida uma laje de vigotas pré-esforçadas na cozinha a Norte, sendo esta a alteração mais significativa encontrada neste edifício.

O corpo do sequeiro executado em alvenaria de granito mais pobre, possui cobertura em telha estruturada em madeira. Salienta-se neste volume, o pavimento que se prolonga para o exterior em toda a eira, constituído por lajes de grande dimensão, que chegam a atingir as medidas 1,60m x 2.70 m, as quais embora não possuam desenho regular estão todas rigorosamente encaixadas. Também o espigueiro é executado com uma estrutura em granito e paredes e pavimento em ripado de madeira. Na cobertura possui telha conforme é habitual nesta região.



PROJECTO

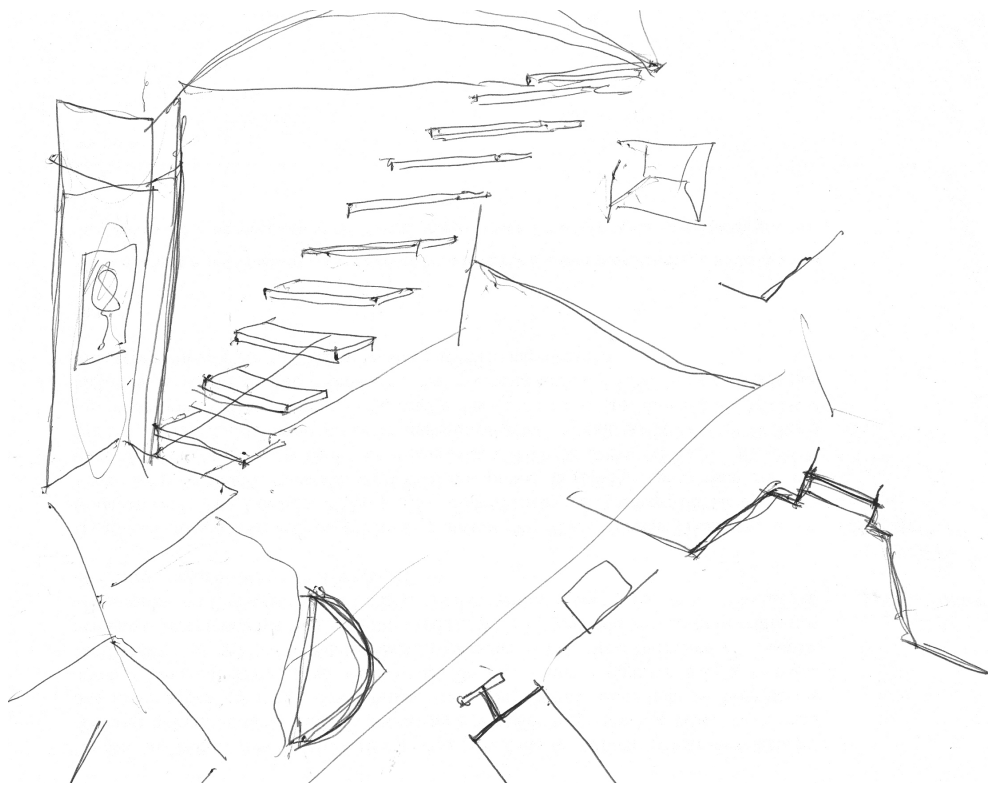


Figura 74
Esquasso

‘De há muito que nos conhecíamos...

Mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos iniciamos o romance da sua – e nossa – transformação. Havia que tocar-lhe e tocar-lhe foi um acto de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projecto e estimador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho no papel.

(...) De há muito que nos conhecíamos.

*Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes.*⁸⁵

A parte final da dissertação consiste na explicitação do projecto de reabilitação da Casa de Além que constitui o caso de estudo.

A reflexão feita nos capítulos anteriores garante uma abordagem ao projecto fundamentada na percepção e interpretação do lugar. O processo de apreensão e análise do caso de estudo, sustenta a necessidade de compreender o objecto onde se vai intervir, de forma a permitir uma abordagem ao enquadramento actual da arquitectura popular, bem como pensar que papel desempenha na contemporaneidade.

Apesar de se tratar de um exercício académico, constitui simultaneamente uma oportunidade de desenvolver um estudo de suporte à concepção de um projecto concreto que se pretende sirva de base a uma eventual futura intervenção. Temos consciência de que o processo deste projecto se prolongará até à fase de obra, confrontando o desenho com as questões que forem surgindo, tanto mais que estamos perante uma reabilitação. Tal como Fernando Távora escreve sobre o seu projecto para a Casa da Covilhã *“um acto projectual bem diferente do comum: visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sobre sempre novos problemas com paralelo esforço de manutenção da unidade de trabalho, pouco desenho de atelier, relação permanente com o dono de obra e com as várias artes da construção.”*⁸⁶

O carácter, a expressão, o bom estado de conservação e a grande autenticidade das estruturas pré-existentes, são factores que condicionaram muito os princípios base do projecto, levando a que desde o início se optasse pela sua manutenção. Pretende-se assim com o projecto de intervenção desenvolvido, para além da conservação e restauro do edifício em si, reforçando-o construtivamente para assegurar a sua continuidade, a definição de uma organização programática cor-

85 TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial Blau, Lda., 1993, p. 130

86 TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial Blau, Lda., 1993, p. 162

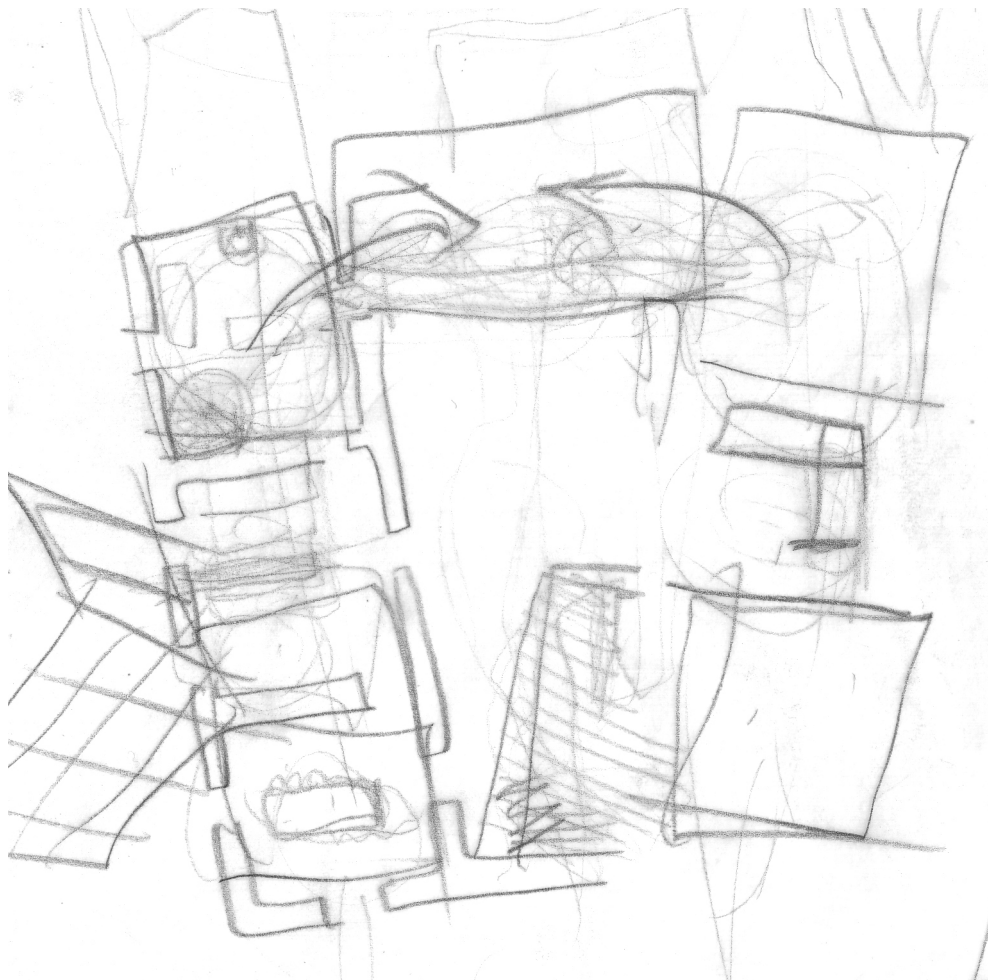


Figura 75
Esquisso

respondente aos requisitos dos novos proprietários, dotando-o das condições de habitabilidade adequadas ao século XXI. Procura-se uma nova funcionalidade sem a perda da identidade do edifício.

Programa

As conversas com os clientes permitiram abordar as intenções e as exigências que haviam definido para o conjunto, mas não estabeleceram um programa fixo. O desejo de reabilitar a casa de forma consistente e cuidada, expressa na sensibilidade demonstrada pelas questões da arquitectura, constituía uma das preocupações transmitida pelos proprietários.

Em termos de programa, os objectivos dos proprietários traduzem-se no desejo de ter uma segunda habitação em Cabeceiras de Basto, na aldeia onde um deles nasceu. Como residem na cidade do Porto, a casa é para ser utilizada pontualmente aos fins-de-semana e nas férias.

Uma das exigências formulada, condicionante fundamental no desenvolvimento projecto, foi a possibilidade de a casa permitir a utilização em simultâneo por dois agregados familiares (dois filhos), com autonomização de cada uma das partes, mas também admitir a sua utilização total pela própria família, em ocasiões em que se reúnam as várias gerações, sem haver um sentimento de ocupação de dois fogos distintos. Coloca-se mesmo a eventualidade de a família poder ocupar uma das habitações enquanto a outra poderá destinar-se a turismo. Foi ainda solicitado que um dos fogos possuísse um espaço mínimo para abrigo pontual do casal - um quarto e cozinha/sala com uma habitabilidade prática e confortável (por questões de aquecimento, limpeza, economia de meios, etc). Esta grande versatilidade programática, definida desde o início, foi uma das condicionantes com maior importância nas decisões tomadas no projecto a diferentes níveis.

Os clientes manifestaram ainda alguns aspectos relativos à ocupação dos espaços, quer através de uma preferência por espaços amplos/livres que permitam a colocação da muita mobília que possuem, bem como a necessidade de manter alguns dos espaços no piso térreo para arrumação.

É também importante para os proprietários favorecer uma franca relação das habitações com o espaço exterior, não só visual mas também física. Torna-se evidente a preocupação com a criação de um espaço destinado a jardim, até agora inexistente, sugerindo a sua localização no campo disposto a Poente. É seu desejo terem uma piscina.

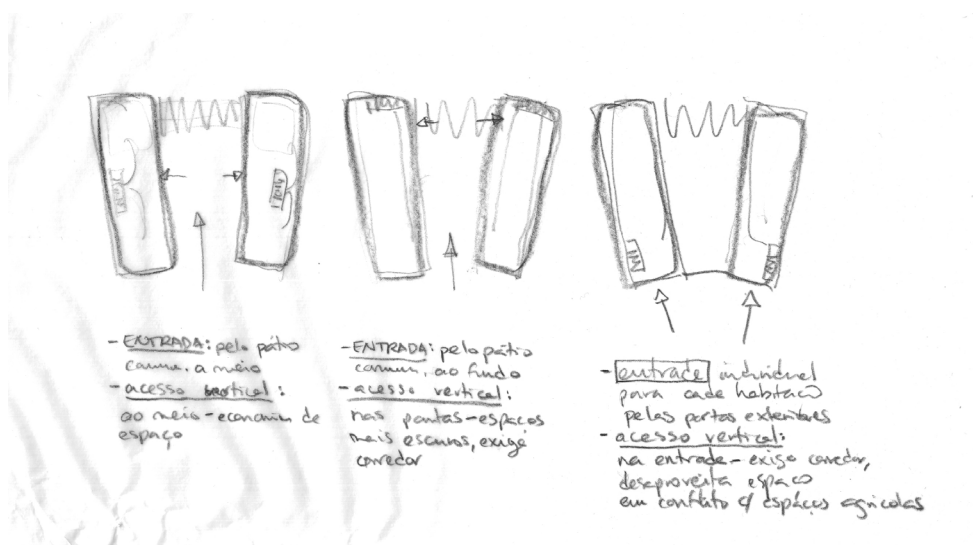


Figura 76
Estudo das possibilidades de entrada

Sentimos demonstrações de alguma nostalgia no discurso do proprietário, fruto das vivências que possui da sua infância associadas ao lugar e dado que ter uma casa nesta aldeia, era um objectivo que o acompanhava ao longo da sua vida e que agora está mais próximo de ser concretizado. Cremos por isso, que esta seja uma importante condição para a realização deste projecto.

Memória Descritiva

O conjunto de edifícios que compõe a Casa de Além, formam um pequeno núcleo coeso, apesar da divisão física imposta pelo caminho público que o atravessa. A cada vez mais reduzida utilização do percurso e a distribuição programática do projecto permite atenuar essa fragilidade contribuindo para a unidade do conjunto. O espaço do largo que se dispõe na chegada à casa parece-nos fundamental que se mantenha como rótula de ligação entre os diversos elementos deste conjunto: a casa, o sequeiro, a eira, a piscina e os campos.

O edifício principal da casa continuará a assumir o papel fundamental onde se desenvolve toda a vida familiar quotidiana. No sequeiro organiza-se um espaço de apoio à piscina com uma casa de banho e uma sala que se abre sobre a eira e onde ainda existirá um quarto extra. O espigueiro conserva-se na sua essência mantendo as funções de apoio à actividade agrícola, ao mesmo tempo que serve de protecção visual à piscina.

Como já foi referido as idas ao local, tiveram um papel fulcral no reconhecimento e apreensão do espaço, revelando pormenores novos em cada visita. Foi através da análise e reflexão sobre o que determina a Casa de Além que, quase de forma intuitiva, surgiu a divisão do espaço em dois corpos, correspondentes a duas habitações. A disposição do edifício em U, conduziu a uma natural divisão desta em dois fogos, definindo um eixo longitudinal no pátio que separa a casa que se desenvolve no corpo a Sul (casa A), da outra a instalar no corpo a Norte (casa B). Surgiram contudo, alguns aspectos relacionados com a acessibilidade, que foram mais difíceis de resolver. A existência de um único portão central na fachada, que dá acesso ao pátio interior, comum às duas casas, levou a que se considerasse mais oportuno utilizar as duas portas existentes na fachada principal, como entradas independentes para cada habitação, não invalidando a possibilidade de uma utilização eventual através do portão.

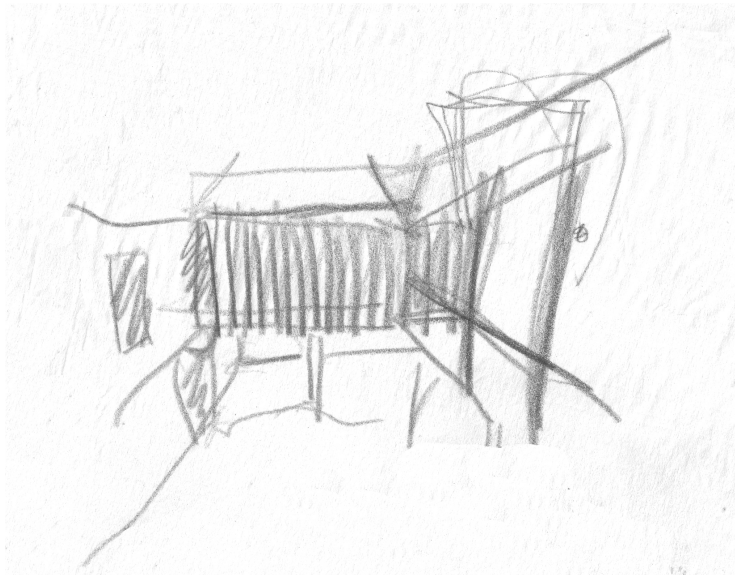


Figura 77
Vista do pátio para
o alpendre

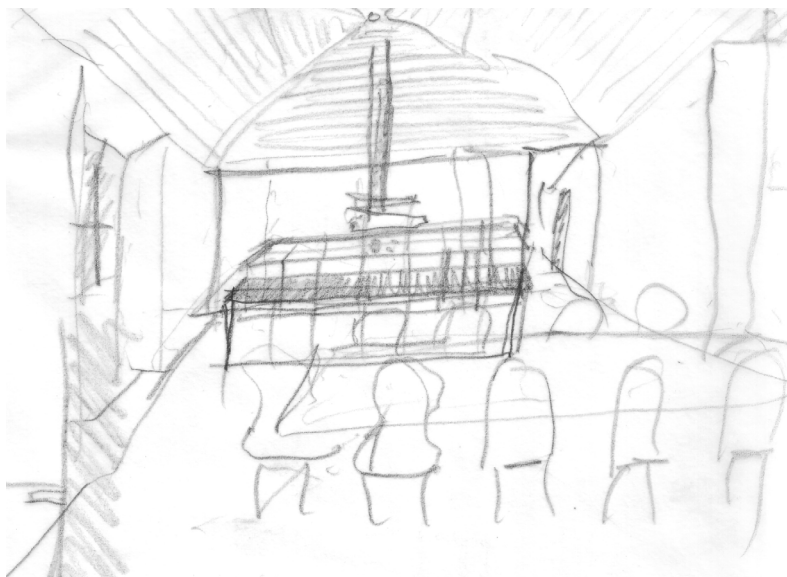


Figura 78
Esquisso

O pátio O pátio foi um elemento determinante no desenvolvimento do projecto, porque é um espaço com grande beleza natural, onde a forte presença do afloramento granítico á superfície permite um aproveitamento da sua riqueza plástica que nos interessou. Apesar de desde logo ter sido claro que o afloramento estruturava a própria construção, só com a limpeza do pátio foi possível sentir a grande rudeza e austeridade que toda essa massa granítica presente no pavimento e que se prolonga para as paredes transmite ao ambiente.

Foi este contexto que levou ao estabelecer do pátio, na organização formal do projecto, como elemento de contemplação, pois a sua fisionomia irregular dificulta a permanência no local. Não interferir com a beleza natural do pátio foi uma opção de projecto que levou à tomada de outras opções como a escolha das entradas na casa. Pontualmente serão instaladas estruturas para regularização do pavimento, de forma a facilitar o desempenho de algumas circulações, nomeadamente contribuir para uma ligação das duas casas ao jardim através do seu outro vão – portal poente.

Organização

A nova organização formal estabelecida para cada habitação estabelece uma divisão clara do programa em duas zonas: de dormir e de lazer. Aproveitando o princípio das casas tradicionais minhotas estudadas anteriormente, optou-se por organizar no piso inferior, anteriormente destinado às cortes e arrumos e por isso com menos aberturas, menos luminosidade e com um pé direito mais condicionado, a zona dos quartos, enquanto no piso superior, à semelhança dos referidos modelos, se desenvolvem os espaços para utilização comum do agregado familiar como as cozinhas, zonas de refeições e as salas. Apesar desta separação programática entre pisos, pretende-se que exista uma franca relação da casa com o espaço exterior, pelo que se localizaram as escadas e espaços de circulação dos dois pisos no topo poente das casas. Criou-se ainda um espaço com uma função mais versátil que pode ser utilizado alternativamente como escritório ou como quarto, uma vez que aparece associado a uma casa de banho. Assim torna-se possível o funcionamento do piso superior das casas autonomamente, tal como foi solicitado pelo cliente.

A opção de manutenção da cozinha original na casa B, condicionou a restante organização de toda a casa, obrigando à abertura de um novo vão de ligação interior aos restantes espaços, pois esta fazia-se originalmente apenas através da varanda exterior. No espaço mais amplo instalou-se a sala de estar, criando um

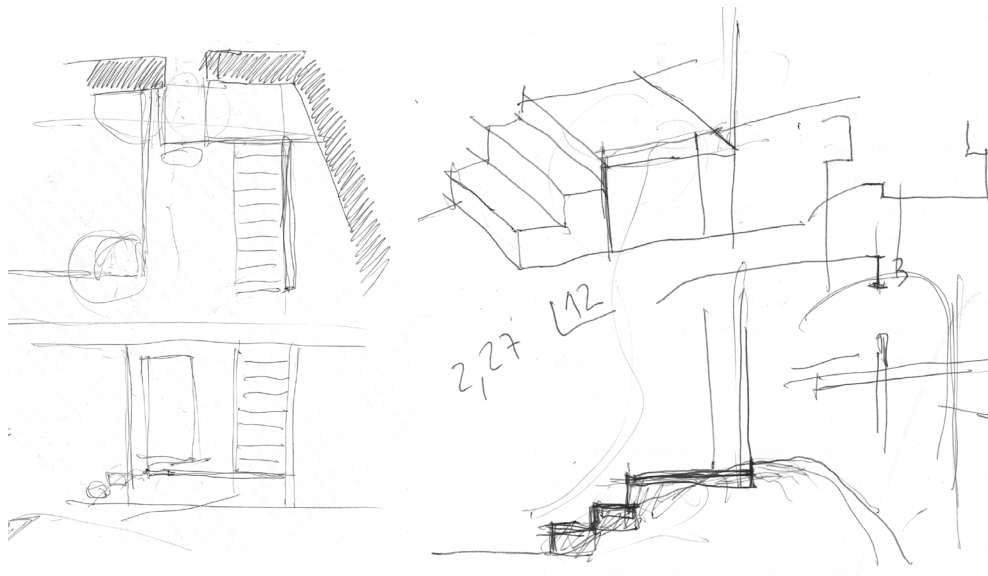


Figura 79
Estudos para o posicionamento de umas escadas sobre a rocha

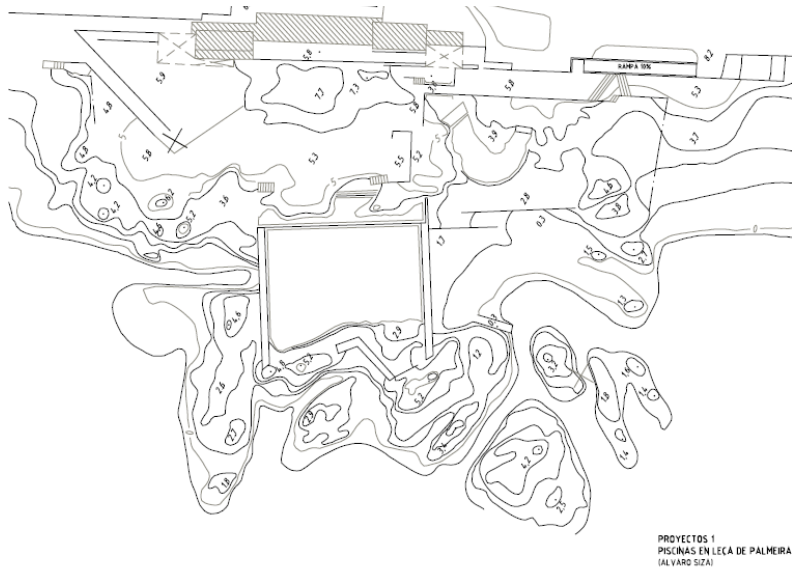


Figura 80
Planta da Piscina da Marés do arquitecto Álvaro Siza Vieira



Figura 81
Escadas entre um rasgo na rocha no "El Pedregal", projecto de Luis Barragán

módulo solto para sua divisão onde se desenvolve a casa de banho. De um lado está a lareira que define a organização da sala enquanto do lado oposto se desenha um armário com cama rebatível, que transforma o espaço em quarto quando necessário, sendo possível o seu resguardo através de uma porta de correr.

Relativamente à área existente entre as duas casas (piso superior), considerou-se que poderia ser reservado a um grande espaço comum, transformado numa varanda fechada, que poderá albergar os mais diversos usos. Quando as duas casas estiverem ocupadas por vários núcleos de uma mesma família, este espaço funciona como elo de ligação entre as duas habitações, conforme exigência dos proprietários. Trata-se de um dos espaços mais interessantes da casa, graças à sua orientação solar favorecida e dada a ligação que estabelece quer com o pátio quer com o futuro jardim.

Expressão do edifício

O edifício caracteriza-se fundamentalmente pela clareza dos seus volumes e pela linguagem austera dos seus alçados exteriores, marcados pelo encerramento praticamente total do piso térreo, afirmando-se quase como um embasamento apenas rompido na zona dos portais e pontuado na parte superior apenas por pequenos vãos (anelas).

A expressão de uma grande massa compacta granítica afirma-se na paisagem e reforça-se com a sua implantação sobre o afloramento. O tema da pedra esteve sempre presente durante o desenvolvimento deste trabalho, o que levou ao recurso a modelos que trabalham a interação com este material no seu estado bruto. A incorporação do traçado contemporâneo da rocha presente em obras como as piscinas de Leça do arquitecto Álvaro Siza Vieira ou o esculpir de um novo traçado de pedaço de cidade como fez Luis Barragan no projecto para El Pedregal, foram referências chave para a resolução de algumas questões.

Conservar a identidade

A identidade dos edifícios que compõem este conjunto, marcada pelo seu valor histórico, geográfico e cultural, são factores que definem o projecto e sustentam as decisões tomadas nesta intervenção que se pretende capaz de construir uma interpretação contemporânea do objecto. Contudo, gostaríamos que a sua identificação com a arquitectura popular fosse salvaguardada o mais possível. A manutenção dos diferentes aparelhos de pedra, da volumetria, da expressão dos vãos bem como o desenho de alguns dos pormenores dos pavimentos, dos pilares e cachorros em madeira que sustentam a varanda, constituiu um desafio que quisemos assumir desde o início. A grande dificuldade, está na capacidade de encontrar soluções compatíveis com as “imperfeições”, que fazem parte inte-

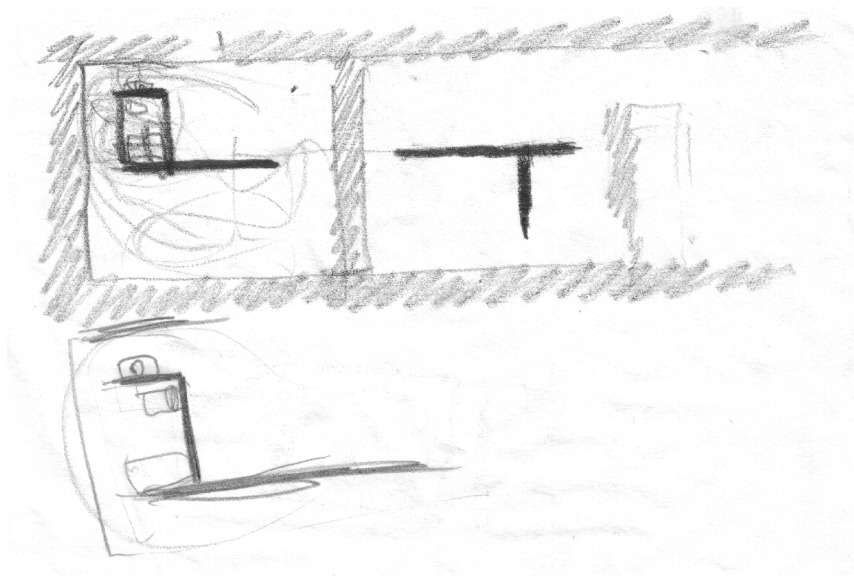


Figura 82
Ideia de projecto.
Contraste das
paredes de granito
maciço com a
nova intervenção

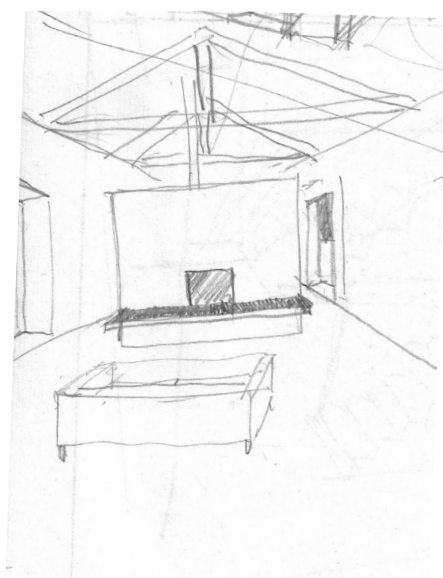


Figura 83
Esquisso da sala
do corpo B



Figura 84
Centro de Artes
Visuais, projecto
de João Mendes
Ribeiro

grante da estética da arquitectura popular, mas que não integram o vocabulário dos arquitectos.

Intenções

Toda a intervenção procura seguir um mesmo princípio de interacção com o existente. Uma das realidades que se manifestou mais impressionante na leitura do edifício foi a dimensão e a expressão das robustas paredes em alvenaria de granito que rondam os oitenta centímetros de espessura bem como os fortes pilares, em contraste com todos os restantes elementos de madeira, frágeis e com carácter efémero. Face a este cenário, a ideia de intervenção aposta neste contraste de expressões já existentes no edifício. Quer-se que a intervenção tenha um carácter transitório, pouco intrusivo de forma a permitir que o “peso” da história e a memória da construção do lugar continuem a ter presença dominante na vivência dos espaços, garantindo apesar disso todas condições de habitabilidade e conforto que uma habitação exige actualmente.

Tomou-se assim a decisão de resolver o projecto, optando por tratar as paredes em granito quase como uma “carcaça” pré-existente, à qual se pretende dar toda a importância, intervindo através de soluções pontuais, soltas, estruturadas em madeira, com um desenho limpo, para que adquiram a expressão desejada.

A madeira assume especial relevância no desenvolvimento do projecto, pelo seu carácter mais frágil mas compatível com as técnicas tradicionais presentes na construção que se pretendem respeitar e ainda com uma grande versatilidade de desenho. Ao intervir numa pré-existência com estas características, estamos condicionados por uma série de factores que obriga a uma constante adaptação das soluções projectadas, que necessitam de ser desenhadas caso a caso em resposta a cada problema.

No projecto de tese, as paredes novas adoptam um desenho reticulado, com uma base ortogonal e procuram criar um afastamento às paredes existentes. Quando existem portas, estas estão posicionadas nas extremidades das paredes, reforçando esta autonomia. Procura-se um efeito de caixa dentro de caixa, à semelhança da intervenção do arquitecto João Mendes Ribeiro no Centro de Artes Visuais, onde foi explorada esta ideia.

Soluções Construtivas

Considerou-se que a cobertura do edifício, embora tenha sido renovada há relativamente poucos anos, não se encontra em condições para ser mantida, dada a fraca estrutura que apresenta. Para além disso pensa-se que a sua actual expressão (tipo de telha, desenvolvimento da cobertura, beirado, etc) não valoriza o conjunto. Desta forma, optou-se pela sua substituição integral. Definiu-se uma

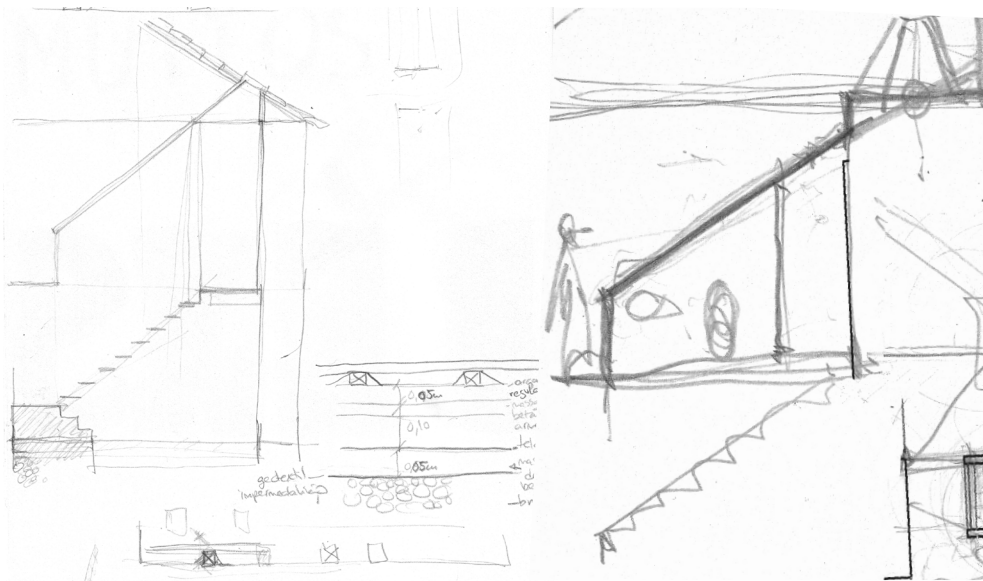


Figura 85 e 86
 Esquissos da clarabóia de iluminação das escadas e corredor do corpo A

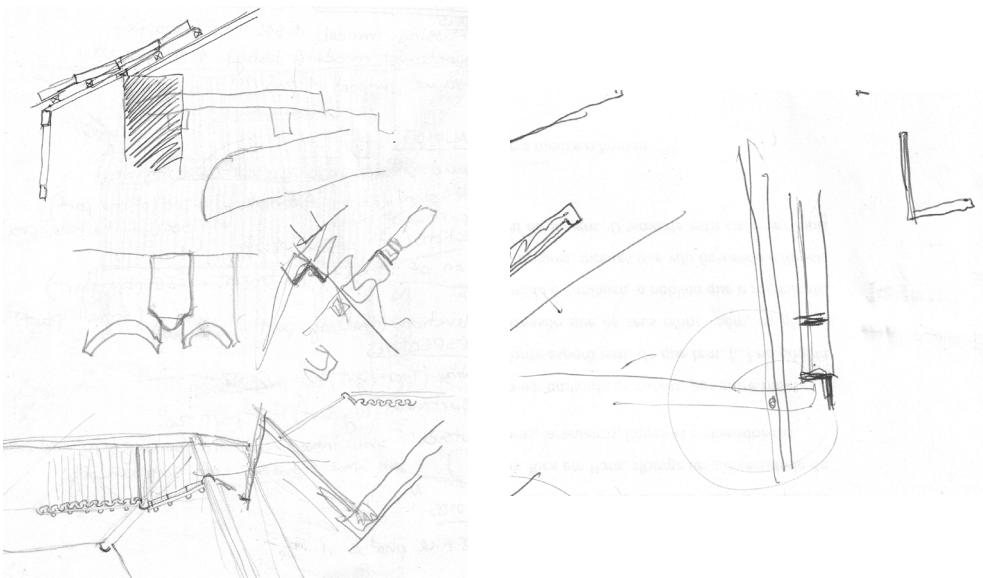


Figura 87 e 88
 Esquissos de pormenores da cobertura e portas

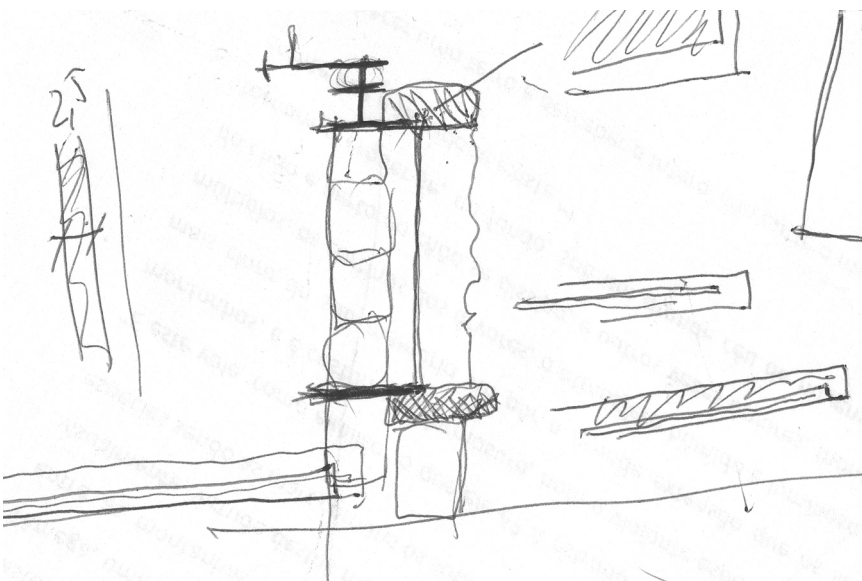


Figura 89
 Esquisso do pormenor de abertura do novo vão associado à nova cornija

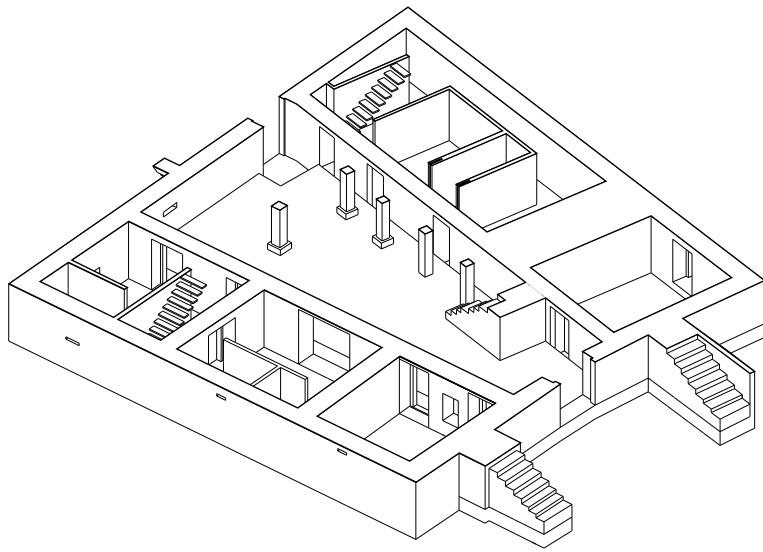
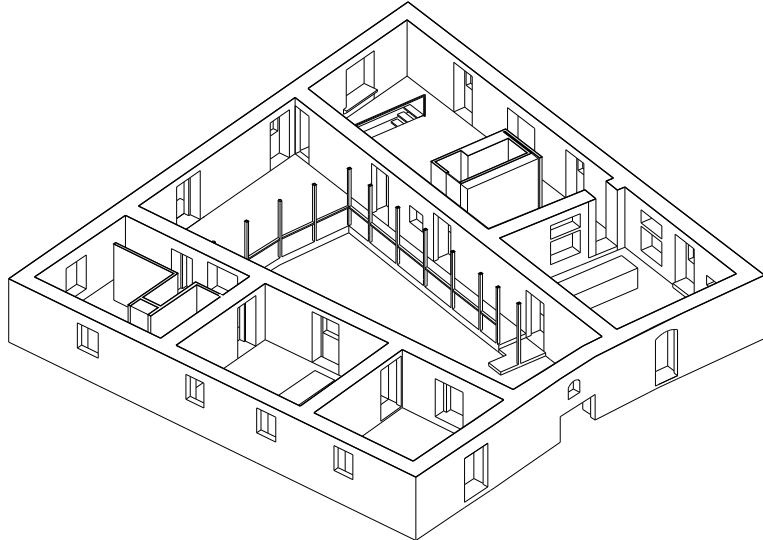
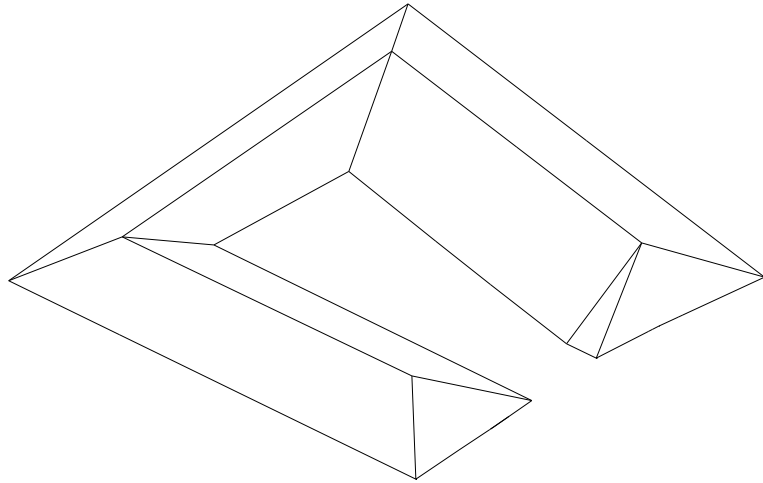
nova composição e desenho para os elementos estruturais, optando-se por um sistema em asnas de madeira, com introdução de um forro também de madeira até aqui inexistente. Recorreu-se a uma telha idêntica ao modelo tradicional (telha de canudo), que permite o desenvolvimento de um beirado, na tentativa de uma aproximação à que terá sido a expressão original da cobertura. Por questões de uniformização e para um melhor funcionamento desta, nas paredes exteriores sem cornija, projecta-se uma chapa de aço “corten” avançando sobre a parede prefazendo o mesmo efeito da cornija já existente em dois dos alçados. Esta faz o remate da parede e serve de apoio ao beiral. Procurou-se melhorar o desempenho térmico do edifício com a introdução de isolamento na cobertura, pavimentos e em algumas paredes do piso inferior, nomeadamente nos quartos para garantir um maior conforto.

A luz A reduzida luminosidade dos espaços pré-existentes foi uma das problemáticas estudadas ao longo do processo. Deparamo-nos com um tipo de construção em que os vãos dos compartimentos habitáveis são de reduzidas dimensões, por uma questão de defesa contra o clima austero e ainda porque a ocupação dos espaços durante períodos de tempo curtos e apenas durante a noite, não tornava a existência de luz natural dentro do edifício uma questão relevante. Seduzidos inicialmente pela possibilidade de uma alteração formal, através de recursos a técnicas e desenho contemporâneos, depressa se abandonou a ideia, pela interferência que essa opção teria na identidade do edifício. Optou-se então por manter o mais possível a sua expressão já enraizada, conservando-se os vãos originais agora com novo desenho de caixilharia, onde se privilegiou a entrada de luz. Estas foram executadas em madeira e vidro duplo para garantir um melhor isolamento. Pontualmente no alçado Poente, onde pareceu absolutamente necessário, rasgou-se um novo vão no local onde existe um armário de parede, assumindo-se uma linguagem contemporânea através da utilização de materiais distintos do resto do edifício, nomeadamente o ferro. Este grande vão ilumina o espaço da sala do piso superior bem como a escada e permite uma relação da sala com a paisagem e com o jardim que de outra forma não se estabelecia.

Infra-estruturas O programa do edifício e as novas condições de habitabilidade obrigam a prever a introdução de uma série de infra-estruturas a que estas construções não estão habituadas, nomeadamente rede de águas e saneamento, electricidade e aquecimento entre outras. Apesar de não existirem os respectivos projectos de especialidade, existiu uma preocupação desde o início, na organização dos espaços, para que as opções encontradas não exigissem soluções muito intrusivas para o

Desenhos de Projecto

1. Planta de Coberturas
2. Planta de Implantação
3. Planta do Piso 0
4. Planta do Piso 1
5. Alçados 1
6. Alçados 2
6. Cortes Transversais
7. Cortes Longitudinais
8. Pormenores
9. Axonometria
10. Vistas interiores
11. Maquete de implantação



Axonometria
explodida



Vista interior da cozinha



Vista interior da sala do corpo Norte

Este é o início de uma história para além da Casa de Além...

Referências Bibliográficas

Livros:

- AA.VV., *Arquitectura Popular Em Portugal*, 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980.
- AA.VV., *Cabeceiras de Basto: História E Património*, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013.
- AA.VV., *Câmara Municipal de Lisboa, Chiado em Detalhe*, Álvaro Siza, Lisboa: Guide- Artes Gráficas, Lda., 2013.
- AA.VV., *Caminhos do Património*, Lisboa: DGEMN E Livros Horizonte, 1999.
- AA.VV., *Fernando Távora*, Corunha: COAG, 2002.
- AA.VV., *Fernando Távora. Modernidade Permanente*, Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012.
- AA.VV., *Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*, Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001.
- AGUIAR, José, CABRITA, A.M. Reis, APPLETON, João, *Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais*, Vol. 1., Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2005.
- ALVES COSTA, Alexandre, *Introdução ao estudo da História da Arquitectura Portuguesa*, Porto: FAUP Publicações, 2007.
- APPLETON, João, *Reabilitação de Edifícios Antigos. Patologias e tecnologias de Intervenção*, Amadora: Edições Orion, 2003.
- BARATA, José P. Martins., *Arquitectura Popular Portuguesa - Casas Portuguesas*, Portugal: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1989.
- BLASER, Werner, *Eduardo Souto de Moura: Stein Element = Element Stone*, Alemanha: Birkhäuser, 2003.
- BOITO, Camillo, *Conserver ou Restaurer. Les Dilemmes du Patrimoine*, França: Les Editions de L'Imprimeur, 2000.
- CANNATÀ, Michel e FERNANDES, Fátima, *Territórios Reabilitados*, Casal de Cambra, Caleidoscópico, 2009.
- CASELLA, Gabriella, *Gramáticas de Pedra - Levantamento de Tipologias de Construção*

Murária, Porto: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003.

CIANCETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: Casas 1954-2004*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2004.

COTTER, Ana Berkeley, *Casa em Pardelhas: O Desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular*, 2013.

DIAS, Manuel Graça, João Mendes Ribeiro, *Arquitectura e Cenografia*, Coimbra: XM, 2003.

ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, *Eduardo Souto de Moura*, Milão: Editorial Gustavo Gili, 2003.

FRAMPTON, Kenneth, *Introdução ao Estudo da Cultura Tectónica*, Lisboa: A.A.P. Contemporânea, 1998

FERNANDES, Fátima, CANNATÀ, Michele, *João Mendes Ribeiro Arquitecto. Obras e Projectos 1996-2003*, Porto: ASA Editores, S.A., 2003.

FERNANDES, José Manuel, *Português Suave. Arquitecturas do Estado Novo*, Lisboa: IPPAR, 2003.

GASPAR, Jorge, *As Regiões Portuguesas*, Lisboa: M.P.A.T..S.E.P.D.R., 1993.

JOSÉ, Geraldo, DIAS, Amadeu Coelho, *O Mosteiro de São Miguel de Refojos - Joia do Barroco em Terras de Basto*, Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2009.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel B., *Património Arquitectónico E Arqueológico – Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

MATTOSO, José, *História Da Vida Privada Em Portugal - A Idade Moderna*, Maia: Circulo de Leitores, 2011.

MENÉRES, António, *Dos Anos Do Inquérito À Arquitectura Regional Portuguesa*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2006.

NEVES, José Manuel das, *Adalberto Dias, Arquitecturas*, Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA, 2005.

PACHECO, Hélder, *Portugal. Património Cultural Popular 1 - O Ambiente Dos Homens*, Porto: Areal Editores, n.d.

REBELO, Pequito, *A Terra Portuguesa*, Lisboa: Ottosgráfica, 1929.

RIBEIRO, Orlando, *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*, Livros Horizonte, n.d.

- RIBEIRO, Orlando, Portugal. *O Mediterrâneo e o Atlântico*, 4a ed, Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1986.
- RODRIGUES, Jacinto, *Álvaro Siza. Obra e Método*, Porto: Civilização Editora, 1992.
- RODRIGUES, Maria João M., SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel P., *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Coimbra: Quimera Editores, 1990.
- SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Lisboa: Editorial Caminho, 1992.
- SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza: Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, Lda, 1998.
- SIZA, Álvaro, *Álvaro Siza: Uma Questão de Medida*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.
- SIZA, Álvaro, *Textos 01*, Porto, Civilização Editora, 2009.
- SOLÀ-MORALES, Ignacio de, *Intervenciones*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2006.
- SUDJIC, Deyan, *John Pawson: Works*, London: Phaidon Press Limited, 2000.
- TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, 2ª Edição, Porto: ESBAP, 1982.
- TÁVORA, Fernando, *O Problema Da Casa Portuguesa*, Vol. Serie I, Cadernos de Arquitectura I, Lisboa: Editorial Organizações, Lda, 1947.
- TEIXEIRA, Gabriela B.; BELÉM, Margarida C., *Diálogos de Edificação. Técnicas Tradicionais de Construção*, Portugal: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais, n.d.
- TEIXEIRA, Manuel C., *Arquitecturas Do Granito. Arquitectura Popular*, Arcos de Valdevez: Município Arcos de Valdevez, 2013.
- TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto de Moura*, Lisboa: Editorial Blau, 1994.
- TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial Blau, 1993.
- VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim, *Construções Primitivas em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

Teses e Dissertações de Mestrado:

FERREIRA, Nelson, João Mendes Ribeiro. Entre o efémero e o perene, FERNANDEZ, Sérgio (orien.), Porto: FAUP, 2002/2003.

CLEMENTINO, Luísa, Fernando Távora. De O Problema da Casa Portuguesa ao Da Organização do Espaço, FIGUEIRA, Jorge (orien.), Coimbra: FCTUC, 2013.

TRAVANCA, Margarida, A Memória e a Transformação. A Quinta do Bom Gosto, COSTA, Nuno B. (orien.), Porto: FAUP, 2010/2011.

Artigos, Entrevistas e Publicações Periódicas:

LEAL, João, Conferência Arquitecto Marques da Silva 2008. Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos: Estudo sobre a Arquitectura Popular no século XX Português, Porto: Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, 2009 -<http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>

Álvaro Siza, “Interview”, Plan Construction, 11º sessão, Maio 1980) – Revista En Blanco nº1 2008 - verificar

El Croquis 127, John Pawson 1995 – 2005 Pausa para Pensar. Madrid: El Croquis Editorial, 2005.

El Croquis 158, John Pawson 2006 – 2011 La Voz de la Materia. Madrid: El Croquis Editorial, 2011.

AA.VV., Álvaro Siza: 1954-1988, Tokyo: Architecture and Urbanism, 1989 June Extra Edition, Tokyo, Japan.

Entrevista a Siza Vieira na Jornal Arquitectos nº 224 tema Morada, Julho-Setembro, 2006

El Croquis 140, Álvaro Siza 2001 – 2008 El Sentido de las Cosas. Madrid: El Croquis Editorial, 2008.

Referências Electrónicas:

<http://www.adalbertodias.com/>

<http://cabeceirasdebasto.pt/>

<http://cartaarqueologica.cabeceirasdebasto.pt/>

http://www.international.icomos.org/centre_documentation/pdf.htm

<http://www.johnpawson.com/>

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

<http://www.archdaily.com/>

Índice de Imagens

I ENQUADRAMENTO:

Separador “Paisagem”: in CASELLA, Gabriella, Gramáticas de Pedra - Levantamento de Tipologias de Construção Murária, Porto: CRAT - Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003, capa.

1. Arquivo Pessoal
2. <http://umpardebotas.blogs.sapo.pt/966136.html>
3. http://web.letras.up.pt/asaraujo/geofis/hipso_Portugal.JPG
4. GASPAR, Jorge, As Regiões Portuguesas, Lisboa: M.P.A.T.S.E.P.D.R., 1993, p. 20
5. <http://cabeceirasdebasto.pt/>
- 6-8. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal, 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 8 e 9
9. <https://hicventerhicsalta.files.wordpress.com/2014/08/baixo-minho-bonita.jpg>
10. http://3.bp.blogspot.com/_q2niY7e9F2A/SAJKtC8FfIAAAAAAAAAAYs/46AEiazpS4E/s400/Basto.jpg
11. <http://www.monumentos.pt/>
12. http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Postais3/CabeceiBasto/001_Cabeceiras.jpg
- 13-14. AA.VV., Cabeceiras de Basto: História E Património, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 155 e 162.
15. Ortofotomapa de Cabeceiras de Basto
16. Desenho gráfico do autor.
- 17-20. Arquivo pessoal.
21. Manual do Pedreiro
- 22-24. Arquivo Pessoal.
- Separador “Construído”: Arquivo pessoal.
- 25-26. VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim, Construções Primitivas em Portugal, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p.
27. AA.VV., Cabeceiras de Basto: História E Património, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 29
28. Idem, p. 23
29. <http://www.castromozinho.org/mozinho/index.php/tes-menu2>
30. <http://delisboaparaportugal.blogspot.pt/2013/05/citania-de-santa-luzia.html>
31. <http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>
32. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 48
33. <http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>
34. http://3.bp.blogspot.com/nOQH3nQOIQM/Tt1_XLsVrEI/AAAAAAAAADCU/Cja-yjH_sYs/s1600/casas+portuguesas.JPG
35. <http://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf>
36. FERNANDES, José Manuel, Português Suave. Arquitecturas do Estado Novo, Lisboa: IPPAR, 2003, p. 45.
37. AA.VV., Caminhos do Património, Lisboa: DGEMN E Livros Horizonte, 1999, p. 47.
38. <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/aveiroarte/anual2006/Imagens/FTavora01.jpg>
39. o problema da casa portuguesa????? p. 21
40. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, capa.
41. AA.VV., Fernando Távora. Modernidade Permanente, Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 25.
42. AA.VV., Cabeceiras de Basto: História E Património, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 29
43. http://aldeiademalcata.blogspot.pt/2012_11_01_archive.html
44. Arquivo pessoal
45. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 3
46. Arquivo pessoal
- 47-51. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 38, 28, 25, 37 e 39.
- 52-53. Arquivo pessoal.
54. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p.
- 55-56. VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p.
57. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 41
- 58-59. VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 112 e 120
60. Arquivo pessoal
61. VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 124.
- 62-64. Arquivo pessoal.
65. BARATA, José P. Martins. Arquitectura Popular Portuguesa - Casas Portuguesas, Portugal: Correios e Telecomuni-

- cações de Portugal, 1989, p. 42.
 66-70. Arquivo pessoal.
 71. ??????????????????
 72. AA.VV., Cabeceiras de Basto: História E Património, Santo Tirso: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2013, p. 259
 73. Arquivo pessoal.
 74-77. Arquivo pessoal.
 78. AA.VV., Arquitectura Popular Em Portugal. 2a ed. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980, p. 79
 79-91. Arquivo pessoal.

II INTERVENÇÃO

- Separador “Referências”:** AA.VV., Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 55
 1. http://es.wikipedia.org/wiki/Templo_Malatestiano#mediaviewer/File:Tempio_malatestiano_esterno_04.JPG
 2-3. SOLÀ-MORALES, Ignacio de, Intervenciones, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 2006, p. 19.
 4. <http://www.saber.es/web/biblioteca/libros/catedral-de-leon-historia-y-restauracion/html/fotos/f015.htm>
 5. http://dc441.4shared.com/doc/6_Ulb2Ys/preview008.png
 6. <http://www.akg-images.co.uk/Docs/AKG/Media/TR5/2/6/5/0/AKG263077.jpg>
 7. <http://www.victorianweb.org/painting/ruskin/wc/34.html>
 8. BOITO, Camillo, Conserver ou Restaurer. Les Dilemmes du Patrimoine, França: Les Editions de L’Imprimeur, 2000, p. 48.
 9. TRIGUEIROS, Luiz, Fernando Távora, Lisboa: Editorial Blau, 1993, p. 128.
 10. http://img.photobucket.com/albums/v119/rael_portugal/Arquitectura/Tavora_03.jpg
 11. TRIGUEIROS, Luiz, Fernando Távora, Lisboa: Editorial Blau, 1993, p. 134.
 12-17. COTTER, Ana Berkeley, Casa em Pardelhas: O Desenho de Fernando Távora na Arquitectura Popular, 2013, p. 103-118.
 18-22. RODRIGUES, Jacinto, Álvaro Siza. Obra e Método, Porto: Civilização Editora, 1992, p. 103-109.
 22-25. El Croquis 127, John Pawson 1995 – 2005 Pausa para Pensar. Madrid: El Croquis Editorial, 2005, p. 26-33.
 26-27. NEVES, José Manuel das, Adalberto Dias, Arquitecturas. Casal de Cambra: Caleidoscópico_Edição e Artes Gráficas, SA, 2005.
 28-30. <http://www.adalbertodias.com/>
 31. ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, Eduardo Souto de Moura, Milão: Editorial Gustavo Gili, 2003, p. 305.
 32. http://c8.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/B16063dc3/8590960_60jrb.jpeg
 33. AA.VV., Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 73.
 34-35. http://recantoalegna.blogspot.pt/2011_03_01_archive.html
 36-37. AA.VV., Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 66-67.
 38. ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, Eduardo Souto de Moura, Milão: Editorial Gustavo Gili, 2003, p. 307
 39. AA.VV., Santa Maria do Bouro. Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro. Eduardo Souto de Moura, Porto: White & Blue, 2001, p. 51.
 40-44. DIAS, Manuel Graça, João Mendes Ribeiro, Arquitectura e Cenografia, Coimbra: XM, 2003.
 45. [http://www.bienalesdearquitectura.es/archivo/imagenes/biau/04BI/04BI-36/04BI-36%20\(3\).jpg](http://www.bienalesdearquitectura.es/archivo/imagenes/biau/04BI/04BI-36/04BI-36%20(3).jpg)
 46. http://www.mimoa.eu/images/5701_l.jpg
 47. [http://www.bienalesdearquitectura.es/archivo/imagenes/biau/04BI/04BI-36/04BI-36%20\(2\).jpg](http://www.bienalesdearquitectura.es/archivo/imagenes/biau/04BI/04BI-36/04BI-36%20(2).jpg)

Separador “Pré-existência”:

- 48-50 Arquivo pessoal.
 51. Desenho gráfico do autor.
 52-73. Arquivo pessoal.

Separador “Projecto”:

Desenho de projecto feito pelo autor.

- 74-79. Arquivo pessoal.
 80. http://3.bp.blogspot.com/_Sp8r7SGDn9s/TIoSkoLc6CI/AAAAAAAAACE/RK-RyDvomKs/s1600/planta+piscinas.jpg
 81. <http://catalogo.artium.org/sites/default/files/imagenesbody/09/2013/barr1.jpg>
 82-83. Arquivo pessoal.
 84. DIAS, Manuel Graça, João Mendes Ribeiro, Arquitectura e Cenografia, Coimbra: XM, 2003.
 85-89. Arquivo pessoal.

